

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

KERSON ALMEIDA SILVA

**O CONFRONTO ENTRE ÜBERMENSCH E SUPERMAN: REFLEXÕES A PARTIR
DO PENSAMENTO NIETZSCHINIANO SOBRE OS SUPER-HERÓIS**

São Leopoldo

2018

KERSON ALMEIDA SILVA

**O CONFRONTO ENTRE ÜBERMENSCH E SUPERMAN: REFLEXÕES A PARTIR
DO PENSAMENTO NIETZSCHINIANO SOBRE OS SUPER-HERÓIS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientador: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K418c Silva, Kérson Almeida

O confronto entre Übermensch e Superman: reflexões a partir do pensamento nietzschiniano sobre os super-heróis / Kérson Almeida Silva; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.

114 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. História em quadrinhos. 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. 3. Superman (Personagem fictício). 4. Super-heróis. . I. Reblin, Iuri Andréas, 1978. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

KERSON ALMEIDA SILVA

**O CONFRONTO ENTRE ÜBERMENSCH E SUPERMAN: REFLEXÕES A PARTIR
DO PENSAMENTO NIETZSCHINIANO SOBRE OS SUPER-HERÓIS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Data de Aprovação: 18 de abril de 2018.

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – Faculdades EST

*Dedico este trabalho a minha esposa
Madalena e aos meus dois filhos, Keslley
e Keslleyany, e ao meu saudoso
professor de filosofia, Robson Roberto,
que me repassou os grandes
ensinamentos da filosofia.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, como autor e doador de todo o conhecimento.

Ao meu orientador, Dr. Professor Iuri Reblin, que me encorajou e me orientou com extrema competência a enfrentar essa difícil jornada, talvez, não no quilate dos heróis do passado, mas dentro de nossas próprias possibilidades e limitações. As contribuições e os nortes da pesquisa foram delineados com precisão pelo professor Iuri, com sua vasta experiência acadêmica e sua intimidade com o universo da superaventura, terreno que pisa com segurança, e essa segurança foi fundamental para o término da pesquisa. Foi, de fato, uma experiência inesquecível pelo mundo fascinante da superaventura, que sempre me interessou desde a infância, quando lia os gibis de Conan, o Bárbaro; Thor; Capitão América e Cia.

Agradeço também minha esposa que, nos momentos mais cruciais, sempre se manteve forte ao meu lado, apoiando-me em todos os momentos em que precisei. Sem ela, com certeza, essa conquista não seria possível.

Aos meus dois filhos que serviram como motivação para essa empreitada.

Aos meus pais que sempre me incentivaram nos caminhos do conhecimento.

*“É preciso ter um caos dentro de si
Para dar à luz a uma estrela cintilante. ”*

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir e problematizar sobre alguns recortes das ideias do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), na tentativa de correlacionar alguns de seus mais importantes conceitos como o *Übermensch* e os super-heróis da cultura pop americana. O estudo procura apontar os contrastes entre o Superman da cultura pop americana, defensor da moral cristã, sendo a criação do personagem uma clara alusão ao cristianismo, em sua figura mais emblemática, Jesus Cristo. O Superman se apresenta como um dos guardiões dos valores da moral cristã de rebanho, herdeira da matriz platônica na figura de Sócrates e seus sucessores. Já o *Übermensch* de Nietzsche é aquele que vai propor uma nova moral baseada na vontade de potência, livre de promessas duradouras em mundos transcendentais. Para isso é necessária a aceitação da doutrina do eterno retorno e no *amor fati* (O amor ao destino), capaz de vencer todo o descrédito da vontade de nada do homem niilista da moral cristã, responsável pelo enfraquecimento do corpo que ajudou a promover a cultura do ressentimento. Nietzsche, por meio de uma empreitada genealógica, pretende desvendar a veia da moral servil, e tentar descobrir como ela veio a se tornar uma das formas hegemônicas de doação de sentido para o mundo ocidental. A superaventura é um âmbito de estudo que permite amplas possibilidades teóricas, e a moralidade se traduz numa temática bastante recorrente deste gênero, sem mencionar que também atrai a atenção de um público fortemente influenciado pela cultura midiática ou até mesmo pelo fascínio que os personagens provocam. A pesquisa também propõe uma perspectiva bem prática na medida em que aproveitará o gancho deixado pela problematização geradora da pesquisa. Vale a pena inovar e apostar em novas metodologias e levá-las até a sala de aula, juntamente com os super-heróis dos quadrinhos, transformando a aula de filosofia num ambiente lúdico e enriquecedor. Isso será proposto mediante um curso de vinte horas contemplando o tema de pesquisa.

Palavras-chave: Superaventura. Friedrich Nietzsche. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This research reflects on and problematizes some cuts of the ideas of the German philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900) in order to correlate some of his most important concepts like Übermensch and superheroes of American pop culture. The study points to the contrasts between Superman American pop culture, defender of Christian morality, and the creation of the character a clear allusion to Christianity, in his most emblematic figure, Jesus Christ. Superman presents himself as one of the guardians of the values of Christian herd morality, heir to the Platonic matrix in the figure of Socrates and his successors. Already the Übermensch of Nietzsche is the one that is going to propose a new moral based on the will of potency, free of lasting promises in transcendent worlds. For this, it is necessary to accept the doctrine of the eternal return and in the "love fati" (Love for destiny), capable of overcoming all the discredit of the will of nothingness of the nihilist man of Christian morality, responsible for the weakening of the body that helped promote the culture of resentment. Nietzsche, through a genealogical undertaking, unveils the vein of servile morality, and tries to discover how it came to become one of the hegemonic forms of giving meaning to the Western world. The superaventura is a field of study that allows broad theoretical possibilities, and morality translates into a very recurrent theme of this genre, not to mention that it also attracts the attention of a public strongly influenced by the media culture or even by the fascination that the characters provoke. The research also proposes a very practical perspective in that it will take advantage of the hook left by the problematization generating the research. It is worth innovating and betting on new methodologies and taking them to the classroom, along with comic book superheroes, transforming philosophy class in a playful and enriching environment. This will be proposed through a twenty-hour course covering the research topic.

Keywords: Superaventura. Friedrich Nietzsche. Comics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Contextualização e problemática	17
1.2	Os percursos da investigação e perspectiva prática.....	18
2	QUEM É O ÜBERMENSCH, DE NIETZSCHE?	21
2.1	O Humano em Nietzsche	26
2.2	A moral em Nietzsche	39
2.3	O Super-Homem de Nietzsche e o Super-homem dos quadrinhos como	49
3	O CONCEITO DE HEROI DA SUPERAVENTURA	55
3.1	Moral e Moralidade na superaventura	63
3.2	Construções De Bem e Mal Na Superaventura	69
3.3	Jesus Cristo, o humano em Nietzsche e o super-herói dos quadrinhos	77
4	FILOSOFIA E SUPER-HERÓIS EM SALA DE AULA	85
4.1	A utilidade das HQs dos super-heróis como recurso pedagógico nas aulas de filosofia.	85
4.2	O lúdico dos super-heróis e o papel formativo dos quadrinhos em sala de aula.....	89
4.3	Plano de Ensino	94
5	CONCLUSÃO	105
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e problemática

Quando se pensa em super-heróis, como o Superman, por exemplo, sugere-se que há algum tipo de associação com o *Übermensch* de Nietzsche. Afinal, super-heróis não deixam de ser, para todos os efeitos, seres humanos potencializados. De maneira simplificada, também se entende o próprio *Übermensch* como um ser em potência. No entanto, o que aparentemente pode soar óbvio à primeira vista, acaba deixando de ser, quando se olha de maneira mais atenta à filosofia Nietzscheana. Assim, será que é possível mesmo uma associação entre o *Übermensch* e os super-heróis? Em que medida? Nietzsche é um dos pensadores mais lidos no mundo, mas também um dos mais mal compreendidos. Sua filosofia alcançou uma poderosa ressonância como poucos na cultura ocidental. Nietzsche está no cinema, na música, no teatro, nas artes; enfim, foi apropriado por vários sistemas ideológicos e políticos, pela autoajuda, pelo nazismo, com as ideias do *pangermanismo* ideias que serão abordadas durante a pesquisa.

Nessa direção, o objetivo desta pesquisa não é abarcar todos os aspectos da filosofia Nietzscheana; isto é, não se trata de explorar com profundidade a filosofia de Nietzsche, mas sim de realizar um recorte temático, buscando problematizar a ideia do *Übermensch*, discutindo possíveis correlações com o Superman e os super-heróis dos quadrinhos. Afinal, seria o Superman dos quadrinhos o *Übermensch* de Nietzsche? Ou, o *Übermensch* de Nietzsche se enquadraria no perfil do Superman da cultura pop?

Para fins deste estudo, será utilizado o termo “*Übermensch*”, no original. Alguns autores, como Arno Bogaerts,¹ afirmam que, embora a palavra alemã *Übermensch* tenha sido traduzida para a língua inglesa primeiramente como “super-homem”, na verdade não existe uma tradução que seja universalmente aceita entre os maiores estudiosos da filosofia Nietzscheana. Há outras traduções como “sobre homem” ou “sobre-humano”, mas, com o intuito de evitar possíveis descompassos, preferiu-se manter o termo em sua língua original.

¹ BOGAERTS, Arno. A descoberta do *Übermensch* de Nietzsche no Super-Homem como ideal Heroico. In: WHITE, Mark (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2014.

1.2 Os percursos da investigação e perspectiva prática

Para saber se há ou não essa possível ligação, e em que medida o Superman se aproxima do *Übermensch* de Nietzsche, serão abordados, no primeiro capítulo, alguns aspectos e recortes do pensamento filosófico nietzschiano e algumas interpretações e várias tentativas que foram feitas de maneira desastrosa de apropriação indevida de sua filosofia por sistemas ideológicos espalhados pelo mundo europeu. A ideia de moral, as ideias de superação dessa mesma moral judaico-cristã serão estudadas por meio do método genealógico utilizado por Nietzsche como fio condutor na busca pela gênese dessa moral doadora de sentido para o ocidente. Temas como o eterno retorno como aceitação e afirmação da vida, a vontade de potência como reafirmação do corpo e a hipótese de superação física como condição para o surgimento e possibilidade do *Übermensch* de Nietzsche serão problematizados no sentido de encontrar as supostas correlações dos conceitos em questão no percurso da pesquisa.

No segundo capítulo, será abordada a ideia de superaventura, a ideia de herói e de super-herói, buscando compreender de que maneira esses personagens estão presentes e se imiscuem no imaginário da cultura. Algumas perguntas nessa direção são: de onde vêm seus superpoderes? O que fazem? Quem são?. Por que exercem tanta admiração e fascínio entre seus leitores, levando milhares de fãs a lotarem as bancas de revistas e salas de cinemas pelo mundo a fora? Junto a esses questionamentos, o estudo procurará apresentar a ideia de moral e moralidade na superaventura, distinções entre bem e mal como ingredientes indispensáveis para uma boa trama de quaisquer histórias em quadrinhos, apresentando diversos exemplos de super-heróis que incorporaram e lutaram bravamente por esses valores tão caros a civilização ocidental.

No terceiro capítulo a pesquisa concentrará seu foco rumo a uma perspectiva mais prática, já que o mestrado profissional apresenta uma oportunidade de contextualizar as novas descobertas no âmbito da pesquisa. Portanto, a ideia é propor um curso de vinte horas, aproveitando a veia de fã do público infanto-juvenil, que, durante as aulas de filosofia, sempre esboçaram o desejo de explorar e trabalhar os temas da filosofia e do gênero da superaventura, principalmente, a série das franquias de Star Wars. O objetivo é apresentar uma proposta de curso inicialmente voltado ao Ensino Básico, técnico e tecnológico do campus IFMA, Barra

do Corda- MA, mas que poderá ser adaptado e aplicado a outros públicos, no âmbito educacional. Serão problematizados alguns dos temas abordados na pesquisa, juntamente com alguns recortes dos conceitos de Nietzsche como a superação da moral, o eterno retorno, a vontade de potência e, principalmente, o seu *Übermensch*, procurando evidenciar os pontos contrastantes de sua filosofia em relação ao *Übermensch* e o *Superman* da cultura pop.

A proposta do curso é exatamente propiciar a esses jovens momentos de enlevo e ludicidade, já que a cultura secular destaca amplamente por meio da publicidade, do cinema, dos games e principalmente dos quadrinhos, a veia mestra que originou toda essa ampla gama de super-heróis que, de uma forma ou de outra, ninguém consegue resistir ao poder mágico que a superaventura oferece e seu poderoso aparato mercadológico de cunho consumidor. Além disso, vale ressaltar que eles têm considerável repercussão no âmbito acadêmico. Como afirma Iuri Reblin,

As narrativas dos super-heróis são um bem cultural da era contemporânea. Elas são cultura, “cultura de massa” e, como tal, ocupam diversos espaços da vida social, e a maioria desses espaços está vinculada ao entretenimento e ao consumo. Filmes desenhos animados, histórias em quadrinhos, parques de diversão, brinquedos, fantasias e uma infinidade de produtos com a marca dos personagens mais queridos estão à disposição das pessoas.²

Por fim, a pesquisa procurará apresentar uma perspectiva comparada deixando transparecer em seu percurso os contrastes do universo altamente fecundo da dimensão existente dessas duas destacadas figuras da cultura ocidental Nietzsche e o Superman da cultura pop americana.

² REBLIN, Iuri Andréas. **O alienígena e o menino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 29.

2 QUEM É O ÜBERMENSCH DE NIETZSCHE?

O *Übermensch* de Nietzsche tem sido um dos conceitos mais polêmicos no que tange os principais pontos de sua filosofia. O leitor chega mesmo a se perder pelas armadilhas do texto de natureza labiríntica do filósofo prussiano, que raramente se deixa apreender por qualquer mente desatenta, que não tenha, como ele mesmo afirmou, a qualidade de um ruminador. O próprio Nietzsche nunca seguiu um método sistematizado e seccionado de escrita, devido ao caráter pluralista e perspectivista de sua filosofia. Graças a essa versatilidade e amplitude de suas abordagens, permitiu a Nietzsche ver o mundo sob diferentes prismas, também não descartou a possibilidade de que um dia poderia surgir sobre a face da terra um *Übermensch*.

Neste sentido, este primeiro capítulo se concentrará nas possíveis aproximações e algumas controvérsias que envolvem o conceito do *Übermensch* de Nietzsche, e o super-herói dos quadrinhos e do cinema Superman, no sentido de aventurar-se neste rico arcabouço teórico. Mesmo sendo difícil a exploração e o clareamento de tal conceito, devido o *Superman* dos quadrinhos ser um fiel seguidor dos valores cristãos e foi por esse motivo que sua criação procurou conservar essa imagem de herói paladino salvador dos fracos e oprimidos. Já o *Übermensch*, de Nietzsche, é contrário a toda essa moral. O seu *Übermensch* será aquele que estará disposto a superar o niilismo do homem humanista preconizado pelo iluminismo, e sua filosofia aponta para uma compreensão do que foi o humano até então e apresenta uma proposta de *tresvaloração* de todos os valores por meio da doutrina do eterno retorno do mesmo, capaz de suplantar a moral judaica cristã herdeira do modelo socrático platônico.

O conceito do *Übermensch* de Nietzsche será abordado sob diferentes perspectivas no interior do capítulo, tentando buscar alguns esclarecimentos sobre o real sentido de algumas de suas concepções, que ao longo da tradição filosófica do ocidente teve sua filosofia, por diversas razões, mal-empregada. A ideia se desdobrará no sentido de acentuar os contrastes entre o *Übermensch* de Nietzsche e o Superman da cultura pop.

Dando prosseguimento à investigação sobre o conceito do *Übermensch*, será necessário esclarecer como esse conceito ganhou tanta repercussão, tanto no mundo acadêmico, quanto na cultura pop, por meio dos quadrinhos. A palavra “Super-Homem”, que deriva do original em alemão *Übermensch*, foi empregada pela primeira vez pelo poeta romano Luciano significando um Super-Homem ou *hyperanthropos*. A expressão ganhou considerável repercussão devido ao fato de Nietzsche tê-la empregado como um de seus principais conceitos filosóficos. Para Nietzsche, a única ética que regeria o seu *Übermensch* é a própria vida que para ele sempre estará acima do bem e do mal, livre de todo condicionamento da moral cristã. A vida é, e está para Nietzsche, como a única avaliação das avaliações; ela própria não pode ser avaliada por nenhum ser vivente porque justamente ele é parte interessada. Este é um dos contrastes existentes e um empecilho na possível convergência dos dois personagens, Nietzsche e o *Übermensch*.

Segundo Andrew Bogaerts, a criação do Superman tinha a nítida intenção de distorcer o verdadeiro significado do *Übermensch*, pelo fato de que o personagem, criado por Jerry Siegel e Joe Schuster, se consagraria num defensor aguerrido dos valores cristãos no ocidente tendo alguns fatores contribuído para isso, tais como a residência de sua família, no Estado do Kansas, uma família que zelava e guardava os valores cristãos, prova cabal de sua essência. O *Übermensch*, como já foi reforçado, se define como inimigo dessa mesma moral defendida pelo Superman da cultura pop americana.³

Nietzsche, pelo contrário, pensou o seu *Übermensch*, não nos modelos teóricos e nem nas projeções idealizadas por mentes que detinham interesses escusos e que se apossaram de sua filosofia com a intenção de adapta-la ao seu bel prazer e a suas conveniências. Na verdade, o nome de Nietzsche e seu imenso arcabouço filosófico foi evocado por todos os credos e doutrinas políticas espalhados pelo mundo como já fora mencionado no início do capítulo, isso ocorreu logo após Nietzsche ter sofrido um surto de loucura ao se abraçar a um cavalo em Turim depois de presenciar cenas de maus tratos com esse animal, seguido depois de onze anos em estado de demência mental e sua morte em 1900. Como afirma a professora de filosofia da USP, Scarlet Merton.

³ BOGAERTS, 2014, p. 96.

Fragmentos póstumos redigidos entre o outono de 1887 e os primeiros dias de janeiro de 1889; foram escolhidos a dedo no caos das notas escritas durante meses e organizados sem respeitar a cronologia. A compilação, feita a contragosto por Peter Gast, seguiu à risca as instruções da irmã do filósofo. Para legitimar sua empresa, ela não hesitou em falsificar cartas de Nietzsche, dirigidas na sua maioria à amiga Malwida von Meysenbug; obteve os originais, compôs o texto a partir deles e depois os destruiu.⁴

A doença mental da qual Nietzsche foi acometido, em 1889, seguido de seu estado de demência que se estendeu até sua morte em 1900, foi uma ocasião oportuna encontrada por sua irmã Elizabeth para fundar o Nietzsche-Archiv. Com as contribuições diretas de Peter Gast, eles foram os responsáveis por inúmeras mutilações no texto Nietzscheano, dentre essas mutilações de algumas de suas obras. Pode-se exemplificar fragmentos da vontade de poder, um texto que Nietzsche deixou incompleto, estes e outros espólios foram apropriados e deturpados por Hitler para justificar a suposta superioridade da raça ariana, respaldado por um grande clássico da filosofia ocidental.⁵ Porém, Nietzsche declara abertamente e confirma seu repúdio frente ao antissemitismo. Em “Nietzsche contra Wagner”, lemos:

Foi já no verão de 1876, durante o primeiro festival, que me despedi interiormente de Wagner. Eu não tolero nada de ambíguo; depois que Wagner se mudou para a Alemanha, ele transgrediu passo a passo com tudo o que eu desprezo – até mesmo o antissemitismo... Era o momento para dizer adeus: logo tive prova disso.⁶

Logo após a segunda guerra mundial, o Nietzsche-Archiv foi fechado, mas foi possível resgatar alguns textos de sua filosofia através de dois acurados pesquisadores Bataille e Klossovski, em 1930, eles recuperaram boa parte da obra, exercendo assim importante contribuição para tentar livrar a filosofia de Nietzsche de outras possíveis interpretações desastrosas a exemplo da nociva influência nazista.

Na atualidade, encontra-se a edição da dupla italiana Coli e Montinari que conseguiram também reunir um acentuado acervo, que havia sofrido graves alterações pelo Nietzsche-Archiv, publicados de maneira parcial.⁷ Na verdade, Nietzsche é um filósofo de tamanha envergadura e repercussão que todos os que conheceram suas ideias através de seus escritos no decorrer da história do ocidente

⁴ MARTON, Scarlet. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 26.

⁵ GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche contra Wagner**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

⁷ GIACÓIA, 2000.

desejaram se apropriar dele, mas como afirma Carlyli, Nietzsche não pertence a ninguém, ele próprio se auto intitula um extemporâneo, na verdade ele pertence ao patrimônio intelectual e cultural da humanidade para a posteridade. Havendo exposto alguns equívocos que giram em torno de sua filosofia, por ser ele um filósofo de difícil apreensão, abriu-se precedentes de todas as ordens, que de uma forma ou de outra contribuíram para uma má-interpretação de sua filosofia, no que se refere ao tema em questão.

O “Übermensch” de Nietzsche é pela primeira vez anunciado pelo profeta Zaratustra, altere ego de Nietzsche, em meio a uma multidão agitadaíssima na praça pública avida por ouvir sua anunciação.

Eu anuncio-vos o Super-homem! O Super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem, o sentido da terra. Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supraterestrres. São envenenadores, quer o saibam ou não, São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada; vão-se por uma vez!⁸

Talvez outra suposta compreensão do Übermensch nietzschiano, seja a expressão “sentido da terra”, Nietzsche afirma que a terra é o único chão firme para que o homem possa repousar suas ideias e seus pensamentos. A humanidade precisa se libertar das ilusões que a escraviza pelo fato de ser refém da moral domesticadora desgastada pela promessa do demiurgo platônico suposto artesão do universo. A humanidade deve procurar viver em sintonia direta com a natureza única fonte de sentido que lhe resta.

O aparecimento do Übermensch Nietzschiano libertaria a humanidade dos modelos doadores de sentido que ao longo dos séculos mantiveram os homens presos aos padrões axiológicos oferecidos pela matriz platônica. Nietzsche, como filósofo da vida, em seu discurso encoraja a humanidade a permanecer fiel a terra e jamais abrir mão dessa grande descoberta, em seu quinto evangelho ele conclama a humanidade e faz um ataque direto ao mundo transcendente de Platão: “Eu vos imploro, irmãos, permaneçei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supra terrenas!”⁹

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Martin Claret, 2002. p.3.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

O *Übermensch* de Nietzsche será o responsável por criar um novo sentido para a terra, deixando de lado os antigos valores que impossibilitam inventar esse novo homem. Ele vai muito além do homem idealizado pelo iluminismo e pelo positivismo. Seu novo valor, assim diz Nietzsche, serão ditados pela saúde vital, como ele afirma no seu *Zaratustra*, sinalizando novamente para a única realidade possível à esfera imanente: “Um novo orgulho ensinou-me o meu eu e eu ensino aos homens: não deveis mais esconder a cabeça na areia das coisas celestes, mas mantê-la livremente; cabeça terrena, que cria ela mesma o sentido da terra”.¹⁰

Na concepção de Machado, o *Übermensch*, de fato, é uma superação, é ultrapassar o homem em tudo aquilo que ele era e é, até então, inclusive de sua própria crença em Deus como o fim da transcendência objetiva, abandonando todos os sonhos de um futuro utópico. O *Übermensch*, continua Machado, é novo em todo; no modo, de pensar, avaliar e sentir, é outra forma de vida e pode a partir desse pressuposto pensar em outra subjetividade¹¹ O *Übermensch*, segundo *Zaratustra*, viria para preencher todos os vazios deixados pelos valores do mundo cristão e seus subgêneros.

Os super-homens nunca deixarão de existir mesmo que seja um vislumbre distante do *Übermensch* Nietzscheano e a humanidade teria sofrido muito sem a presença dos sobre-humanos que vieram a terra justamente com o intuito de cumprir sua missão e o Superman da cultura pop é aquele que coloca toda a sua vida a serviço da humanidade, não se cansa, é duro e exigente consigo mesmo. Já *Übermensch*, seria advindo das almas senhoriais como Nietzsche havia classificado em dois tipos de alma se constitui a humanidade uma senhorial e outra alma servil, a alma senhorial é aquela que se afirmar e possui o poder da vontade e sabe querer, o Superman da cultura pop possui as qualidades da alma servil. As almas servis nada mais lhes restam a não ser elogiar o homem fraco que ama o próximo, tem animo pacifista, serão sempre defensores dos doentes e débeis, as almas senhoriais na

¹⁰ NIETZSCHE apud REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. p. 437.

¹¹ MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 46.

visão de Nietzsche foram as únicas que fizeram algo de altruísta pela humanidade em todos os tempos¹²

Cumpra destacar que o *Übermensch* é uma necessidade imprescindível para humanidade. A humanidade nunca se viu sem os grandes homens, eles são de natureza providencial:

Como diz Carlyle, exaltando o culto aos heróis e ao heroico nos assuntos humanos, a história universal, formada pelos feitos que os homens realizaram, não é, em suma, outra coisa que a história dos grandes homens que atuaram no seu desenvolvimento. “Estes grandes homens foram os condutores da humanidade, os verdadeiros modeladores e modelos e num sentido mais amplo os criadores de quanto a totalidade dos homens tem tratado e conseguido levar a termo”.¹³

Na verdade, Nietzsche é um filósofo de tamanha envergadura que todos na história desejaram se apossar dele, mas Nietzsche não pertence a nenhum partido político ou ideologia, ele pertence ao patrimônio intelectual da história da humanidade. Tudo de nobre e magnífico que já foi construído no mundo é obra do pensamento genial dos grandes homens, todas as coisas passam, vão-se os homens ficam-se os nomes e Nietzsche endossa essas palavras ao dizer que a terra pertence aos super-homens e a humanidade aspira sempre em seus super-heróis, seja daí talvez a tamanha admiração e o sucesso dos super-heróis.

2.1 O Humano em Nietzsche

O homem, para Nietzsche, no sentido em que foi modelado ao longo da tradição socrática platônica, é aquilo que deve ser superado. A superação desse modelo platônico é a via oferecida por ele para que ocorra o surgimento do seu, *Übermensch*. Nesse sentido, talvez Nietzsche estivesse pensando em um aprimoramento e numa reforma cultural do ser humano, ou então no desenvolvimento de capacidades nobres em uma gama reduzida de indivíduos, dispostos a abandonar a moral de rebanho, esse seria o homem do Niilismo;

Na palavra niilismo, nihil não significa o não ser e sim. Inicialmente, um valor de nada na medida em que é negada, depreciada. A depreciação significa sempre uma ficção; é por ficção que se falseia e se deprecia, é por

¹² MUNIZ, Heitor. **O Super-Homem de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.36 n.2, p. 149-156, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n2/2316-8242-cniet-36-02-00149.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹³ MUNIZ, 2015, p. 155-156.

ficção que se opõe, alguma coisa a vida. A vida inteira torna-se então irreal, é representada como aparência, assume em seu conjunto um valor de nada. A ideia de outro mundo, de um mundo suprassensível com todas as suas formas (Deus, a essência, o bem, o verdadeiro), a ideia de valores superiores à vida não é um exemplo entre outros, mas o elemento constitutivo de qualquer ficção. Os valores superiores à vida, não se separam de seu efeito; A depreciação da vida, a negação deste mundo.¹⁴

Nietzsche não aceita nenhum valor que seja considerado superior à vida. Em última instância, só quem tem condições de avaliar é a própria vida porque todo ser vivente é passível de valoração, como também se torna parte interessada. Por isso, o mundo suprassensível é produto da sensível, eliminando o mundo sensível, elimina-se também o suprassensível. Não existe valor que possa existir sem que alguém um dia o crie, os valores se traduzem em expressões da vontade humana, são humanos demasiadamente humanos não passando disso, tanto os valores como a verdade. Nietzsche destaca que somente o valor da própria vida é que pode se impor a todas as formas de valorações humanas.¹⁵ A vida é um caso particular da vontade de potência e tudo que possui vida quer mais potência, cada ser vivo microscópico que compõe os organismos, quer e desejam mais potência.

Neste momento, caracteriza a vontade de potência como vontade orgânica; ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo. Em escritos posteriores vai além e deixa entrever que se exerce nos órgãos, tecidos e células. “A aristocracia no corpo”, anou, “a multiplicidade dos dominantes (luta das células e dos tecidos)”.¹⁶

É por isso que Vattimo afirma baseado em Nietzsche que não há uma ordem, ou um sentido, fora da vida, o historicismo foi uma de muitas tentativas de pôr ordem e sentido ao caos, e ao campo de forças cegas que constituem a existência e a vida no cosmos, rumando sem direção definida, é o próprio devir sem momentos de uma suposta direção histórica linear. O fim não existe, nem o começo, como queira os valores impostos pelo mundo ocidental que teve seu veio civilizatório cavado na esteira do platonismo e do cristianismo. A ordem do mundo é ilusória e indiferente aos humanos, dominada pela vontade. É por essa a razão que Nietzsche propõe a superação do humano, porque suas explicações buscam para o mundo uma ordem e harmonia constantes sem o embate de forças. Por isso também acabam sucumbindo num fundamento niilista que tem como base, toda a metafísica

¹⁴ DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. p.69.

¹⁵ MACHADO, 1999. p. 55.

¹⁶ MARTON, Scarlet. **Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 30.

platônica e seus derivados, para Nietzsche não passariam de ficção e diante dessa influência platônica, a vontade de potência tem seu raio de ação enfraquecido pelo instinto de vingança, da moral de rebanho servil.¹⁷

O niilismo diz Nietzsche, é a consequência necessária do cristianismo, da moral e do conceito de verdade da filosofia". Quando as ilusões perdem as mascaras, nada mais resta: o abismo do nada. "Como estado psicológico, o niilismo torna-se necessário, em primeiro lugar, quando procuramos em todo o acontecimento um sentido que ele não tem, até que, por fim, começa a faltar coragem a quem procura". Aquele "sentido" podia ser a realização ou o fortalecimento de um valor moral (amor, harmonia de relações, felicidade etc.). Mas o que devemos constatar é que a desilusão quanto a esse pretensão fim é "uma causa de niilismo". Em segundo lugar, "postulou-se totalidade, sistematização e até organização em todo o acontecer e em sua base". Entretanto, o que se viu é que esse universal, que o homem construíra para poder crer no seu próprio valor, não existe! No fundo, o que aconteceu? "Alcançou-se o sentimento de falta de valor quando se compreendeu que não é lícito interpretar o caráter geral da existência nem com o conceito de verdade", caem assim às mentiras de vários milênios e o homem fica sem os enganos das ilusões, mas fica só. Não há valores absolutos; aliás, os valores são desvalores¹⁸.

A verdade requerida pelos filósofos clássicos, para Nietzsche também se limitou apenas em provocar nos indivíduos uma mera necessidade psicológica de duração, uma tentativa vã de se entender o mundo que é, na verdade, uma multiplicidade de forças incontrolláveis. Não alcançando seu intento, a humanidade busca por meio de suas metáforas vazias e fadadas continuamente ao erro se entregam ao desânimo. A verdade e o conhecimento para Nietzsche se valem apenas de metáforas, antropomorfismos, verdadeiras ilusões, das quais se esqueceram ao longo do tempo "Moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas."¹⁹

No desespero desenfreado de se livrar do vazio provocado pelo nada, a humanidade se valeu e tornou-se refém de algumas formas de niilismo dentre elas, o niilismo negativo. O homem do niilismo negativo nega a vida, seus próprios instintos inscritos no corpo, que pode dar a ele um estatuto de existência. Substitui sua humanidade terrestre em nome de valores superiores á vida e isso já começa a se desenhar com o advento do cristianismo que segundo Nietzsche, se traduziria

¹⁷ VATTIMO, Gianni. **Diálogos com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.2010. p. 37-40.

¹⁸ REALI, ANTISERI, 1991, p.435.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade mentira no sentido extramoral**. 3 ed. São Paulo: abril Cultural, 1993. p. 48.

numa espécie de platonismo para o povo.²⁰ O cristianismo com seus ideais ascéticos²¹ herda de Platão a ideia de um mundo fora da esfera física que possa justificar a imanência do mundo em perpetuo fluxo e devir.

Os ideais ascéticos para Nietzsche esboçam o complexo do ressentimento e da má consciência. Pode-se compreender isso partindo do pressuposto de que o homem é contaminado pelo pecado e necessita ser redimido de seus erros e precisa ser perdoado por um Deus todo poderoso que seja capaz de conceder-lhe a salvação. Entram em cena a partir daí os representantes das religiões, são os chamados sacerdotes e também os médicos da alma, incumbidos de cuidar das ovelhas desgarradas. São responsáveis por suscitar nas almas ressentidas a ação de forças reativas que torna possível o estatuto do niilismo negativo, anulador da vida e de tudo que é ativo a dimensão instintiva e criadora como afirma Deleuze:

A tipologia Nietzscheana põe em jogo toda uma psicologia das “profundezas” ou das “cavernas”. Em especial, os mecanismos correspondentes a cada momento do triunfo das forças reativas formam uma teoria do inconsciente que deveria ser confrontada com o conjunto do freudismo. Evitar-se-á, entretanto, atribuir aos conceitos Nietzscheanos uma significação exclusivamente psicológica. Não apenas porque um tipo é também uma realidade biológica, sociológica e política: não apenas porque a metafísica e a teoria do conhecimento dependem, elas próprias da tipologia; mas porque Nietzsche, através dessa tipologia, desenvolve uma filosofia, que deve, segundo ele, substituir a velha metafísica e a crítica transcendental e dar as ciências do homem um novo fundamento: A filosofia genealógica isto é, a filosofia da vontade de poder.²²

O homem do niilismo negativo nega o corpo e a terra apegando-se a Deus, mesmo percebendo o enfraquecimento do modelo teocêntrico a parti da modernidade a ressonância de sua influência ainda continua a domina-lo. Por essa razão a humanidade continua a cultuar Deus semelhante à imagem de um Buda no fundo da caverna, Deus como fonte suprema dos valores superiores, vai perdendo seu poder de influência em decorrência do cientificismo moderno. E, a partir desse novo paradigma imposto pelo homem da modernidade ou o homem reativo que reage ao paradigma teocêntrico, assenta-se na cadeira de Deus, passando assim a

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2002. Prólogo de Para Além do bem e do mal, (1886).

²¹ ASCESE, Expressão de origem grega que significa “exercitar”, a ascese, segundo o dicionário Aurélio, é um exercício prático que leva à efetiva realização da virtude. É pelo viés do dogma religioso, uma busca pela contenção do prazer em busca de uma virtude moral. Em livros como a ética protestante e o “espírito” do capitalismo, o sociólogo alemão Max Weber estuda o ascetismo religioso.

²² DELEUZE, 1976. p. 77.

ditar às regras direcionadas ao novo deus “a própria ciência”, é o surgimento do niilista reativo.

Os pontos cardeais do mundo ocidental e teocêntrico entram em colapso e a humanidade agora passa a depositar toda sua confiança nas ideias do iluminismo europeu. Mas mesmo assim segundo Nietzsche não deixa de ser mais uma nova forma de niilismo, o reativo que suplanta o niilista negativo, que culminará ainda com a terceira forma de niilismo, o niilista passivo que se segue logo após a morte de Deus a sua substituição ocorre gradativamente pela confiança no poder da ciência. O niilista passivo se limita a viver uma vida sem peso, sem força e sem intensidade, encarando a existência como um vazio de nada, ausente de sentido, provocada pelo niilismo reativo, ainda acercado pela confiança no positivismo lógico da modernidade de herança socrática platônica.²³

A constatação da derrocada de uma das formas de niilismo, que engendrou o desânimo do homem do humanismo pode ser figurada por Nietzsche, em a Gaia ciência, ele descreve um cenário, que ocorre na praça do mercado, onde o homem louco traz a terrível notícia e anuncia à morte de Deus;

“O que houve com Deus? Eu vos direi. Nós o matamos – eu e vós. Somonos os seus assassinos!” “Pouco a pouco, por diversas razões, a sociedade foi se afastando de Deus: foi assim que o matou, Mas “matando” Deus, eliminam-se todos os valores que serviram de fundamento para a nossa vida e, conseqüentemente, perde-se qualquer ponto de referência: “O que fazemos separando a terra do seu sol? Não continuaremos a nos precipitar para trás, para os lados e para frente? Ainda existem um alto e um baixo? Não estaremos talvez vagando por um nada infinito? (...) Deus permanece morto! E nós o matamos!”²⁴

Nietzsche, parte do pressuposto de que o homem matou Deus e no mesmo bojo toda a esfera sobrenatural que repousava os valores ideais da civilização ocidental, as ciência e utopias oriundas das ideologias políticas. Com a morte de Deus, o homem velho desaparece. A morte de Deus se traduz num divisor de águas na história da humanidade, que se transfigurará num novo homem e uma nova era, onde a humanidade será outra, muito superior, o *Übermensch* de Nietzsche ama a terra e despreza os sonhos utópicos e inatingíveis de um céu arquitetado por um suposto demiurgo platônico, ele será capaz de potencializar e de dar vazão ao seu

²³ DELEUZE, 1976. p. 68

²⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Fragmentos 125, p.147-148).

lado dionisíaco porque aceita a vida sem subtrações, ou muletas, que venham auxiliá-lo a suportar as agonias da existência que ele próprio precisa encarar com destemor.²⁵

É o fim da metafísica e de toda confiança em qualquer valor ou ideologia que na visão de Nietzsche, sempre foi baseada em valores e interesses em voga, em suma é a projeção dos impulsos humanos ou sintomas da vontade de potência, que pode ser afirmativa ou negativa, determinada por alguma forma de perspectiva individual ou de outra ordem do mundo humano. E isso poderá ser confirmado com o advento das ciências na modernidade que irá trazer uma concepção da história e do progresso baseadas na perfectibilidade do homem, calcada pelo esclarecimento, nesse sentido Nietzsche coloca em questão o valor da verdade, questionando, o porquê e para que a verdade, ainda atestado e confirmado continuamente ao longo dos séculos pelo discurso da ciência na contemporaneidade por meio de seus colaboradores²⁶.

Segundo Roberto Machado, do ponto de vista da consciência europeia o niilismo reativo e o último homem representaram;

Onde tem origem, segundo Nietzsche, a modernidade? Nos filósofos iluministas do século XVIII e sua crítica da tradição e da autoridade; na filosofia de Kant, que estabelece os limites do conhecimento e a impossibilidade de o homem conhecer o suprassensível, a Coisa-em-si; na ciência positiva, que se torna independente da teologia; na revolução Francesa e sua defesa das “ideias modernas” de igualdade, liberdade e fraternidade; na arte romântica que demonstra simpatia pelo que é sofredor, infeliz e doentio²⁷.

Para Nietzsche o homem pode ser visto não como fim- como deseja o último homem, que seria o da ciência, mas como um meio uma ponte, para conquistar possibilidades ainda mais sublimes na existência²⁸. Bastando para isso a tarefa de suplantação de todos os valores erigidos pelo ocidente cristão.

Nietzsche, em seu filosofar, não pode ser identificado como um filósofo portador de um discurso perigoso e trágico. Pelo contrário, essa suposta carga negativista e pessimista que se verifica nos seus escritos, ressoa, em quase todas as suas abordagens, como um manifesto de reivindicação e de

²⁵ REALI, 1991, p. 431.

²⁶ GIACOIA, 2000, p. 22

²⁷ MACHADO, 1994 apud CARLOS. “Deus está morto”: o anúncio Nietzscheano, como crítica a modernidade. **Pensamento Extemporâneo**, 17 mar. 2009; disponível em:

<[Http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=41](http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=41)>. Acesso em 11 de set. 2016.

²⁸ GIACOIA, 2000, p. 23.

superação da condição existencial humana. Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche destaca a necessidade do anúncio do super-homem. Nele, Zaratustra, seu personagem principal, proclama a falência da civilização e a aurora de uma nova era. É o anúncio de que o homem deve superar a si mesmo, à sua potencialidade negada. Procurando sacudir o velho homem, que vivia enclausurado no seu pessimismo e ilusão, o novo pretende ser substituto daquele. O superar típico do super-homem, entendido como ato de abertura para o nada ou para o sagrado, nada mais é do que a própria vontade de poder. O super-homem como superação implica a dimensão do divino, que, segundo Nietzsche, seria um “ponto” na vontade de poder. Sendo assim, o divino não é uma coisa separada do homem, tampouco uma realidade para fora de si e que tem poder de manipulação, mas o divino e o humano se encontram no ato contínuo e ininterrupto de superação do objeto conhecido e, por conseguinte, na consciência do não poder em relação ao não objeto, isto é, ao nada.²⁹

Quem é o *Übermensch*, de Nietzsche? Será o homem superior poderá portar características de algo humano ainda? Ou a superação de tudo que é humano? O *Übermensch* ou além do homem, falando metaforicamente, poderá ser talvez uma âncora que Nietzsche lança no horizonte e ao nada. Talvez ele não diga o que ele é em absoluto, mas na tentativa de se tentar compreender o *Übermensch*, chega-se talvez a traduzir-se numa espécie de indeterminismo e no inacabamento do humano como ser em constante transformação ao modo bem Nietzscheano no termo.

No homem, assim como em todas as outras espécies animais, notam-se uns excedentes de indivíduos defeituosos, degenerados, decrépitos enfermos e necessariamente sofredores. São sempre exceções os casos bem-sucedidos. Mesmo no homem são raras exceções se se considerar que o homem é um animal cujas qualidades ainda não estão determinadas. Todavia, há casos piores: quanto mais elevado for o tipo que um homem representa, mais aumenta a improbabilidade do seu bom desenvolvimento. O ocasional, a lei do absurdo em toda a economia humana aparece com o seu máximo efeito assustador nos homens superiores, cujas condições vitais são nebulosas, complexas e difíceis de calcular.³⁰

Por isso, a vida para Nietzsche é um poder-vir-a-ser, é fazer da própria existência uma obra de arte, no sentido de criar outros valores que sejam significativos no único plano que é o mundo da imanência, abrindo possibilidades ilimitadas para o *Übermensch* que se traduz naquele que simplesmente cria, sem se importar com o sentimento gregário da moral de rebanho. Nietzsche caracteriza o seu *Übermensch*, em sua filosofia, com as mais altas qualidades nobres, de estirpe rara e singular, entendendo que a modernidade foi palco de atuação dos agentes dos modelos niilistas supracitados, impossibilitando assim o surgimento da exceção,

²⁹ PENZO, Giorgio. Friedrich Nietzsche. O divino como problematidade. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). **Deus na Filosofia do Século XX**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

³⁰ NIETZSCHE, 2002, p. 86.

ou seja, o homem elevado, o *Übermensch*, acidental e incalculável. Essas raras exceções de superioridade segundo Nietzsche são interpretadas pela moral dos fracos como falhas e desvios pela lógica da decadência da própria moral cristã.³¹

A possibilidade para o surgimento do *Übermensch*, de Nietzsche será propiciado depois da constatação da morte de Deus, e da aceitação do eterno retorno, esses pressupostos preparam o caminho do *Übermensch*, ou do homem criador que de acordo com a filosofia Nietzscheana, já não poderá ser mais um niilista ressentido e decepcionado com os resultados da ciência moderna depois da morte de milhões de pessoas causado pelas duas grandes guerras mundiais e do extermínio de seis milhões de judeus nos campos de concentração nazista e nem passivo como no exemplo do último homem, mas superará todos os estados pelos quais passou tudo aquilo que se chamou homem e seu desejo de nada mais almejar, pois o *Übermensch* não poderá ser mais influenciado por esses valores peremptórios .

Seguindo nessa direção o *Übermensch*, se dará no momento em que o homem tiver a capacidade de aceitar todas as dores do mundo e suas vicissitudes, não se acovardando e nem temendo a nada que lhe acontece, aceitando e afirmando a vida como ela é, de forma resignada, sem subtrações ou subterfúgios metafísicos, acolhendo todo acontecimento vivido, anelando as benesses e suportando também as aflições, a semelhança do homem trágico, festejar a vida incondicionalmente sem subterfúgios ou ficções. A concepção Nietzscheana que leva a tudo isso é a tresvaloração de todos os valores, aceitar e afirmar cada instante vivido, como se cada uma de suas ações, fossem retornar em número infinito de vezes, é a afirmação incondicional do aqui e do agora, a mais terrível anunciação de Nietzsche, a mais imperiosa e assustadora de todas, dar a essa existência por meio do Eterno retorno, a marca indelével da eternidade, essa será, uma das principais características do seu *Übermensch*.³²

Na visão de Nietzsche, a doutrina do Eterno Retorno culminará no amor ao destino (amor fati). O amor ao acontecimento, cumpre destacar também que a ideia

³¹ APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. **As andanças do homem superior em Nietzsche. Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 28, p. 263-295, 2011. Disponível em: <http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN_28_263_295_artigo_10.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2016.

³² GIACCOIA, 2002, p. 57.

do eterno retorno é a possibilidade de tresvaloração³³, de todos os valores. Essa concepção de Nietzsche aparece no fim do livro IV A gaia ciência:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida”, assim como tu vives agora e como a viveste, terá de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira! “Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasses assim”? Ou viveu alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus e nunca ouvi nada mais divino!” “Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse: a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes”“?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela?”(aforismo 56).³⁴

Há muitas especulações em torno da doutrina do eterno retorno? O que seria uma idealização do mundo? Uma vez que Nietzsche rejeitou todas as formas de dualismos, forjado na matriz do pensamento platônico. De acordo com a leitura de Cabrera sobre Marton, Nietzsche aponta para uma vida afirmativa, tão expansiva e inesgotável que será capaz de esquecer a “brutal” fatalidade da morte em plena atividade vital, não apelando para outras esferas transcendentais, onde a vida terá continuidade após sua finitude, à morte segundo o filósofo da suspeita, é um fenômeno puramente imanente, portanto deve-se apostar todas as expectativas e realizações criativas nesta vida que se esvai em si mesma.³⁵

A vida foi isso? “Direi a morte”. “Então mais uma vez!” Oh, homem! Repare! O que diz a profunda meia noite? Eu dormia, dormia- despertei de um sonho profundo: - O mundo é profundo, E pensado mais profundo que o dia. Profunda é sua dor- desejo ainda mais profundo que angústia: A dor diz: pereça! Mas todo desejo quer eternidade- quer profunda, profunda eternidade!³⁶

Não é uma ideia otimista e consoladora para muitos, que a princípio não compreendem bem sua filosofia, tal conceito traz em si uma mensagem que poderá

³³ Tresvaloração (Umwerthung) consiste em suprimir o referencial sobre o qual os valores passavam a ter vigência, e em invertê-los. Tresvalorar segundo Nietzsche significa criar novos valores.

³⁴ NIETZSCHE, 2012, p. 341.

³⁵ CABRERA, Julio. **Para uma defesa nietzschiana da ética de Kant (à procura do super-homem moral) Uma reflexão semântica. Cadernos Nietzsche**, v.6, p. 31-69, 1999. Disponível em: <http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_06_03%20Cabrera.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018. p.56.

³⁶ NIETZSCHE, 2005, p. 177.

provocar reações imprevisíveis, tamanho o impacto e horror que ela suscita, ou ao mesmo tempo, poderá trazer entusiasmo ao perceber o mundo como ele realmente é livre de ideias fantasiosas da moral cristã. O mundo na verdade é um caos de forças cegas. O eterno retorno não prevê uma reforma ou melhoramento do homem ou do mundo, mas um mundo sem um sentido dado de uma vez por todas, e isso pode parecer simplesmente uma afronta contra o nada, há nessa afirmação perdas, mas também há muitos ganhos em tudo que ela contém. No seu bojo Nietzsche anuncia a destruição dos antigos valores, mas também propõe substituí-los por algo mais elevado e criativo em consonância com a vida, a terra em lugar do céu, o instante eterno na esfera existencial, em vez de recompensas no porvir, à transcendência nessa condição é varrido dos horizontes humanos como atesta Cabrera:

Aceitar o dado como tal é o que somos obrigados a fazer, de qualquer forma, não é uma escolha nossa! “Amar nosso destino é uma maneira quase inevitável de enfrenta-lo, se não quisermos ser destruídos por ele”. Não poderíamos viver muito tempo adiando nosso destino! Trata-se de outro estilo de fuga, não transcendente, mas para uma fuga para o interior do mundo, uma desesperada busca de sentido para alguém, não mais para além do mundo, uma poderosa religião imanente e pagã. Com sua própria metafísica do tempo e seu próprio amém afirmativo.³⁷

No Zarathustra de Nietzsche o profeta anunciador fala do *Übermensch* como o único capaz de tolerar a mais difícil mensagem trazida pelo pensamento profético nietzschiano. Zarathustra se volta justamente para todos aqueles que viviam intensamente, sem se importar com o acaso, aos que não se apegavam as influências do pecado, impetradas pelo sacerdote, o seu *Übermensch* não admite e nem aceita o imperativo “tu deves”, do dragão de escamas reluzentes da moral. Essa ideia de Nietzsche é apresentada nas três metamorfoses do espírito, uma genial analogia do grande filósofo, aparece mais uma vez no livro Zarathustra classificado por ele como quinto evangelho, ele afirma que o espírito se muda em camelo que representava o espírito sólido, aquele escravo que carrega os fardos da tradição das verdades eternas da moral cristã, um escravo que nega a vida e toda sua exuberância, mas, o “eu quero” do leão já metamorfoseado não aceita mais os ditames do “tu deves” vociferando contra os antigos valores, e quer agora abrir caminho para o novo, quer destruir, para depois construir, a sua própria existência e a criação desses novos valores é tarefa para terceira metamorfose do espírito o leão

³⁷ CABRERA, 1999, p. 57.

voraz se transforma em “criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento uma santa afirmação”³⁸

O tão referido *Übermensch* de Nietzsche talvez um dia seja compreendido no momento em o homem compreender que ele é simplesmente uma passagem e uma ponte, por isso a simpatia de Nietzsche por Heráclito o filósofo da mobilidade e do devir permanente.

O homem conta desde então entre os mais inesperados e emocionantes lances de dados que a “grande criança” de Heráclito chama-se Zeus ou acaso, joga- ele desperta um interesse por si, uma tensão, uma esperança, quase uma certeza, como se com ele se anunciasse algo, se preparasse algo, como se o homem não fosse um alvo, mas somente um caminho, um episódio, uma ponte, uma grande promessa³⁹

Para Zaratustra não pode haver uma inversão de valores, que põe os reativos em vantagem diante dos afirmativos, os fortes e criadores, nem hierarquias impostas pela dualidade platônica ou maniqueísta do mundo judaico-cristão.⁴⁰ Zaratustra é considerado peça chave para abrir os castelos do pensamento Nietzscheano que se tornou um dos maiores gênios da humanidade e pagou um alto preço por sua genialidade filosófica. O seu Zaratustra é o anunciador e escolhido para desmascarar as mentiras milenares do ocidente cristão e preparar a chegada do *Übermensch*, tudo isso gerou nos homens um enorme impacto, pelo fato de não estarem devidamente preparados para assumir uma nova postura engendrada pela intensa vontade livre.

Segundo Schilling, o Zaratustra de Nietzsche é um anticristo; Ele não veio do deserto, como Jesus Cristo, mas sim desceu do alto da montanha [...]. Não se dirige aos pobres, aos humildes, aos doentes, aos perdidos e aos fracos muito menos lhes promete o Reino dos céus. Seu público é outro, é dos vencedores, dos afirmadores da vida [...] “Sua meta é atingir uma parte específica da humanidade, o Zaratustra é sim um cristo de elite, pois Nietzsche escreveu o evangelho do super-homem o que anuncia um novo tempo”.⁴¹

³⁸ NIETZSCHE, 2002, p. 27.

³⁹ NIETZSCHE, 1974, p.319.

⁴⁰ O Zaratustra, ou Zoroastro, histórico e real foi o fundador da religião persa, um profeta ariano que viveu por volta do ano 600 a.C. Ele pregou a existência do bem e do mal como entidades antagônicas e distintas e é o autor dos Gãthã, os cinco hinos que formam a parte mais antiga do Avesta, o livro sagrado do zoroastrismo. Consta que Nietzsche tomou conhecimento de Zaratustra por meio de algum estudo erudito e o tomou como inspiração. O nome Zaratustra está presente em algumas anotações feitas por ele, entre 1870 e 1874. (CAVALCANTE, 2011, p. 12).

⁴¹ SHILLING apud CAVALCANTE, 2011, P. 13

No início de 1889, Nietzsche sofreu um colapso mental, que o levou a uma fatal experiência que o silenciou para sempre, Nietzsche não viveu para ver a ascensão desse novo tempo anunciado por ele. Mas seguindo à publicação de Assim falou Zaratustra, a obra não teve praticamente nenhuma repercussão que dela esperava seu autor enquanto em vida, daí talvez o próprio Nietzsche tenha considerado essa obra em alto grau de expectativa e a classificou como uma espécie de quinto evangelho ou ante evangelho, seu estado de demência o impediu ainda em vida de esclarecer as ideias principais de Assim falou Zaratustra⁴²

Alguns estudiosos afirmam ainda que o aparecimento do Übermensch, de Nietzsche, não ocorrerá com a extinção da raça humana, mas talvez pela eliminação da ideia de humano cunhado pelos filósofos humanistas nos moldes da matriz judaica/cristã, que sempre será humano demasiadamente humano, como bem expresso pelo filósofo. Daí cabe então indagar: estará em curso um novo homem? Ou talvez o homem pós-orgânico? Substituído e melhorado por partes inorgânicas, como; próteses e chips produzidos pela engenharia genética e pelos grandes avanços da biotecnologia.

Segundo Petrônio; O universo é uma complexa maquinaria de matéria fria e indiferente, e a vida, uma absoluta excrescência no funcionamento das peças dessa engrenagem, e se desde Charles Darwin a natureza é, por definição, o império do acaso, e o homem, uma poeira casualmente surgida nesse oceano de matéria cósmica em seu destino épico de cegueira e glória, quem nos garante que o pós-humano não será o novo paradigma de definição de humanidade, à medida que ele romperá com a cadeia de sucessões casuístas e dominará a matéria, modelando-a e desenhando-se a si mesmo e as demais criaturas? O além do homem de Nietzsche, vulgo Super-homem, nesse contexto, não seria uma versão ainda romântica e espiritualizada do pós-humano? Provavelmente. Assim como Frankenstein foi uma invenção surgida de um terror agônico infantil diante da suspensão da contingência, uma fantasia tardia do romantismo gótico.⁴³

A corda estendida entre o animal e o Übermensch, deixa ainda muitas dúvidas, chegando mesmo a ser um pensamento de natureza abissal, e de difícil compressão. Cabendo assim, uma reflexão e algumas indagações atuais e relevantes. Mas a que patamares evolutivos o homem poderá alcançar? Dotado de suas novas capacidades cognitivas passando a ter domínio sobre todos os âmbitos da sociedade pós-moderna. Dessa forma o homem continua de fato em escala

⁴² GIACOIA, 2002, p. 58.

⁴³ PETRONIO, Rodrigo. O último homem. **Filosofia, ciência e vida**, São Paulo, ano 6, n. 66, p. 27, 2011.

crescente no processo evolutivo? Não poderá ele encontrar alternativas diferentes que venham melhorar sua existência? Se Nietzsche já havia proposto a superação do humano, poderá o homem humanismo e o produto do mesmo, propiciar todos esses anseios e aliviar os sofrimentos e conseqüentemente trazer o real sentido da vida e a felicidade que tanto o homem precisa, a exemplo das formas de niilismo condenadas pelo próprio Nietzsche?⁴⁴

A fórmulação desses conceitos é obvio, está atrelada a uma concepção filosófica e não a uma distinção literal, o intento é procurar esboçar o humano com um ser não substancial. Contudo segundo Heidegger só existe humanidade à medida que há uma superação do humano, ou das fraquezas humanas pelo próprio homem, o homem na existência e com sua excentricidade: essa concepção precisa ser entendida no sentido de toda a superação quer seja de ordem moral, cultural, metafísica ou biológica.⁴⁵

Para que haja o advento do *Übermensch*, é necessária a ultrapassagem, como já foi frisado, de toda moral cristã, pautada no platonismo grego do período clássico porque foi por meio dela que se engendraram todos os outros valores como a própria ideia de verdade, sendo ela atravessada por esse mesmo desejo de encontrar a verdade, que na visão de Nietzsche se traduziria numa necessidade psicológica de duração, que de certa forma impediria o surgimento do *Übermensch* que incondicionalmente aceita o eterno retorno e a afirmação da vida no amor fati que significa o amor ao destino. A existência para Nietzsche é algo que a humanidade ainda tem muita dificuldade em suportar, e para suporta-la o homem da moral de rebanho precisa ser dotado da vontade de potência que a vontade de vida, que o faz abandonar todas as expectativas em esperanças escatológicas depositadas no porvir preconizadas pelas religiões monoteístas e cristãs.

Esses são alguns recortes das ideias de Nietzsche ao anunciar o seu *Übermensch*, ele traz algumas qualidades do guerreiro dos tempos homéricos que a si mesmo buscava sua própria afirmação criando seus próprios valores e significados na própria existência, sem se importar com a moral dos fracos, que nada criam, apenas se limitando a conservar os valores já existentes. Nietzsche

⁴⁴ ARAÚJO, Pablo. **O além do homem; Jovens para sempre. Filosofia, ciência e vida**, n.74, p. 61-62, 2012.

⁴⁵ HEIDEGGER, apud PETRÔNIO, 2011, p. 25.

desfere golpes sobre todos esses ídolos que já chegaram ao seu crepúsculo, tornando-se decadentes com seus frágeis pés de barro, sua filosofia não se presta somente a demolir esses ídolos, mas também aponta para uma crescente necessidade de criação de novas tabuas de valores, mas para isso é necessário suprimir os valores já solidificados pela religião cristã e seus derivados propondo assim outros valores pela superação de si mesmo.⁴⁶

Para Nietzsche o bem é tudo que provoca no homem sua exaltação, sua força e seu poder, o mal é tudo que vem da fraqueza, por isso ele anuncia a chegada do *Übermensch*, como aquele que será capaz de destruir todos os valores que promovem o enfraquecimento da vontade de potência no homem. Em “Assim falou Zaratustra” ele mostra que cada povo tem sua própria tabua de valores e isso foi o grande resultado da vitória de suas forças, mas para essa tarefa é necessário avaliar e se possível destruir, mantendo a capacidade de criar incessantemente.

Muitos países e povos viu Zaratustra; assim descobriu o bem e o mal de muitos povos. Zaratustra não encontrou maior poder na terra do que o bem e o mal. Nenhum poderia viver sem avaliar: mas, para se conservar, não deve julgar como o seu vizinho. Muitas coisas que um povo chama boas, eram para outros vergonhosas e desprezíveis: foi o que vi. Muitas coisas, aqui qualificadas de más, além as enfeitam com o manto de púrpura das horarias. Nunca um vizinho compreendeu o outro; sempre a sua alma se assombrou da loucura e da maldade do vizinho. Sobre cada povo está suspensa uma tabua de bens. E vede; é tabua dos triunfos dos seus esforços; é a voz da sua vontade de poder. [...] A verdade é que os homens se deram todo o seu bem e todo o seu mal. A verdade é o que não tomaram, que o não encontraram, que não lhes caiu com uma voz do céu. O homem é que pôs valores nas coisas a fim de se conservar; foi ele que deu um sentido as coisas, um sentido humano. Por isso se chama homem isto é o que aprecia, [...]. A mudança de valores é mudança de quem cria. Sempre o que há de criar destrói.⁴⁷

2.2 A moral em Nietzsche

Nietzsche foi o primeiro filósofo a empregar o método genealógico ou a genealogia⁴⁸ para avaliar o valor da moral, para isso ele percorreu e escrutinou as

⁴⁶ MATILDE. Sanches, Brain. O martelo transvalorador. *Revista Trágica*: estudos sobre Nietzsche, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v6n2/matilde.pdf>> Acesso em: 10 nov.2017. p. 55.

⁴⁷ NIETZSCHE, 1970, p. 62.

⁴⁸ Na origem grega, o termo “genealogia” se relaciona ao radical “geneá”, que faz menção a “gênero”, ou mais precisamente “geração” e “família” que remete ao termo nascimento e origem. Da junção desses radicais com o sufixo “logia” tem-se o significado do termo “genealogia” na língua grega que é linhagem, descendência ou estudo dos progenitores e ascendentes de um indivíduo ou família.

principais áreas do conhecimento humano, que nunca ousaram a ser avaliadas, como ciência, etnologia e a história tradicional, para apontar as distorções e os desvios que passaram despercebidas pela tradição filosófica ocidental. Nietzsche se prestou a buscar nas origens dessas áreas dos saberes humanos, a herança dos antepassados, para o filósofo alemão o termo genealogia remete ao sentido de investigação e pesquisa pela gênese dos valores que se apresentam como eternos.⁴⁹

É preciso voltar os olhos para esse importante finês, saber em que circunstâncias esses valores surgiram e por que desapareceram e deram lugar a outros, a função da genealogia será para Nietzsche colocar em xeque o valor dos valores como afirma Scarlet Merton:

Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se ela contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter ideias ou atitudes ao exame genealógico é o mesmo que inquirir se são signos de plenitude de vida ou da sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma de vida ascendente ou declinante.⁵⁰

Nos aforismas 188, 189, 192, e 199 Nietzsche vai desmascarar por meio de Shopenhauer o que se esconde por trás de todo artifício balizador de toda moral prescritiva, “o tu deves” do dragão figura zoroastriano, ou o próprio ato de submissão e obediência, esse é o traço distinto de todos os sistemas morais construídos historicamente. O uso do método genealógico e perspectivista permite ao filósofo descortinar a origem da moral, combinando aspectos de natureza histórica e psicológica, no perspectivismo Nietzsche tem diante de si um leque de possibilidades de explorar suas ideias. Por isso dessa forma é possível saber, como a moral veio estacionar e promover um longo processo de desdobramento, resultando em diferentes morais, sendo a linguagem simbólica o principal instrumento canalizador e sublimador de seus sintomas e afetos.⁵¹

Segundo Paschoal, Nietzsche vai utilizar o termo genealogia de três formas:

Primeiro: a busca pela entrada em cena das marcas que constituem a geração atual não remete a unidades, mas a pluralidades que se agitam e se confrontam na dinamicidade das "origens" do que temos hoje. Segundo:

⁴⁹ PASCHOAL, Antônio Edmilson. O procedimento genealógico de Nietzsche. **Revista diálogo educacional**, v.1, n.2, 2000, p.2. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1891/189118252010.pdf>>. Acesso em: 16 nov.2016.

⁵⁰ MARTON, Scarlet. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993. p. 82.

⁵¹ GIACOIA, 2002, p. 26

para resistir ao seu necessário destino, que é finalmente perder, no escuro do passado, as "pistas", os "fios condutores" da entrada em cena daquilo que produziu a herança – o fio das emergências que se multiplicam numa progressão geométrica, quanto mais se avança na própria procura – o genealogista deve ser cuidadoso na coleta de dados, deve reuni-los de forma meticulosa no "cinza" dos documentos e, ao mesmo tempo, admitir que sua pesquisa supõe um trabalho com hipóteses, com perspectivas, que são as únicas que podem caminhar até lá, onde a falta de documentos sobre a "origem" torna o olhar impossível. Terceiro: a pesquisa sobre uma família normalmente se faz, ou é encomendada, por alguém da própria família, por alguém diretamente interessado nos resultados da pesquisa. Ele, o genealogista é, portanto, parte da família. Faz a genealogia de si mesmo e não pode negar o solo de onde parte sua pesquisa, pois é este solo mesmo que ele procura entender.⁵²

Nietzsche diferente dos outros filósofos que o antecederam se afasta de toda a tradição, por entender que todos os métodos tradicionais de pesquisa e investigação apenas encobrem sua origem. É um pensador que sem sombra de dúvidas, coloca sob suspeita o valor dos valores. Essas verdades essencialistas que sempre foram consideradas eternas e mumificadas, pelo fato de se tornarem tão distantes e por isso esquecidas, tornando-se difíceis de serem alcançadas, por caírem no puro esquecimento, arrefecidos pelo hábito, esse foi o atraso dos genealogistas ingleses que de acordo com Nietzsche em vez de rememorar e buscar o fio condutor dos valores peremptórios da moral cristã plebeia e judaizante, contentaram-se em atacar os efeitos desses mesmos valores balizadores da longa história ocidental através dos tempos.⁵³

Descobrir e escavar os subterrâneos da moral é um trabalho de toupeira e uma tarefa para poucos, devido ao grande interesse dos genealogistas, que possivelmente se beneficiaram desse mascaramento, por desejarem perpetuar seus ídolos seguido do grande panteão; Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Hegel e todos os classificados, por Nietzsche como trabalhadores da filosofia, eles são responsáveis por justificar e torna-los palatáveis a razão filosófica, base da ciência moderna. Esses filósofos nunca se questionaram ou colocaram em xeque a legitimidade destes valores aos olhos da posteridade humana.⁵⁴ A própria razão da existência dos genealogistas diz Paschoal atesta isso:

Apesar da postura crítica de Nietzsche em relação ao trabalho dos genealogistas, seu esforço não é no sentido de refutar suas teorias, pois, além dos méritos indicados no primeiro parágrafo deste item, eles possuem

⁵² PASCHOAL, 2002, p. 3-4.

⁵³ PASCHOAL, 2002, p. 6-7.

⁵⁴ PASCHOAL, 2002, p. 7.

ainda, para Nietzsche, uma importância como opositores, enquanto sinais de uma vontade de poder nos moldes do ressentimento. Mas não é somente neste sentido que eles são importantes, ou recairíamos na ideia de refutação, e sim pelo fato de serem os representantes mais modernos do travestimento da metafísica e deste trabalho de justificação da moral, bem como por representarem um momento privilegiado da própria tensão que o trabalho de formação de uma moralidade no homem produz. Não se deve, portanto, desprezá-los, da mesma forma que não se deve desprezar o trabalho dos "trabalhadores filosóficos", mas "tomar seu trabalho como um meio", tentar dar "a um olhar tão agudo e imparcial uma direção melhor". A crítica dos valores passa, pois, pela crítica aos que se ocupam da questão dos valores, na própria análise daquilo que eles, sem o saber, oferecem em termos de condições de se pensar para além do próprio homem, motivo pelo qual a genealogia de Nietzsche é também uma genealogia das genealogias.⁵⁵

Para abalar e derrubar os ídolos das verdades absolutas da moral cristã, Nietzsche vai lançar mão de uma de suas melhores habilidades que o consagrou como um exímio filólogo, auxiliado pelos recursos da etimologia. Ele entra pelos canais da linguagem para precisamente por meio dela, desmontar e demonstrar a fragilidade das interpretações parciais e tendenciosas da moral dos fracos, que seriam na visão dele simplesmente interpretações e não fatos, não há fatos diz Nietzsche, mas apenas interpretações. A linguagem ao convencionar os padrões de comunicação por meio da repetição de termos e palavras, que são comuns a todos os indivíduos, eliminaram as diferenças e com elas o caráter da excentricidade dos indivíduos, o consenso em detrimento da multiplicidade de forças que se exercem contra outras forças opostas e beligerantes.⁵⁶

Os recursos da lógica e da razão são mecanismos utilizados com o intuito de simplificar uma natureza que se mostra caótica e incompreensível a essas formas de emprestar sentido ao mundo. Todas as tentativas de conferir sentido às coisas do mundo são sintomas de forças que se exercem, num devir interminável, a tentativa e busca das verdades e da moral obedecem a uma necessidade psicológica do ser humano em tornar a vida mais simples e utilitária. O homem procura de todas as formas manter a estabilidade da natureza e da vida por meio da duração psicológica fornecida pela verdade. Traduz-se na necessidade de conservação da própria vida, daí a obsessão e busca pelo conhecimento e pelo domínio das forças da natureza com o uso do instrumental cientificista.

⁵⁵ PASCHOAL, 2002, p. 8.

⁵⁶ PASCHOAL, 2002, p. 9.

Para Nietzsche, essa grande corrente de conceitos, que vão se agarrando uns aos outros para se garantir, não possuem qualquer valor de realidade. Eles são, antes, sintomas de que determinada forma de vontade de poder tomou a linguagem a seu serviço, conferiu-lhe um modo determinado de interpretação e teve poder suficiente para apresentar essa forma de interpretação como sendo "a" interpretação, ou melhor, não mais como interpretação, mas como "a" verdade de conceitos que "são" e que não "emergem" de interpretações. Com isto, ela confere uma espécie de função transcendental pura a coisas que tiveram, inicialmente, funções relativas para a vida, da linguagem que Nietzsche considera como vontade de poder.⁵⁷

Fazendo uma análise entre a história e a genealogia, a própria história não é entendida na concepção nietzschiana como queria Hegel, sendo o resultado do emprego da razão dialética ou de uma suposta essência. O trabalho da genealogia é tentar na verdade recolocar o mundo e a história em movimento novamente e isso não significa em ordem no sentido linear como foi cunhado pelo historicismo. Mas o mundo num devir constante, sem a ideia de um começo, meio e fim, é esse é o sentido, que só será sentido, enquanto outra vontade não lhe impuser sua força e seus ditames.⁵⁸

A ideia de pecado e do sentimento de culpa que se traduz no próprio ressentimento são herdeiros diretos da moral judaizante, ela é responsável pelo recrudescimento dos impulsos que querem se expandir continuamente. O conflito surge exatamente das exigências da moral. Essa mesma moral causa nos fracos um desgaste das energias psíquicas, que nada mais são do que as forças vitais do corpo, convertendo-se em vontade de potência, as forças criadoras e ativas, versos as forças reativas que assumem no corpo dos indivíduos uma função muito limitadora, enfraquecendo-os, conformando-se apenas com a simples conservação da existência, o pecado trouxe o sentimento de culpa que também segundo Nietzsche adoeceu a fisiologia do corpo tornando-o franco e impotente.⁵⁹

A debilidade das forças vitais impede o homem de criar novos valores e tornar a vida muito mais rica e feliz, sendo a expansão das forças ativas a condição primordial para a realização e diferenciação do ser humano em relação aos outros indivíduos pertencentes a moral de rebanho, eles continuam sendo esmagados pelo

⁵⁷ PASCHOAL, 2002, p. 11.

⁵⁸ PASCHOAL, 2002, p. 13

⁵⁹ FERREIRA, Amauri. Culpa ressentimento e a inversão dos valores em Nietzsche. **Filosofia ciência e vida**, São Paulo, n, 36, 2009, p. 44.

modelo de perfeição dos ideais ascéticos e decadentes. Neste sentido afirma Giacóia:

Esse movimento de decadência pode ser caracterizado não como um estado permanente, mas como um processo, que podem durar milênios. Um de seus traços mais característicos consiste em que ele inviabiliza a instauração de um contra ideal expressão de um movimento ascendente de vida. A decadência se manifesta, sobretudo como ausência de coesão orgânica, como independência e destruição recíproca de elementos e funções, cuja ação conjunta constitui o princípio de unidade na vida de um povo ou cultura. Por essa razão, o traço característico da sociedade moderna é dilaceramento e a autonomização de seus segmentos constitutivos, o individualismo patológico que a torna incapaz de se integrar numa totalidade viva, a partir de um projeto ético comum.⁶⁰

Para entender o surgimento e a dinâmica da moral dos senhores e da moral dos fracos e escravos, Nietzsche vai lançar mão do argumento da teoria das forças. Somente as forças dominantes e ativas são capazes de criação e transformação da natureza, aumentando cada vez mais sua vontade de potência, em contrapartida os fracos, os reativos que no entender de Nietzsche representavam nos tempos homéricos os plebeus, os escravos e todas as formas de vida inferior suprimidas pelas forças dos que são ativos e afirmativos. Esses seriam os fortes representados pelos nobres da moral dos senhores que no período histórico da Grécia homérica dominavam o cenário como força hegemônica. Desse confronto de forças e devido à inversão provocada justamente pela moral dos fracos que por sua vez, também tentam impor sua força mas apenas reagindo e criando também valores só que de forma reativa a moral dos senhores com a ressalva de que estarão impossibilitados de exercerem seu domínio momentaneamente sobre outras forças que os sobrepujam⁶¹

As origens das expressões bem e mal tiveram sua gênese em decorrência dessa primeira distinção inversão entre moral dos senhores e moral dos escravos, o valor bom é criado justamente pelos fortes por meio da manifestação das forças vitais do corpo, essa imposição provocada pela moral dos senhores, ocasiona e cria uma interpretação e uma avaliação positiva sobre a vida dita afirmativa em tudo que ela contém.⁶² A expressão mal não foi criada pela moral dos senhores para se referir aos fracos, e sim o termo ruim para se reportar justamente a moral dos fracos no sentido, de que são inábeis e que lutam ruim. Sentindo-se humilhados e derrotados,

⁶⁰ GIACÓIA, 2002, p. 53.

⁶¹ FERREIRA, 2009, p. 46.

⁶² FERREIRA, 2009, p. 47.

os fracos eles apenas reagem aos fortes e aos nobres, criando apenas por inversão o valor mal para designar justamente os fortes, o homem trágico e guerreiro dos tempos homéricos que encarava a vida e a existência de frete sem fugir dela.

O tipo ideal de homem para Nietzsche. E esse tipo ideal grego só suportava a existência visceral porque ela era corroborada na vida dos deuses. Disso logo outro elemento se destaca na análise de Nietzsche; A incondicional opção pela expansão da vida. Em suma restava ao homem homérico, segundo a perspectiva nietzschiana, somente o anseio pela existência. Resultou deste anseio o ato artístico, portanto, correspondia para o grego homérico à expansão da vida.⁶³

Os valores entre os povos não têm uma razão atemporal ou metafísica para existir por si só, eles surgem e estão destinados a desaparecerem e até mesmo darão origem e serão substituídos por outros. O judaísmo e o cristianismo foram responsáveis pela concretização e validação da supremacia da moral dos escravos e houve nesse sentido um agente causador e responsável por dar continuidade a essa inversão dos valores do guerreiro nobre dos tempos homéricos na Grécia arcaica. A Figura do sacerdote judaico engendrada por sua própria interpretação, transferindo a culpa pela miséria e fraqueza da moral dos escravos e fracos, aos homens fortes que na visão do sacerdote judaico e da interpretação da moral dos escravos, os homens fortes é que na verdade são maus, por serem egoístas e eles os fracos são bons, por não serem egoístas marca registrada dos fortes.⁶⁴

Nietzsche afirma que isso resultou de certa forma numa falsificação do Deus judaico.

O Deus antigo já não podia o que outrora pudera. Deveria ter-se a ele renunciado. O que aconteceu? Modificou-se o seu conceito – desnaturalizou-se a sua noção: e foi a esse preço que ele se conservou. Javé, o Deus da «justiça», já não constitui uma unidade com Israel, uma expressão de autoconfiança de um povo: é apenas ainda um Deus sob condições... O seu conceito torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais, que agora interpretam toda a felicidade como prêmio, toda a infelicidade como castigo pela desobediência perante Deus, pelos «pecados»: aquele estilo interpretativo falsíssimo de uma pretensa «ordem moral do mundo» com que, de uma vez por todas, se subverte o conceito natural de «causa» e «efeito». Se primeiro se removeu do mundo, com o prêmio e o castigo, a causalidade natural, precisa-se de uma causalidade antinatural: todo o resto se segue agora da natureza. Um Deus que exige, em vez de um Deus que ajuda que dispensa conselhos, que no fundo é a expressão para a toda feliz inspiração da coragem e da

⁶³ COSTA, Victor, Sócrates; **o problema para Nietzsche. Filosofia, ciência e vida**, n. 47, 2010. p. 44.

⁶⁴ FERREIRA, 2009, p. 48.

autoconfiança... A moral já não é a expressão das condições de vida e de crescimento de um povo, já não é o seu instinto subjacente de vida.⁶⁵

A comunidade sã judaica segundo Nietzsche quando ainda não havia sido contaminada pelo germe da moral dos fracos, possuía um Deus que não os castigava e nem se vingava, por essas razões se mostravam agradecidos pelos seus bons êxitos na colheita e na fartura. O Deus inventado pelos impotentes é um artifício puramente vingativo contra os fortes para relega-los, ao fracasso e a perda de sua potência criativa. Daí a insistência de Nietzsche no sentido de proteger os fortes contra a contaminação doentia da moral dos fracos, submergidos na lama da inveja e do ressentimento envenenando toda a vida. Sempre se voltam para outro eu, fora de si mesmos, responsável por suas mazelas e derrotas, o franco aniquila dentro de si, toda força vital criativa.⁶⁶

O sacerdote judaico tem a função de ferir e manter sob seu domínio, todo aquele que pecar e se desgarrar do seu rebanho quando der vazão as suas próprias vontades que nada mais são, do que os instintos vitais inerentes a própria Vida. Sempre quando cometer qualquer transgressão deverá novamente recorrer ao sacerdote para oferecer-lhe sacrifícios pelos seus pecados. O motivo da perpetuação desses mecanismos relacionados à fraqueza tem levado o aumento considerável da moral de rebanho, os fracos precisam se unir em rebanhos, contra os fortes que se curvarão ante essas ideias que doravante promoverão as futuras sociedades socialistas e democráticas baseadas na psicologia da vitimização das supostas injustiças praticadas contra eles os fracos, sempre se colocarão na condição de vítimas coisa que Nietzsche repudia veementemente.

Tanto o sacerdote judaico, como também Paulo se tornaram os principais articuladores do movimento de perpetuação da religião cristã no mundo ocidental, a figura de Paulo de Tarso segundo Nietzsche exerceu forte influência na criação desse modelo civilizacional baseado na moral cristã de herança platônica:

Desse modo, a impotência, a fraqueza e a passividade são tornadas divinas, representando a máxima transvaloração dos valores da Antiguidade. Paulo obtém o êxito de seu intento de elaboração teológica através da associação entre a morte de Cristo e a salvação, remissão da culpa da humanidade. Por isso, Paulo estende a culpa a toda a humanidade, de modo que o homem por si mesmo jamais consegue escapar dela, senão mediante a fé em Cristo, único mediador com o Pai:

⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

⁶⁶ FERREIRA, 2009, p. 50.

“Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra da justiça de um só, resultou para todos os homens a justificação que traz a vida”.⁶⁷

Dentre essas e outras razões é que levaram Nietzsche a afirmar que o evangelho morreu na cruz, segundo ele pelo fato de Jesus Cristo ser o único pregador em toda a história do cristianismo a ter apresentado em primeira mão um evangelho autêntico e de cunho prático, ele foi um exemplo de atitude ativa e não reativa diante da vida ao contrário dos fracos. Uma espécie de antecessor dos homens superiores, a pregação do cristianismo depois de Jesus Cristo se transformou numa verdadeira distorção da pregação do evangelho original, ao longo dos séculos depois de sua morte. Paulo então foi um dos incumbidos por impregnar na mente dos cristãos o sentimento de culpa e de remorso, transformando Deus numa espécie de ser antropomorfizado, perdendo assim a dimensão do grande mistério, vindo a si conformar com a natureza humana doentia.⁶⁸

De acordo com Vattimo Nietzsche acreditava ser ele mesmo um crítico voraz da cultura como bem expressou em *Aurora* uma obra preparatória que serviu de base para o grande arcabouço teórico de Nietzsche na maturidade. Ideias como o *Übermensch*, eterno retorno, vontade de potência, sua intenção na verdade era desmascarar a moral e metafísica da cultura platônica, mas a dissolução dessa mesma cultura só começará a se esboçar nas obras críticas do filósofo. Mas qual é o sentido da dissolução da cultura grega do período clássico, no pensamento de Nietzsche?

A crítica da moral em Nietzsche segundo Vattimo se esboça em *Aurora* desdobrando-se em duas linhas de pensamento; Primeiro a moral é entendida como um conjunto de princípios que visariam não o bem individual do sujeito, mas o benefício e a conservação do todo social em detrimento do indivíduo. A eticidade nessa condição estaria a serviço do grupo ou dos que comandam o grupo, teve seu fundamento lançado por Kant no século XIX ao conceber a forma de lei universal da totalidade social, o eu deve se sacrificar por esse todo.⁶⁹

⁶⁷ FEILER, Edilson Felício. **Nietzsche; sujeito moral e cultura cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/nietzsche.pdf>>. Acesso em 05 mar. 2018. p. 74.

⁶⁸ FINK apud FEILER, 2011, p. 76.

⁶⁹ VATTIMO, 2010, p. 288.

A segunda concepção crítica de Nietzsche sobre a moral, é que ninguém será capaz de explicitar os verdadeiros motivos que os levam a agir corretamente, porque as ações são de natureza complexa, sendo por isso impossível demarcar o grau de autoconsciência moral de alguém e conseqüentemente responsabilizá-la por isso. No aforisma de aurora Nietzsche afirma que as ações morais não existem e nem o sujeito supostamente moral, sendo ele apenas um jogo superficial uma aparência interpretativa e hermenêutica, não há um eu que esteja no centro da consciência. No fundo o que existe são na verdade forças plurais.

A ilusão de saber aquilo que as ações serão, é o resultado mais geral de não conhecer o suposto eu. No aforismo 119 Nietzsche vai afirmar que o eu, é um jogo de instintos e pulsões, que se desconhece e que as vezes se atribui existência real, não existe fatos para Nietzsche, só interpretações, não existe também o chamado sujeito da moral, porque segundo Nietzsche não há sujeito para imputar-lhe a culpa. No aforismo 148 ele escreve:

Nos restituímos aos homens um espírito sereno"... Aquilo contra o que se volta a crítica da moral é o pateticismo de toda crença em uma estrutura metafísica do mundo, e na conexão dessa estrutura com nossas escolhas "supremas". Se a razão da humanidade evoluiu tão lentamente até hoje, e se ainda hoje é difícil compreender que o chamado eu é apenas o resultado de um jogo de interpretações, isso se deve também "a essa solene presença, ou melhor, onipresença, dos imperativos morais, que não permitem de modo algum a expressão do problema individual sobre o porquê e o como... Será que não fomos educados a sentir de maneira patética e a fugir na obscuridade, quando, ao contrário, o intelecto deveria ter o olhar mais claro e frio possível?"⁷⁰

O eu ao contrário do que a tradição moral pensava não se limita a uma autoconsciência, mas a uma espécie de ruptura, rumo a libertação da pluralidade de suas forças, o homem é constituído por forças plurais, Nietzsche vai insistir segundo Vattimo na moral como neurose, em Aurora isso já se torna bem evidente e vai se estender nas obras tardias de Nietzsche, como Genealogia da moral e além do bem e do mal. Nietzsche continuará insistindo na crítica da eticidade e da moral de rebanho, produto da neurose que nunca conseguiu livrar-se de Deus, como aquele que pode conceder-lhe a graça e o milagre. O Übermensch nascerá para Nietzsche exatamente do processo de dissolução da cultura. A doutrina do Eterno retorno, para além do bem e do mal e vontade de potência podem ser lidos e compreendidos no sentido de libertação das forças plurais presentes no homem, já a ideia de uma

⁷⁰ VATTIMO, 2010, p. 293.

única moral não existe para Nietzsche e a eticidade que se afirmar a si mesma, poderá matar as forças positivas e criativas do homem ⁷¹

2.3 O Super-Homem de Nietzsche e o Super-homem dos quadrinhos como hipótese de superação de limites físicos pessoais.

Seguindo na trilha intrigante e problematizadora a respeito da pergunta sobre as possíveis aproximações entre Superman dos quadrinhos e o Übermensch de Nietzsche, outra suposição poderá ser sinalizada a partir da ideia de que o homem ao longo dos tempos, sempre procurou superar seus limites, sendo ele uma passagem e uma corda estendida rumo ao Übermensch.

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso para-la, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-traz, um perigoso estremecer e se deter. Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio.⁷²

Nietzsche condiciona o seu Übermensch não a um telos ou finalidade última, não o considera envolto em uma órbita de poderes sobrenaturais, mas afirma que o seu Übermensch foge de todos os sistemas morais e jamais será refém do vazio existencial provocado pelo niilismo do último homem. O Übermensch de Nietzsche é alguém que tem a capacidade de superar-se fisicamente e o corpo na filosofia de Nietzsche recebe um tratamento todo especial. Porque na verdade o desprezo pelo corpo a partir do cristianismo tem a influência direta da filosofia platônica com a ideia de supremacia da alma racional em detrimento da alma irascível que obedeceria cegamente às paixões e aos desejos carnis, Nietzsche alerta sobre os desprezadores do corpo como os responsáveis por esse enfraquecimento físico.

Aos desprezadores do corpo desejo falar. Eles não devem aprender e ensinar diferentemente, mas apenas dizer adeus a seu próprio corpo – e, assim, emudecer. “Corpo sou eu e alma” - assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças? Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de

⁷¹ VATTIMO, 2010, p. 296.

⁷² NIETZSCHE, 2011, p. 16.

teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão.⁷³

Os problemas morais e o enfraquecimento das forças vitais no homem se inscrevem na fisiologia do corpo, alguns literatos famosos como Tolstói afirmaram que a carne não mente, o corpo é a maior verdade como Nietzsche havia preconizado, ele acreditava somente em algo que pode ser escrito com sangue por isso a vontade é intrínseca ao corpo fonte de toda a energia da vida. O Superman em muitas ocasiões não abre e nem mostra possibilidades ilimitadas para a criação e experimentação de si mesmo. Por outro lado, Nietzsche afirma que o homem pode superar-se a si mesmo, porque a própria vida é prova cabal de superação e de transformação. A vontade de auto superar-se é a própria vontade de poder presentes nas funções orgânicas do corpo humano.⁷⁴

Já o Übermensch é a própria vida como manifestação da vontade de potência e também o sentido da vida nela inscrito. Essa ideia vai contra ao suposto céu idealizado pelo cristianismo, que odeia o amor ao mundo e as coisas que nele há. O Übermensch de Nietzsche ama a terra como sendo o seu único refúgio, não acredita em esperanças futuras em ultra mundos. “Amo os que não se satisfazem em procurar além das estrelas umas vindouras “a razão para serem declínio e oferenda, mas que, ao contrário, se sacrificam à terra para que esta um dia se torne a terra do super-homem.”⁷⁵

Nesse sentido, pode-se afirmar que o Superman da cultura pop não preenche os requisitos para se aproximar do Übermensch de Nietzsche porque justamente tem dívidas com a sua essência alienígena. O Übermensch de Nietzsche é a própria razão e o corpo e o sentido da terra, a vida é o corpo, todas as formas simbólicas de significar o mundo nada mais são do que expressões da vontade de potência que está justamente no corpo. Trocando em miúdos o eu que a razão moderna preconiza como suficiente, em detrimento dos afetos, é algo que o corpo cria e inventa, é simplesmente sintoma, sendo a própria manifestação de poder e do amor fati. “O amor é uma loucura diz Nietzsche pois não há explicação e nem razão, o amor é uma afirmação de si mesmo a própria vontade de poder.”⁷⁶

⁷³ NIETZSCHE, 2011, p. 34-35.

⁷⁴ NIETZSCHE, 2003, p. 85.

⁷⁵ NIETZSCHE, 2003, p. 18.

⁷⁶ NIETZSCHE, 2003, p. 67.

O homem chega ao seu limite e então se fadiga do próprio corpo, buscando repouso e sossego, a vontade do corpo nessas circunstâncias se torna fraca, perdendo assim a capacidade de criar, entrega-se ao niilismo da vontade de nada, tendo como agravante as verdades cristãs que também são desprezadoras do corpo. Por essa razão a humanidade agarra-se as utopias, as formas perfeitas, e a tudo que possa lhe dá conforto, procura a fixidez e deixa de superar-se, não compreende a mobilidade intensa da existência e é somente por meio do movimento que poderá continuar em constante superação inclusive a corporal.

O *Übermensch* de Nietzsche é um referencial para todos aqueles que desejam lutar e vencer seus conflitos existenciais, saindo da zona de conforto, rumo a possibilidades maiores e mais nobres de criar e tomar as rédeas de sua própria existência, para isso a maioria dos homens precisam enfrentar e suportar sofrimentos intensos e os seus próprios conflitos para crescerem, transformando-se em homens fortes, tornando-se exemplos nobres para outros que também precisam pelear pela sua própria sobrevivência num mundo hostil que lhes impõe desafios cada vez maiores.⁷⁷

Voltando a discursão da superação dos limites físicos e corporais , pelos super-heróis e das possíveis comparações e aproximações entre o conceito nietzschiano do *Übermensch* e os super-heróis dos quadrinhos, pode-se afirmar que a criação dos heróis modernos dos quadrinhos, inclusive a procura pelos motivos que os levou a tamanho sucesso entre seus leitores, se deve segundo Bittercord ao potencial que esses personagens fantásticos tem de; superar suas fraquezas, limitações corporais e o medo inevitável da morte como já foi mencionado, isso só poderá ser compreendido dentro de uma órbita humana em si.

Os traços, as qualidades, os poderes, as limitações e todas as características humanas presentes nos heróis modernos, são de alguma forma, herdeiras dos heróis dos tempos dos mitos gregos relatados por Hesíodo e Homero em suas epopeias, com a ressalva de que os feitos dos heróis das epopeias gregas tinham uma função estética e pedagógica. Havia uma busca pelo equilíbrio e de certa forma uma contraposição entre a dimensão dionisíaca da vida marcada pela

⁷⁷ DAVID, Gadon. A descoberta do *Übermensch* de Nietzsche no Super-Homem como ideal heroico. In: WHITE, Mark. **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras 2014. p. 116.

dor e pelo sofrimento e a dimensão apolínia, permeada pela beleza da existência, ambas faziam parte da dinâmica da existência.

Já as tramas e os feitos dos super-heróis modernos são motivados por interesses mercadológicos movidos pela indústria cultural de consumo, seus personagens são constantemente adaptados as motivações de uma época histórica, para continuarem vendendo e caindo na graça de seu público consumidor, por isso usam e abusam de seus poderes para fugirem da dimensão terrestre.⁷⁸

Os leitores ao mergulharem nas páginas das histórias dos super-heróis dos quadrinhos se sentem envolvidos nas aventuras, a ponto de se identificarem com seus heróis prediletos, percebem que os super-heróis exercem fascínio sobre eles, os super-heróis também captam dos seus fãs, as mais profundas aspirações no que diz respeito aos ideais de bravura e extrema capacidade em vencer desafios no campo da superação pessoal. Na verdade, os super-heróis carregam a humanidade dentro de si, no sentido de estimularem os leitores para ações mais nobres, a exemplo dos heróis Aquiles e Odisseu. Nietzsche prefere e por isso destaca o período histórico pré-socrático porque o considera como singular na história humana por legar a humanidade tais proezas. Nietzsche defende o período pré-socrático como sendo o grande momento do apogeu da humanidade em todos os tempos. Também se atribui tamanho sucesso da superaventura ao afã de seus leitores na tentativa de tornarem-se famosos e atraírem prestígio social a semelhança de seus heróis modernos.⁷⁹

A noção do ideal heroico por meio da força e do vigor encontrados no Super-Homem, ou em outro herói da superaventura pode de alguma forma estar presente em qualquer ser humano com já foi discutido, os heróis estão por aí em algum lugar do mundo, mas para isso ele precisará incorporar a vontade de poder e essa vontade se manifesta por meio da potência de agir, que pode ser enfraquecida ou fortalecida de acordo com as situações adversas nas quais o homem se depara no seu cotidiano tais situações que as vezes o debilitam, passa pelo seu total desconhecimento, essas influencias o alienam, no caso do afeto da tristeza por

⁷⁸ BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e o Super-homem como paradigma da superação pessoal. **Revista Húmus**, v. 6, n. 17, p. 52-65. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/5394/3322>>.

Acesso em: 26 dez. 2017. p.58.

⁷⁹ BITTENCOURT, 2016, p.58

exemplo pode ser regulado pela moral entorpecedora da alma senhorial, impossibilitando o homem de expandir suas forças mais criativas, no caso de afetos como a alegria por ter superado mais um desafio seja ele de ordem física ou moral ⁸⁰

Na vida os indivíduos se defrontam com situações de toda sorte, que lhes exigem fibra e muita garra, forças que eles mesmos desconheciam que a possuíam e depois de passarem por esses moinhos de dificuldades extremas são considerados pelos seus pares como verdadeiros heróis, transformam-se em seres imbatíveis celebrando e projetando para o futuro desafios ainda maiores do que os anteriores, porque segundo Nietzsche o corpo e a vida querem mais potência, não deixando de encontrar pela frente as resistências, embates que na verdade os ajudam a fortalecê-los . Aliás pensando em termos da própria fisiologia do corpo, como afirma Nietzsche “Na batalha da vida o que não me mata me fortalece.”⁸¹

Mas mesmo os super-heróis sendo detentores de tamanhos poderes não lhes impede de passarem por momentos de desalento, em que o peso do mundo e da responsabilidade estão sob suas costas. Esse lado frágil dos super-heróis dos quadrinhos chega de certo modo, a aproxima-los dos meros mortais.

Assim como a personalidade de Clark Kent, muitos outros heróis também se caracterizam por um determinado grau de fragilidade, tanto física como moral, como seria o caso de Billy Batson (Capitão Marvel) ou de Peter Parker (Homem-Aranha). Uma explicação plausível para a configuração estilística de heróis que possuem uma natureza comum, humanizada, reside na possibilidade de ocorrer a identificação moral do leitor com a figura, de modo que, através da existência desses aspectos que igualam a personalidade do herói com o homem cotidiano, evita-se que se crie um distanciamento entre ambos. Se porventura os grandes heróis não possuíssem um lado humano, vacilante, frágil, o público leitor se sentiria diminuído e mesmo humilhado moralmente perante a imensurável manifestação de forças presente em qualquer grande história fantástica de super-herói.⁸²

Por ironia do destino o ator Christopher Reeve que protagonizou o personagem Superman no cinema , passou por um grave acidente na vida real, algo que ele talvez jamais imaginasse, que a arte um dia iria imitar a vida, no seu caso o acidente lhe cobrou muito em matéria de esforço físico, mental , espiritual e que o levou muitas vezes em querer desistir de viver, o pensamento de Nietzsche mais uma vez entra em cena tentando aproximar os dois conceitos o Übermensch e o

⁸⁰ BITTENCOURT, 2016, p.59.

⁸¹ NIETZSCHE, 2006. p.10.

⁸² BITTENCOURT, 2016, p.60

homem de aço da superaventura , respaldando a situação limite vivida pelo ator de Hollywood, no palco da vida diz Nietzsche o que não me mata me fortalece, essa foi uma máxima que influenciou o ator na vida real e na sua trajetória rumo a superação da limitação física provocada pelo acidente. Ele teve que reviver na vida real aquilo que ele sempre enfrentou na ficção, a luta contra obstáculos de toda ordem, tanto na vida do super-herói Superman, como na vida de Christopher Reeve. O ator é um exemplo para aqueles que sofrem de limitações físicas e precisam supera-las em busca por uma melhor qualidade de vida. ⁸³

O Übermensch de Nietzsche aparentemente seria talvez uma boa pedida já que ele não necessitaria das próteses oferecidas pelos valores peremptórios da moral cristã, que sempre esteve por perto oferecendo aos moribundos e decadentes, algo que possa consolá-los nos momentos mais difíceis da vida. Por isso, o Superman da cultura pop se mostra inadequado para preencher os requisitos básicos das qualidades nobres do Übermensch do filósofo do martelo.

⁸³ BITTENCOURT. 2016, p.62.

3 O CONCEITO DE HERÓI DA SUPERAVENTURA

Por que a superaventura é um gênero que atrai tantos seguidores ao longo de muitas gerações pelo mundo? Muito disso se atribui aos feitos e as aventuras do herói. Quem é o herói dos quadrinhos? De onde ele vem? Porque ele exerce tanto fascínio no mundo dos quadrinhos e vendem milhares de exemplares levando ao cinema suas histórias e lucrando milhões de dólares com a exibição dos filmes protagonizados com algum herói de grande projeção midiática. Será o herói um fenômeno das massas? Os heróis dos quadrinhos já foram também alvos de críticas, tanto por parte dos filósofos da escola de Frankfurt, tal como o conceituado filósofo italiano Umberto Eco, ele aborda a complexidade que envolve essa discussão:

De acordo com Umberto Eco, a sociedade contemporânea, da era da massificação dos meios de comunicação e dos bens culturais, é marcada pelo desenvolvimento de símbolos subjetivos calcados em bases populares que visam atender a uma demanda de sentido. Tais símbolos subjetivos repousam sob um processo de mitificação que intenta (e de fato consegue) atribuir uma impressão de universalidade ao símbolo, justamente por partir dos anseios e das aspirações de bases populares, de uma coletividade, embora seja proposta “de cima” (de uma elite pensante, detentores de capital simbólico). Para Eco as histórias em quadrinhos são um exemplo perfeito dessa dinâmica.⁸⁴

Com tudo isso a utilização do termo Herói nos quadrinhos da superaventura, remete a ideia de diferenciação em relação aos demais personagens, essa distinção reside exatamente no que tange os valores morais e em seus feitos extraordinários. O herói para Campbell citado por Paiva⁸⁵ chega a oferecer em sacrifício sua própria vida por uma causa que julga ser maior do que a sua própria vida. Ele está constantemente empenhado pelas causas nobres da humanidade. É detentor de qualidades como força, inteligência e acima de tudo zela pelos valores éticos e morais. É exemplo de conduta incorruptível, segue os ideais de liberdade, fraternidade, justiça, coragem, motivado sempre em fazer o bem custe o que custar nunca medindo esforços no cumprimento de sua missão.

⁸⁴ ECO apud REBLIN, 2015, p. 172.

⁸⁵ PAIVA, Fábio da Silva. Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores: os exemplos de batman e superman. **Congresso de Leitura do Brasil**, Campinas, 2009. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf> Acesso em: 04 mar. 2018.

Os heróis na visão de Eco continuam a fascinar o público leitor e consumidor devido possuírem essa característica de nunca serem consumidos por completo, são de natureza inventiva por parte de seus criadores, que vez por outra os colocam em sintonia com seu público leitor tem pelos seus heróis profunda admiração, estando inseridos no chamado tempo onírico apontado por Eco, para isso são utilizados recursos narrativos para reintegra-los a mitologia.⁸⁶

Mas mesmo contando com a aclamação do público leitor, nem sempre nossos heróis e super-heróis da superaventura gozaram de tranquilidade no meio cultural da indústria do consumo como afirma Waldomiro Vergueiro, outro importante estudioso sobre o assunto. Vergueiro destaca o fato de que esse desprezo pelas HQs, parte da ala das elites pensantes⁸⁷. Alguns até mesmo as acusaram de corromperem e fazerem a cabeça do público infanto-juvenil pensando assim sob uma ótica psicanalítica. Segundo Reblin o psiquiatra alemão Wertan foi um dos principais mentores do movimento contra as HQs durante meados dos anos cinquenta.

Em seu livro *A sedução do inocente*, redigido numa linguagem relativa simples e persuasivamente descritiva, repleto de relatos de conversas com crianças, jovens e pais, Fredric Wertham assevera que as histórias em quadrinhos e que nelas, as narrativas dos super-heróis, promovem delinquência juvenil, homossexualidade, violência, crime, sadismo, uso de drogas. Segundo o psiquiatra, as histórias em quadrinhos e particularmente, as histórias de crime e horror modelam o comportamento e as preferências de crianças e jovens estão a mercê do conteúdo propagado por esse tipo de mídia e sujeitas a serem seduzidas por esse conteúdo pela forma como é difundido. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos se tornam extremamente anti educacionais.⁸⁸

Mas a chamada caça às bruxas encabeçada por Wertan, não foi suficiente para conter o avanço e o sucesso das histórias em quadrinhos. Os colecionadores continuaram fãs de carteirinha dos heróis das HQs, hora mocinhos, hora bandidos, os heróis e o os super-heróis dos quadrinhos sempre tiveram seus prós, e seus contra, quanto a sua autenticidade e sua credibilidade como ideia de representação do gênero humano.

Afinal todo mundo algum dia já incorporou como também se identificou com algum herói em sua índole, o herói sempre permeou o imaginário do ser humano em

⁸⁶ REBLIN, 2015, p. 175.

⁸⁷ REBLIN, 2015, p. 18

⁸⁸ REBLIN, Iuri Andreas. **Para o alto e avante**: uma análise do universo criativo dos super-heróis. Porto Alegre; Asterisco, 2008. p. 34.

todas as culturas e épocas no registro da história da humanidade, como afirma Reblin:

O mundo sempre precisou de histórias de encantamento de histórias que envolvessem as pessoas e que preenchessem seus vazios existenciais, de histórias que fornecessem um sentido de direção para qual cada um (de mãos dadas com outros) pudesse dirigir seu caminhar. As “histórias de encantamento” oferecem princípios que podem construir a identidade, proporcionar um senso de coletividade, transmitir também valores e normas. Enfim, as histórias de encantamento fazem parte de nosso universo de sentido e de possibilidades de imaginar uma realidade em que a liberdade almejada e os valores que nos são caros se apresentam concretamente em nossas vidas [...].⁸⁹

O ser humano desde os tempos mais primitivos, passando pelas narrativas míticas até chegar aos heróis, estes fabulosos e enigmáticos personagens sempre habitaram o imaginário fazendo parte inclusive do inconsciente coletivo como arquétipo⁹⁰. grandes civilizações do passado, tais como os egípcios, cananeus, vikings e tantos outros povos, viram nos mitos heroicos um sentido que pudesse oferecer uma explicação para o caos e o destino de seus povos. Thor agitava seu martelo e movia os mares, os próprios ritos atualizavam os mitos nessas civilizações por meio do sacrifício, seriam eles os primeiros heróis? Mas a própria análise das culturas tradicionais segundo Reblin apontam a forte presença dos traços heroicos herdeiros dos heróis das epopeias.

Ao analisar culturas e povos distintos, constata-se a presença de elementos heroicos no imaginário e na vivência cotidiana, tanto na cultura oriental quanto no ocidental. Antes dos super-heróis dos seriados televisivos já invadiam as telas japoneses (Jaspion, Jiraya, Changeman, Ultraman; National Kid, entre outros), até mesmo os Kamikazes, pilotos suicidas japoneses da segunda guerra mundial, considerados “Heróis pelo seu povo – Godzilla e outros seres mitológicos permeavam o universo dos habitantes do arquipélago do sol nascente.”⁹¹

Toda a trama das histórias em quadrinhos como lócus da superaventura gira em torno de seu mais importante protagonista dos quadrinhos o herói. Nosso mundo imaginativo e simbólico é um território habitado pelos heróis fantásticos. De acordo com Campbell o herói é aquele que sempre irá trazer e resgatar os valores que foram esquecidos e demolidos pela sociedade ao longo do tempo, é ele que irá levar a humanidade a retomar os rumos da decência e da ordem respaldados pela justiça,

⁸⁹ REBLIN, 2008, p. 17.

⁹⁰ Segundo a teoria dos arquétipos de Jung, o arquétipo de herói faz parte do inconsciente coletivo da humanidade de maneira atemporal.

⁹¹ REBLIN, 2008, p. 21.

porque a superaventura carrega em seu bojo valores de cunho axiológico, valores que cabe também ressaltar, coniventes com a lógica de mercado que valoriza mais o consumo, em detrimento do ser humano em si. As narrativas dos super-heróis carregam a ideia de mundos dualísticos de lutas ferrenhas entre o bem e o mal, e essa é a grande sacada das HQs, rumo ao sucesso entre os leitores desse gênero.⁹²

Os heróis dos quadrinhos apresentam algumas características tais como; alguém que pode protagonizar tanto na vida real, quanto na ficção. Possuem virtudes tais como; a coragem que inclusive pode ser aplicável a seres concretos do mundo real. Mas no contexto religioso a aplicação dos elementos heroicos, é vista com restrições em virtude do difícil impasse entre o sagrado e profano.

Na busca por outras definições e conceituações do que possa ser um herói, é válido fazer algumas distinções entre herói, super-herói e também o famigerado anti-herói. A palavra herói é derivada do grego antigo, e significa alguém com qualificativos sobre-humanos, outra definição cabível é o fato de que o herói se destaca pelos seus feitos guerreiros sendo por isso, aclamado por suas qualidades nobres como já foi frisado.⁹³ O herói, envolve uma teia de complexidade, entre a maximização pelo uso de seus poderes sobre-humanos, como também não precisa necessariamente utilizar poderes fora do comum como acontece com o super-herói, seus atos podem perfeitamente se encaixar no mundo humano e no cotidiano das pessoas comuns e mortais.

O que ocorre é que o herói precisa potencializar suas capacidades e virtudes ao máximo dentro do âmbito do limite humano e estar sujeito a todos os vieses na condição de criatura meramente mortal, chegando quase ao seu limite, sendo capaz inclusive de arriscar sua própria vida em prol dos fracos e oprimidos. Enfim o herói é em alguns aspectos aquilo que jamais um super-herói poderia ser.⁹⁴

Para que se possa ter uma ideia ainda mais abrangente sobre o perfil do herói, não é difícil perceber que os heróis estão bem próximos da realidade humana e corriqueira do que se imagina. Os tão badalados heróis são os cidadãos comuns do dia a dia, são na verdade profissionais liberais, cumprindo todos os dias suas funções e obrigações de ofício e até mesmo chegando a realizar ações que vão

⁹² REBLIN, 2008, p.18.

⁹³ MORRIS, Matt; MORRIS, Tom (Orgs.). **Super-heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2009. p. 25.

⁹⁴ MORRIS, 2009, p. 24.

além da própria responsabilidade que lhe são incumbidos. Heróis não são na verdade pessoas famosas, por fazerem sucesso em tabloides conceituados na grande mídia, mas sim pessoas consideradas, importantes para muitos, porque importam as outras pessoas para dentro de si com seus atos de abnegação, bravura e empatia pelas causas consideradas muitas vezes perdidas, como afirma Reblin:

Em outras palavras, na superaventura, há sempre uma proporção entre o herói e a ameaça que ele precisa enfrentar. Em Shazam; O poder da esperança há, entretanto, uma reconfiguração da missão. Ao passo que, em Superman: Paz na terra, se evidencia a ineficácia do herói, em Shazam; O poder da Esperança, se percebe inicialmente que o herói pode ser mais que um salvador de última hora. Ao final (e isso é a proposta de todo um projeto de Dini e Ross), ambas as histórias assumem a mesma posição: humanizar. Os super-heróis terminam por realizar aquilo que pessoas comuns fazem em seu dia a dia: semear, ser amigo. A extraordinariedade se dilui na ordinariedade.⁹⁵

O conceito de herói precisa se estender ainda mais para outras esferas da vida humana, que não sejam apenas atitudes arriscadas. As tarefas simples exercidas pelos papéis sociais, como por exemplo, a função materna cumprida exemplarmente por uma mãe e dona de casa, cada profissional dentro do seu contexto de trabalho, que cumpre com o seu dever e segue zelando pelos valores éticos evitando o mau de seus semelhantes. A luta pela sobrevivência travada todos os dias pelo lugar ao sol no mercado de trabalho, visando a realização pessoal e daqueles que os cercam, a perseverança em meio as hostilidades da vida, doenças e desemprego, as contingências de toda ordem e ao acaso, podem e devem ser consideradas atos de grande coragem e heroísmo quando são vencidos e superados por alguém.⁹⁶

Consequentemente, a categoria de herói, não se esgota por meio de uma simples definição semântica ou literal, não pode ser diminuída e nem excessivamente extrapolada, compreender o que um herói é muitas vezes uma grande aventura algo inacessível e de âmbito incompreensível e transcendente, outros sentidos permanecem em aberto, assim como a própria vida, o herói está ainda por fazer-se em cada momento que a vida impõe seus desafios.

⁹⁵ REBLIN, 2015, p. 224.

⁹⁶ MORRIS, 2009, p. 24

Já o super-herói é um ser de força surpreendente, com qualidades boas e más com alguns pontos vulneráveis. As suas qualidades nobres o leva a praticar feitos dignos. Dentre as características relacionadas, à aparência é uma delas, inconfundível por sinal, pode-se perceber que a maioria dos super-heróis usam capa, mascarados dispositivos e artefatos que carregam no cinto, alguns possuem garras de metal. Mas o que mais chama a atenção dos leitores são suas habilidades que ultrapassam em muito a dos simples mortais, sempre se colocam em defesa dos que necessitam de sua ajuda.⁹⁷

O super-herói tem poderes inatos e também provenientes da tecnologia por meio de matrizes energéticas, são seres que tem a capacidade de nutrir nos outros humanos sentimentos de amor e ódio, ou até mesmo alterar a manifestação desses sentimentos, ora amando e odiando ao mesmo tempo.

Provocam nos seres humanos profunda admiração e fascínio por colocarem seus superpoderes a serviço da humanidade, são venerados e até mesmo divinizados, devido portarem esses superpoderes. Mas necessitam manter a vida privada preservada da influência da vida de super-herói, por isso a necessidade de usarem a máscara para que as pessoas que fazem parte de seu raio de influência, também possam contar com ele. Todas essas medidas são necessárias com a intenção de preservar a integridade física e mental de seus amigos mais íntimos, evitando assim os ataques de seus principais inimigos⁹⁸

A dinâmica de vida mantida pelo super-herói é de difícil gerenciamento, por essa razão eles precisam exercer profissões seculares no meio social em que convivem juntamente com outras pessoas comuns. Mas também o super-herói possui outro diferencial importante que é sua missão, àquilo que exatamente foi incumbido de fazer salvar a humanidade de possíveis situações caóticas, mesmo que esse salvamento seja em caráter parcial, pois são conscientes de que nunca poderão sanar definitivamente todos os problemas da humanidade.

Apesar de buscar resolver várias questões atinentes às crianças, desde passeios, a promover acessibilidade a recursos médicos, lidar com os problemas de violências domésticos, há o instante em que o super-herói se sente impotente: quando ele se depara com a situação de morte. Capitão Marvel percebe que não adianta nada possuir todos os poderes que possui, pois todos eles se revelam inúteis diante da morte. De certa maneira, essa

⁹⁷ MORRIS, 2009, p. 25.

⁹⁸ REBLIN, 2008, p.23.

situação também é percebida em *Superman: Paz na Terra*, onde todos os poderes do herói não são capazes de resolver os problemas da fome. E se, no início da narrativa de *Shazam: O Poder da Esperança* é gênero com a missão, essa ruptura é novamente evidenciada diante de impotência do herói.⁹⁹

O universo dos super-heróis, não é em certos aspectos diferente e nem isento de preconceitos, mas impregnado de valores que por sua vez pertencem ao contexto de vida de seus criadores, e que de certa forma, trazem para o campo das narrativas da superaventura, elementos de cunho axiológico e seus sui generis. Como afirma Roland Barthes:

Sempre existirão tensões entre intencionalidade e a representação nas narrativas, nos desenhos, nos processos de expropriação ou de inflexão de elementos religiosos, políticos, sociais, culturais. É necessária a habilidade de poder questionar as naturalizações e as inflexões expressas nas múltiplas realidades dos quadrinhos, mas, ao mesmo tempo, é necessária uma sensibilidade capaz de entender a totalidade da associação entre conceito e imagem e de que uma produção artística nunca esgota por completo todas as possibilidades representativas.¹⁰⁰

A imaginação é um elemento essencial no mundo da superaventura e no cotidiano de qualquer super-herói, é por meio dela que esse gênero narrativo e seus personagens podem transpor a barreira do tempo, levando seus personagens a carregarem os anseios e fantasias que fazem parte do seu mundo fantástico, sem esses mundos carregados de fantasias, a vida não seria possível, na dimensão real, porque todas as fantasias não realizadas na vida real, o leitor as torna possíveis na ficção encarnando-se e revivendo essas fantasias em algum super-herói na trama. E ao contrário do que se pensa tal coisa nunca deve ser considerada pueril ou pertencente ao mundo puramente ficcional, todas as grandes invenções da humanidade, mesmo aquelas de cunho científico começaram como uma aspiração em um sonho que o inventor teve, como fruto fértil da imaginação humana. É a imaginação que cria e ao mesmo tempo distorce a realidade, tendo em vista a difícil e complexa distinção entre o que é a realidade e o que é irrealidade, provocada pela percepção como um dos processos mentais essenciais do ser humano.¹⁰¹

De todo modo cabe aqui ainda trazer alguns enfoques que talvez ajude a delimitar a fronteira conceitual e as vezes semanticamente tênue entre os dois personagens que se confundem. De acordo com Viana citado por Xavier, o herói

⁹⁹ REBLIN, 2008, p.231.

¹⁰⁰ BARTHES, 2008, apud REBLIN, 2008, p. 240.

¹⁰¹ REBLIN, 2008, p. 26.

possui habilidades excepcionais, mas tais habilidades são humanamente possíveis, enquanto o super-herói possui habilidades sobre-humanas, só podendo existir havendo um mundo habitado por esses superpoderosos.¹⁰²

Mas nem só de ação, imaginação, suspense e aventuras radicais com todas as características que até agora foram supracitadas vivem os heróis e super-heróis dos quadrinhos, vale ressaltar que esses seres, são dotados também de senso de humor e alegria nostálgica, sentimentos que não são apenas privilégios de seres humanos comuns, mas também pertencentes ao mundo dos super-heróis dos quadrinhos.

Cabe aqui também trazer alguns enfoques a participação marcante de um personagem amado por alguns e odiado por outros no universo da superaventura. Ele é o anti-herói. Será ele a personificação do mal? Ou, o que o levou a trilhar os caminhos da maldade? Nas histórias em quadrinhos pode-se encontrar inúmeros exemplos de anti-heróis que vivem as vezes de maquirar contra os heróis e super-heróis os defensores da moralidade e da justiça.

O famoso Lex Luthor é um dos personagens que se apresenta como um anti-herói e nisso talvez comungue com o pensamento de Nietzsche no sentido de que o anti-herói Luthor não compartilha da ideia de um herói salvador no quilate do Superman dos quadrinhos, uma vez que os habitantes de metrópoles veem o Superman como uma espécie de salvador da humanidade fazendo menção direta com o messias do cristianismo.

Mas um olhar mais cuidadoso por meio das lentes do existencialismo pode nos ajudar a ver que Luthor é na verdade uma pessoa complexa e determinada que luta com suas preocupações legítimas com relação ao super-Homem. Apesar disso, Luthor leva o existencialismo ao extremo, rejeitando a ética e se tornando um anti-herói. Entre os filósofos, existem vários que são rotulados de existencialistas, mas todos eles acreditam que devemos nos preocupar com viver de modo autêntico, e que isso exige enfrentar algumas verdades sobre o mundo no qual vivemos. Essas verdades podem incluir admitir a não existência de Deus.¹⁰³

Por isso o anti-herói Luthor segue sua luta renhida em busca de seus próprios objetivos sem se preocupar com entidades abstratas que venham auxiliá-lo na sua ambiciosa tarefa de dominar o mundo. Luthor em diversas cenas de alguns

¹⁰² PAIVA, 2010, p. 3.

¹⁰³ RICHARDSON, Nicolas. DONAVAN, K, Saran. O Super-Homem Deve ser Destruído! Lex Luthor como Anti-Herói Existencialista. In: IRWIN, Willian. **Superman e a filosofia**: São Paulo: Madras, 2014. p. 137-138.

filmes tais como; Lex Luthor; Man off Steel, ele alega que o homem de aço é uma figura idealizada e criada pelo povo americano para eximi-los de suas responsabilidades, acusa-os de se importarem apenas consigo mesmo, como mostra a filosofia existencialista. Luthor de acordo com Irwin incorpora uma espécie de divindade.

Luthor é apresentado como um gênio criativo (embora malvado) em muitas tramas. Em *Superman: Secret Origin*, Luthor se torna o homem mais poderoso de metrópoles. Ele comanda a LexCorp, uma empresa de sucesso, manipula as pessoas de metrópoles com uma loteria diária que promete mudar a vida de um sortudo, e tem conexões com o exército americano- a quem ele convence a ajuda-lo a liquidar o super-homem. Luthor usou sua inteligência, vontade e criatividade para construir um império. Na verdade, ele fez exatamente o que Nietzsche acusa a cristandade de fazer; ele se colocou como um Deus entre os homens que deve ser temido e adorado.¹⁰⁴

3.1 Moral e Moralidade na superaventura

A moralidade é um valor que está intrinsecamente ligado ao mundo da superaventura, e alguns questionamentos precisam ser feitos na busca de possíveis respostas que ajudem a compreender as razões que levam os super-heróis a serem os guardiões da moral e dos valores? Para isso faz-se necessário adentrar na teia complexa da moralidade no contexto da superaventura, mergulhando nas páginas das histórias em quadrinhos, para lá encontrar os super-heróis imersos e envolvidos em seus cruciais problemas e dilemas de natureza moral.

Embora os quadrinhos tenham sido acusados de serem subversivos e corromperem a juventude e de representar um atentado contra a moral e os bons costumes como afirmou o psiquiatra alemão Wertam. Por outro lado, compreende-se que a superaventura guarda incontáveis lições que ensinam crianças, jovens e adultos a buscarem uma vida regulada pela moral. O universo da superaventura é repleto de super-heróis que cultivam os princípios e os valores tão caros a sociedade como um todo, os quadrinhos neste sentido exercem uma função de natureza pedagógica contribuindo com a formação e a educação moral como atestam alguns estudos nessa área de conhecimento.

As histórias em quadrinhos (HQ's) e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema não prejudicam a formação da criança

¹⁰⁴ LAYMAN, Stephan. **Por que ser um super-herói? Por que ser moral?** In: IRWIN, William (org.). *Super-heróis e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2009. p. 141.

e/ou adolescente. No confronto entre o 'Bem contra o Mal', temática recorrente nas HQ's, não induz o leitor/espectador à violência, ao contrário, ensina que é possível resolver um conflito com dignidade moral. As HQ's podem vir a ser instrumento pedagógico para a sala de aula, principalmente para o ensino filosófico, e o ensino da filosofia aristotélica, em sua ética das virtudes.¹⁰⁵

Já no cinema a superaventura e os temas referentes a moralidade podem ser analisados em algumas cenas do filme homem aranha, em uma destas cenas em que ele aparece, a humanidade se torna palco de grandes conflitos envolvendo agentes que lutam tanto a favor do bem, como também a favor do mal. Uma das narrativas começa com uma experiência genética fracassada. Peter Parker em um experimento é afetado pelo veneno de uma aranha a substancia lhe concede superpoderes em que ele será tentado a utiliza-los para sua realização e satisfação pessoal. Em outro momento, no entanto Peter Parker vence uma luta durante um torneio, graças a esses superpoderes, mas na ocasião não é recompensado pelo promotor do evento, que logo depois é vítima de um assalto e não pôde contar com ajuda que esperava do herói aracnídeo para deter o assaltante que foge com o tão sonhado prêmio da luta.

Nesse episódio Peter Parker é bombardeado por uma chuva de perguntas de natureza moral. Ele de fato deveria ajudar o promotor que não lhe recompensou devidamente, que se vê diante de uma situação de extremo risco na mão do criminoso? Ou ele deveria se vingar do mesmo? Nesse momento o Homem Aranha começa a filosofar a maneira clássica e a colocar em cheque, todas as possíveis razões para agir movido pelo senso de moralidade em benefício de outras pessoas que precisam de seus superpoderes, uma vez que ele tem em suas mãos a opção de fechar os olhos para o mundo e voltar-se apenas para os seus próprios interesses. Mas os conselhos de seus velhos tios não o deixam em paz, ressoando em sua consciência impelindo-o a usar sempre seus poderes com responsabilidade na máxima "Com grandes poderes vem grandes responsabilidades."¹⁰⁶

Na tentativa experimental de responder a pertinente pergunta, feita pelo super-herói no filme homem aranha, porque ser moral, que pode traduzir-se na frase

¹⁰⁵ WESCHENFELDER Vanderlei Wescheider, Kronhauer Gilberto Luiz. As HQs e formação moral das crianças. **Congresso Internacional de filosofia e educação**, UCS, 2010. p.2. Disponível em; <http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As%20HQs%20e%20a%20formacao%20da%20consciencia%20moral%20das%20criancas.pdf>. Acesso em 20 mar. 2017.

¹⁰⁶ LAYMAN, 2009, p.186.

que se locupleta porque ser um super-herói? A filosofia através da história oferece algumas pistas que talvez possam enriquecer o debate sobre a moralidade na superaventura. Os teóricos éticos afirmam que as razões mais fortes são justamente aqueles motivos que são movidos pelo dever, esses motivos segundo eles são mais do que suficientes para justificar a ação moralmente correta.

Na verdade, os motivos mais fortes para alguém, ou os super-heróis seguirem no caminho da moralidade esbarra em situações que nem sempre se mostram como a única e segura alternativa, dentre outras possíveis para o sujeito agir moralmente correto. Existem razões mais fortes para o sujeito moral se pautar, que são os motivos considerados de gravidade menor, podendo servir até mesmo de pretexto para atitudes consideradas imorais. Nesse ínterim os motivos mais fortes não oferecem respostas satisfatórias para tentar responder a inquietante pergunta feita pelo homem aranha porque ser moral.¹⁰⁷

Voltando ainda ao exemplo na cena do filme homem aranha, o super-herói se indigna pelo fato do promotor não ter lhe recompensado pelo merecido prêmio, isso o levou a retaliar a atitude ingrata do promotor, mas esta atitude lhe custou muito caro em virtude de sua omissão diante da oportunidade do cumprimento do seu dever e de sua responsabilidade para ter agido prudentemente evitando assim a morte de pessoas que ele tanto amava no caso do seu tio tão estimado. Esse fato oferece um vasto material filosófico para a discussão do primeiro motivo que supostamente levaria alguém a ser moral.

O primeiro motivo, parte do pressuposto de que se deve agir no cumprimento do dever, para que por meio dessa ação se possa evitar consequências negativas e indesejáveis. O fato é que o motivo um, segundo Evans não oferece garantias em determinadas situações cujas consequências são provocadas por atos menores e o pior é que esses atos não são as únicas razões responsáveis pela prática do ato moralmente correto, há outras consequências em nível de gravidade ainda maior que se deseja evitar, fora as questões morais. Há outros problemas segundo Irwin, que o motivo um pode enfrentar considerando o fato de que, se alguém, praticando ou não praticando o ato moral, nada poderá acontecer de grave com o agente da ação moralmente correta.

¹⁰⁷ LAYMAN, 2009, p. 187.

O motivo dois é outra razão que pode incentivar o agente moral, esse fato pode ser exemplificado mais uma vez no filme homem aranha, em outra cena o duende verde interroga o homem aranha, sobre os reais motivos que o levam a ser tão compassivo, socorrendo os seres humanos quando dele precisam. Nesse momento ele responde prontamente e sem titubear, porque é certo. Com essa curta resposta, o motivo dois, segue caminho, indo de encontro com dois grandes ícones da história da filosofia, Kant e Bradley ao reforçarem o argumento de que se deve cumprir o dever moral, independente das recompensas de ordem pessoal.

Com isso a filosofia também segue momentaneamente de mãos dadas agora com a ampla gama de alguns super-heróis, que sempre agiram objetivando o benefício da humanidade, sem nunca almejarem benefícios de ordem pessoal. Mas o motivo dois também não chega a responder satisfatoriamente a pergunta, sobre porque ser moral, pelo fato de que o motivo dois se mostra questionável esbarrando em questões ainda mais complexas, considerando a hipótese de que a própria moral se desfaz ao se apresentar diante do agente moral motivos ainda mais fortes para praticar atos moralmente condenáveis, chegando a ser inconcebível do ponto de vista da moralidade universal de Kant em seu imperativo categórico.¹⁰⁸ Onde ele encoraja o homem a agir de tal modo, como se toda a humanidade agisse juntamente em consonância com sua ação motivada pelo dever.

Já o motivo três apresenta uma concepção filosófica embasada nos três grandes filósofos do período clássico, Sócrates Platão e Aristóteles, Platão enfatiza a necessidade do cumprimento do dever, segundo ele a única forma para se alcançar a paz de espírito, sendo esse o motivo mais forte para alguém ser moral, para Platão a alma é dividida em três partes; Razão. Apetites e o elemento animado, sobre toda e qualquer circunstância a razão precisa sobrepujar os apetites, para que então se possa alcançar a distinção entre o bem e o mal, mas este argumento de certa forma esbarra em algumas questões importantes, segundo Stephen Layman:

A resposta de Platão pode servir para algumas pessoas corretas e morais. Essas pessoas tem a consciência bem formada, sentem-se culpadas quando violam o que a consciência lhes ordenou fazer, talvez se flagelando até por pequenas transgressões. Após a morte do tio, Peter Parker parece ter uma nova sensibilidade ao que a consciência lhe diz. Como muitos outros super-heróis, sempre que ele se sente atraído pela ideia de

¹⁰⁸ LAYMAN, 2009, p. 190.

abandonar sua responsabilidade, o tumulto interior de uma consciência pesada o coloca de novo no caminho.¹⁰⁹

A concepção platônica se mostra insuficiente para explicar casos de pessoas, que não possuem nenhum senso de moralidade, não possuem esse referencial valorativo indispensável às escolhas morais, é preciso também aceitar o fato de que o ser humano não é perfeito e pode estar sujeito a cometer certos deslizes, e nem por isso deixará de continuar trilhando os caminhos da moralidade.

No quarto motivo, entra em cena o filósofo grego Aristóteles apresentando sua brilhante tese da virtude perfeita como condição primordial para o aprimoramento do caráter. Mas o argumento da virtude perfeita de Aristóteles se mostrará também insuficiente para compreender casos de pessoas que apresentam dupla personalidade, isso se evidencia no caso da garota aracnídea na cena do filme Homem Aranha 2, Norm Osborne é um sujeito considerado de índole duvidosa e leva uma vida dupla, ao contrário da garota aracnídea espelho de virtude e retidão. No caso da garota aracnídea a virtude perfeita não se traduzia e nem servia como único valor importante para ela que se encontrava na condição de presa, a liberdade para ela, assumiria uma importância maior em termos mais práticos. Ao contrário de Osborne que durante toda sua vida, sempre tentou levar vantagem em tudo mesmo tendo uma vida dúbia.

Para Layman a virtude perfeita de Aristóteles não se constitui como valor mais importante para algumas pessoas em determinadas situações críticas de suas vidas e nem ser moral na verdade poderá compensar no final de tudo, agir de maneira errada às vezes pode ser um bom negócio, até mesmo porque tal atitude, poderá ter um efeito moderado sob determinadas condições.¹¹⁰

Outra importante tese sobre as razões para alguém ser moral é a chamada compensação duradoura que se constitui num dos temas mais abordados e acalorados nos debates entre os principais filósofos do mundo acadêmico como também fora dele, esses assuntos, podem ser encontrados no contexto da superaventura e na esfera do mundo religioso. A vida após a morte é um dos motivos que alimentam o motivo cinco, cercando a pergunta por que ser moral. O teísmo cristão é uma das religiões que vão reforçar ainda mais o argumento do

¹⁰⁹ LAYMAN, 2009, p. 191.

¹¹⁰ LAYMAN, 2009, p.192-193

motivo cinco ao preconizar que ser moral nesta vida vale a pena, porque após a morte o agente moral será recompensado e não só após a morte valerá apenas ser justo, a ideia da existência de um Deus perfeito basta, para que o sujeito moral possa manter um comportamento íntegro até mesmo na vida presente, evitando assim desagradar e pecar contra Deus e os preceitos da religião.

A reencarnação é outra religião que guarda relação com algum tipo de recompensa em outra vida, embasada pelo motivo cinco, a única diferença é que na doutrina da reencarnação e em algumas formas de hinduísmo, a recompensa será dada aqui mesmo na dimensão imanente da vida, dependendo das ações boas ou ruins praticadas pelos indivíduos, enquanto estiverem aqui neste mundo o ser moral, deverá se esforçar ao máximo para garantir o mesmo grau de intensidade de suas ações visando outro plano de natureza transcendente.

Continua Layman , temos mais duas opções (1) poderíamos aceitar que os motivos mais fortes para a ação nem sempre apoiam o cumprimento do dever moral. “Essa opção é muito perturbadora para a pessoa séria e moral, e leva-nos a limitar nossas apostas” sempre que a moralidade exigir grandes sacrifícios. (2) poderíamos simplesmente revisar o código moral para que ele se tornasse menos exigente e nunca ditasse que façamos coisas que não promovem nosso interesse pessoal nesta vida (antes da morte). Essa opção também é perturbadora para a pessoa séria e moral, e leva-nos a desvios substanciais da moralidade tradicional.¹¹¹

O fato é que o filme Homem Aranha 2, coloca questões que estão acima do conhecimento humano, precisamente algo do âmbito da metafísica (a verdade chamada de natureza última de todas as coisas). E que, no fundo, são perguntas voltadas para os grandes debates da filosofia como o filme bem sugeriu. Tanto é verdade que o autor chega a propor uma analogia entre as altas escaladas dos prédios da grande metrópole e os leitores da superaventura, seriam ambos em questão semelhantes ao homem aranha dando pulos de um lado para outro, da mesma forma ocorre com as ideias em nossa mente, vão surgindo, elas vão saltando de um lado para outro buscando o raciocínio lógico que antes parecia distante separado por milhares de quilômetros sendo agora tão evidentes para todos aqueles que desejam ser super-heróis, necessário se faz que avancem rumo ao infinito e busquem encontrar a essência do bem na natureza cósmica do universo infinito.¹¹²

¹¹¹ LAYMAN, 2009, p. 194.

¹¹² LAYMAN, 2009, p. 196.

A moralidade na superaventura poderá ser explorada dentro de uma dimensão um pouco diferenciada, precisamente na teologia filosófica, já que ambos, tanto o teólogo filosófico, quanto os autores dos quadrinhos possuem interesses em comum relacionados a temas concernentes a ética, moral, céu, inferno, anjos e demônios eles aparecem nas tramas da superaventura e também nas páginas da bíblia sagrada e nos debates acalorados e herméticos entre teólogos e filósofos.

Essas imbricações entre filosofia, religião e superaventura podem ser vistas num dos mais cativantes super-heróis do mundo dos quadrinhos o Super-Homem, junto à figura mais importante do cristianismo Jesus Cristo, criado pelos autores Jerry Siegel e Joe Shuster, não por acaso eram judeus e guardaram grandes semelhanças quando foram criar seu personagem super-homem com as similitudes da vida de Cristo. O menino que veio de Krypton é Kalel, essas características permanecem presentes tanto na criação, como na manutenção desse personagem ao longo dos anos juntamente com seu pano de fundo religioso.

Super-homem é um alienígena dotado de superpoderes e por essa razão ele sempre será convocado a fazer o bem à humanidade em todo e qualquer tempo. No filme Superman II de 1980 a mãe do Superman aparece a ele dizendo-lhe que para ter o amor de Lois Lane, precisará de certa forma abrir mão de seus superpoderes, devendo se dedicar ao amor de Lois, nesse momento Superman sente o peso da grande responsabilidade ante ao mundo que precisa defender, embora não sendo ele o único incumbido dessa missão. Mas a cumpre devido sua índole está sedimentada no terreno da moral e da virtude, ele é e sempre será considerado como alguém que a humanidade pode contar nos momentos mais difíceis em que se encontrarem.

3.2 Construções De Bem e Mal Na Superaventura

As concepções de bem e mal na superaventura chega a ser algo esperado e previsível. É impossível tentar imaginar uma boa trama no universo da superaventura dos quadrinhos sem a presença dos super-heróis que lutam a favor do bem e os anti-heróis que vez por outra vivem tramando e praticando o mal contra a humanidade e seus rivais. Mas vale fazer perguntar novamente por que os super-heróis são bons? É uma pergunta no mínimo curiosa já que se espera naturalmente

que um super-herói procure sempre fazer o bem pelos outros, arriscando até mesmo sua própria vida pelos interesses alheios. Essas e outras perguntas tentarão ser respondidas por meio de uma breve e desafiante análise dos valores de bem e mal na superaventura.

Os quadrinhos ao longo de algumas décadas como já foi mencionado sofreram ataques indiscriminados por alguns especialistas do mundo acadêmico, sob a acusação de incentivarem a violência chegando a receber o rótulo de cultura de massa como já havia sido sinalizado por Eco, ou uma espécie de subcultura um gênero destinado e relegado a um público juvenil e vulnerável.¹¹³

A filosofia como aponta Brenzel tem um importante papel no desvendamento dessa problemática caminhando numa direção que tenta compreender e responder a pergunta; porque os super-heróis dotados de tamanhos superpoderes se importariam com seres inferiores em poder em relação a eles, como é o caso dos humanos e mesmo assim se prestam a lutar pelo bem, em favor dos mesmos?

Respostas satisfatórias a grandes perguntas são sempre difíceis de achar, e os filósofos costumam passar um bom tempo tirando a gordura e o osso até chegar a carne. Nesse caso, perguntar por que os super-heróis são bons nos leva a outra pergunta que pode ser interpretada de maneiras diversas. Há pelo menos um sentido no qual a pergunta quase responde a si mesma, dependendo da definição do conceito de super-herói se um personagem fantasiado não praticasse o bem nem combatesse o mal de um modo reconhecível para o leitor típico, ele não deveria aparecer como protagonista de uma história de super-herói, ou talvez devesse ser um supervilão.¹¹⁴

Mas a tão badalada bondade dos super-heróis já foi colocada sob prova de fogo, pelo argumento da chamada postura opositiva ou subversiva, mesmo admitindo o fato de que quase sempre os super-heróis precisam manter sua essência e postura de bons mocinhos no cumprimento do dever e ainda tendo que escolher prontamente o caminho do bem de modo reconhecível por todos. Outra importante influencia na regulação dos quadrinhos e que de certa forma contribuiu na tentativa de trazer uma resposta razoável sobre a prática da bondade na conduta moral dos super-heróis, se deveu ao código de ética que exerceu um importante papel no sentido de regular as HQs, o novo código obrigava a retirada de aspectos relacionados às histórias de horror e aos apelos a homossexualidade e a

¹¹³ BRENZEL, Jeff. Por que os Super-heróis são bons? Os quadrinhos e o anel de Giges. In: IRWIN, William (org.). **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2009. p. 146.

¹¹⁴ BRENZEL, 2009, p. 147.

delinquência juvenil, as histórias em quadrinhos de acordo com o novo código regulador, deveriam sempre trazer em suas tramas a vitória do bem contra o mal.

Mas durante boa parte do tempo em que os quadrinhos permaneceram no auge entre seus leitores, prova de modo substancial que os super-heróis, continuam muito bem acomodados em sua posição em defesa do bem e isso graças a “imaginação” criativa e literária de seus autores.¹¹⁵ Stan Lee foi e sempre será para alguns fãs o mago e a grande mente da Marvel Comics, Lee enfatiza o papel sempre presente da luta maniqueísta entre forças do bem e do mal como importante ingrediente na manutenção do sucesso nos quadrinhos.

Claro que ao escrever a história típica Marvel, é quase impossível não se envolver em alguma questão filosófica ou moralista paralela, alheia. Afinal, a batalha entre um herói e um vilão (que, no fundo, é a base de todas as histórias) é um conflito básico entre um sujeito bom e um sujeito mau, ou entre o bem e o mal. Por um lado, Lee mantém em vista o componente de “aventura”, focalizando nossa atenção na “batalha entre um herói e um vilão”. Se ele tivesse parado aí, poderia estar dizendo apenas; “A garotada gosta de uma boa luta e nós queremos agradar”. Muitos críticos das histórias em quadrinhos achavam de fato que os quadrinhos só faziam isso, e também acreditavam que essa era a ideia de Stan Lee.¹¹⁶

Mas como também o próprio Stan Lee assevera, nem só de aventuras repletas de ação realizadas por personagens superpoderosos vivem os super-heróis, dos quadrinhos, outra importante e plausível explicação encontrada por Lee é o fato de que mesmo que toda a trama de uma superaventura envolva a luta constante entre forças do bem e do mal, ele destaca o fato de que as questões de natureza moral são bem mais complexas do que simplesmente uma querela maniqueísta gerada, quando ocorre o embate entre essas forças em conflito. Para Lee há com certeza outros fatores envolvendo a questão em pauta.

As histórias de origem é uma dentre muitas supostas explicações que poderão ser dadas no intuito de oferecer outro importante ingrediente a que se serve a superaventura para tentar compreender as construções e as origens de bem e mal nas ações dos super-heróis. Bruce Wayne de acordo com Jeff Brenzel é um personagem do mundo dos quadrinhos que resolveu assumir uma eterna luta contra o crime ao se tornar o famoso Batman e jurar vingança pela morte de seus

¹¹⁵ BRENZEL, 2009, p. 148.

¹¹⁶ BRENZEL, 2009, p. 189.

progenitores na mão de assassinos. Essa tragédia de certa forma contribuiu para dar início a sua trajetória heroica na luta contra o crime na cidade de Gotan Cyte .

Lex Luthor é outro exemplo das histórias de origem que possa tê-lo influenciado para se tornar um supervilão tornando-se o maior arquinimigo do super-homem, depois que o mesmo destrói seu experimento científico seguido de uma falha que atingiu seu cabelo acidentalmente, Luthor acusa o Superman pelo ocorrido, pelo fato do homem de aço guardar em seu íntimo um sentimento de inveja em relação a Luthor por ser um genial cientista.

Mas tanto as histórias de origem, como também as influencias genéticas e as condições externas oferecidas pelo meio social, ou quaisquer outros motivos da ordem do real, por mais contundentes que sejam não explicam em última estância as ações do caráter humano por ser ele talvez propenso ou não a pratica do bem, como fonte de inspiração. O fato intrigante é que o público leitor tem facilidade e inclinação para se personificar e de se identificar com o universo imaginário dos super-heróis dos quadrinhos.¹¹⁷

Na república de Platão em um de seus diálogos, talvez o mais acalorado e complexo no que tange a questão valorativa a respeito do bem, da verdade e da justiça, valores como já foi ressaltado basilares no universo dos super-heróis dos quadrinhos. Platão narra a história de um personagem chamado Glauco que trava com Sócrates debates acalorados a respeito do bem, chegando a afirmar que os interesses de natureza pessoal e a necessidade humana de demonstrar superioridade em relação aos outros, estaria por trás de todos os atos de bondade praticados pelo ser humano.¹¹⁸

Essa seria a visão dura da realidade humana, mas segundo Glauco o fato é que os seres humanos, são egoístas por natureza e só se prestam a fazer o bem se forem coagidos pelos padrões de imposição social que tem a função de puni-los quando não forem impelidos a cumprirem seu dever. Para reforçar seus argumentos Glauco narra à história de um ancestral chamado Giges, que se tornou um mensageiro do rei, logo em seguida encontra um anel em uma caverna e ao se dar conta dos poderes do anel, utiliza-os para fins maléficos numa sucessão de desatinos; comete adultério com a mulher do rei e se apossa do trono.

¹¹⁷ BRENZEL, 2009, p. 151.

¹¹⁸ BRENZEL.2009, p. 152.

Com essa lição Glauco afirma, que assim como o ancestral de Giges, se cada um, munido dos poderes concedidos pelo anel, tanto os maus quanto os bons seriam tentados a cometer atrocidades. Daí a necessidade de freios e mecanismos impostos pela moralidade para que dessa forma, possa-se conter a ganancia dos seres humanos, isso já foi bastante enfatizado pelos filósofos contratualistas, a exemplo de Hobbes o homem em seu estado de natureza é lobo do próprio homem também tal ideia comunga com o pensamento de Nietzsche.¹¹⁹

Vendo por outro prisma o poder do anel, nem sempre por algumas circunstancias, poderia tornar as pessoas mais egoístas. A história do ancestral de Giges foi levada para o cinema no filme o senhor dos anéis, os heróis Frodo Bolseiro, estão dispostos a renunciar sob quaisquer circunstancias o poder tentador do anel mágico. Diante dessas situações colocadas no âmbito da superaventura cabe perguntar; O que fazer com tamanho poder? Poderá o poder ser usado para o bem? Ou para o mal? Não é por acaso que às questões maniqueístas envolvendo a luta entre forças do bem e do mal, juntamente com as indagações da filosofia por meio da moralidade, são intrínsecas ao universo da superaventura ainda mais por envolver os super-heróis com poderes sobre-humanos.¹²⁰

Essa questão parece não ter uma solução tão fácil assim, e nem chegarão a se esgotar com meias dúzias de palavras. Jeff Brenzel seguindo na esteira de Platão e Aristóteles afirma:

As histórias dos super-heróis, portanto, são repletas de buscas pessoais que ajudam a determinar como uma pessoa pode viver melhor com grandes poderes. Considere novamente a difícil e pesadosa decisão do super-homem de volta à ativa, largando o isolamento, no excelente épico de Alex Ross e Mark Waid, Kingdom Come. Pense no esforço fútil que Peter Parker faz para dar as costas aos superpoderes em homem aranha. [...]. Entre as outras coisas que eles fazem, todos os grandes super-heróis nos apresentam importantes perguntas que devemos fazer acerca de nossos poderes e nosso potencial para fazer o bem, e talvez os indiquem porque nossa vida não pode deixar de ser uma exploração de possíveis respostas.¹²¹

As concepções sobre o bem e o mal e as ideias discutidas por Platão continuaram e foram, de certa forma, repensadas por outro filósofo que viveu muito depois dos filósofos clássicos. No século XVIII, Soren Kierkegaard, em seu livro

¹¹⁹ BRENZEL, 2009, p. 153.

¹²⁰ BRENZEL, 2009, p. 155.

¹²¹ BRENZEL, 2009, p. 156.

Obras de Amor, apresenta um conceito conhecido como duplo perigo. O primeiro grande perigo é bastante ameaçador no momento em que os desejos e o egoísmo, impedem a verdadeira prática do bem e do amor ao próximo, essa será uma das principais lutas do cristão, ele precisará vencer o seu próprio desejo e o ódio que nutre dentro de si em relação ao próximo, principalmente quando esses sentimentos e interesses vierem de encontro, aos interesses do outro que ele deve amar.

Superando o primeiro perigo, imposto pelos desejos e interesses pessoais, o cristão ainda encontrará pelo caminho outro sério obstáculo e também de difícil superação que será sua luta contra o mundo, esse é o segundo perigo proposto por Kierkegaard e nisso o pensador dinamarquês se aproxima do pensamento platônico na República, o homem enfrenta na vida muitas lutas, mesmo praticando o bem, levando uma vida reta e mesmo assim poderá sofrer injustiças e perseguições de toda ordem, para exemplificar, Platão recorre ao exemplo de Sócrates que foi um homem integro e reto e justamente por esse motivo teve que pagar um alto preço em nome de sua luta pelo bem e a virtude, contra as autoridades atenienses, Sócrates literalmente encarnou o desafio proposto por Platão.¹²² Nas obras de Amor continua Kierkegaard:

Todos nós entendemos que uma pessoa moral deve ter certa medida de abnegação, vencendo a forte atratividade do desejo egoísta e libertando-se para agir em prol dos interesses dos outros. Kierkegaard apresenta duas maneiras contrastantes de entender a abnegação. A que ele chama de visão “meramente humana” da abnegação é a que você deve “abrir mão de seus desejos, vontades e planos oriundos do amor próprio – assim você será estimado e valorizado como justo e sábio”. A genuína abnegação do cristão (o indivíduo que ama mesmo o próximo) é diferente Kierkegaard diz: “abandone seus desejos e vontades oriundos do amor próprio, abandone seus planos de interesses e propósitos pessoais, para que possa de fato trabalhar de maneira altruísta pelo bem – e então, justamente por esse motivo, tenha tolerância caso seja abominado como criminoso, insultado e ridicularizado.”¹²³

Isso é apenas em nível do estreito terreno da moral humana comum segundo Kierkegaard, não chega a surpreender tanto, muito mais ainda sofreram os santos que padeceram perseguição, isso causaria um grande impacto em qualquer pessoa comum, isso não chegaria nem perto do patamar de altruísmo heroico dos grandes mártires da história da humanidade no mundo cristão e fora dele, que muito

¹²² EVANS, 2009. p. 159.

¹²³ EVANS, 2009, p. 160.

foram homenageados e que servem de exemplo para qualquer um que se aventure pelas trilhas do bem como ensinou Jesus Cristo.

O super-homem dos quadrinhos parece fugir à regra quando se fala do conceito de duplo perigo concebido por Kierkegaard, primeiro, porque ele não enfrenta conflitos de ordem pessoal no sentido de ter que usar seus superpoderes para satisfazer seus interesses pessoais no caso do primeiro perigo, ele está constantemente comprometido com o bem-estar das outras pessoas que estão sob seu raio de ação. O Super-homem conta com uma boa imagem diante do público e da mídia que apoia constantemente sua missão de guardião da justiça e da verdade.¹²⁴

Com o homem aranha a mesma coisa não se repete o super-herói aracnídeo se assemelha em alguns pontos aos seres humanos comuns, sofre conflitos ao ter que abrir mão de seu grande amor por Mari Jane, com o intuito de protegê-la dos supervilões, mas se debate com dilemas de ordem moral. No filme Homem Aranha 2 isso fica bem evidente no momento em que Peter Parker se sente entre a cruz e a espada, chegando ao limite de sua renúncia pessoal e de sua luta pelo bem, ao ser tentado a abandonar seu ofício de herói e escolher viver a vida de um simples mortal. Mesmo que por algum momento de vacilo ele tente usar seus superpoderes para o mal, visando vantagens de ordem financeira, nem por isso chega a querer abandonar sua índole de herói e defensor da justiça. Ele, nesse sentido, é desafiado pelo primeiro perigo apontado por Kierkegaard, terá que vencer a cobiça gerada pelo egoísmo em relação aos seus desejos próprios, ou continuar sua missão, talvez sejam essas as razões para o sucesso estrondoso dos filmes do Homem-Aranha um herói que sempre encontra pela frente, alguém que queira identificar-se com ele.

Mas apesar do Homem-Aranha lutar em defesa das pessoas contra os supervilões e criminosos. Ele também precisa enfrentar os ataques da grande mídia, orquestrados pelo editor do noticiário , que veicula constantemente uma imagem dele totalmente distorcida dos fatos, que em longo prazo trará consequências devastadoras para imagem do homem Aranha, esse é o segundo perigo apontado por Kierkegaard a pressão do mundo, as calúnias infundadas, a falta de reconhecimento de suas boas ações, é o ferro e os grilhões previstos por Glauco, que o herói irá enfrentar a dupla tarefa proposta pelo desafio do duplo

¹²⁴ EVANS, 2009. p. 161.

perigo, vencer a si mesmo, e ao mundo ameaçador que as vezes não lhe aplaude por seus feitos heroicos, nunca lhe dá trégua e nem descanso.¹²⁵

Os X-Men, na superaventura retratam com mais contundência o conceito do duplo perigo esboçado por Kierkegaard nas obras de Amor, sendo os mutantes seres, dotados de incríveis poderes, que os tornam diferentes dos seres humanos e por essa razão sofrem preconceitos por parte deles. A escola de Xavier e de Magneto trabalha em lados opostos, enquanto Xavier e sua escola são exemplos de amor ao próximo e trabalho resignado em prol dos seres humanos, Magneto por sua vez reúne suas forças para destruí-los, alegando não haver razões para Xavier e sua escola continuar a demonstrar amor pelos seres humanos, tendo em vista que os próprios humanos odeiam os mutantes e jamais querem que eles participem de seu mundo.¹²⁶

O primeiro perigo pode ser observado na vida de Logam, o Wolverine, sua vida foi conturbada durante a infância e toda sua memória apagada, Wolverine guarda dentro de si os estigmas de um ser em profundos conflitos pessoais que dificultam sua adesão as forças que trabalham para o bem, a escola de Xavier representa para ele apenas um vislumbre de seu amor não declarado por Dra. Grey que se traduz no único motivo que o mantém ligado à escola de Xavier.

Os X-Men tem uma missão superdifícil, além de terem que enfrentar as perseguições, são obrigados também a tolerar uma forte rejeição por parte dos humanos, por serem mutantes e mesmo assim diante de tantas adversidades, eles em nenhum momento deixam de esboçar seu amor pelos seres humanos, mesmo não sendo retribuídos por isso, a escola de Xavier permanece disposta a seguir seu caminho movidos pelo amor que continuam a esboçar pela raça humana.

Mas quais razões levariam os X-Men a praticarem o bem? Várias acepções podem ser supostas, uma delas diz respeito à questão genética, já que os X-Men possuem o fator X responsável pelas características genéticas diferenciadas em seu DNA. Outra hipótese poderia ser sugerida ao supor que os X-Men temeriam a retaliação dos humanos, e para evitar o ódio deles tentariam praticar o bem na esperança de serem benquistos por eles. Mas nenhuma dessas suposições chegam

¹²⁵ EVANS, 2009, p. 162.

¹²⁶ EVANS.2009, p. 163.

a aranhar a questão em pauta na visão de Stephen Evans¹²⁷. Talvez a explicação que mais se aproxime da resposta, seria apostar no caráter forte de alguém próximo a eles que os tenha ajudado e influenciado decisivamente a seguir o exemplo do bem e do amor, como afirma Kierkegaard:

Deus criou-nos do nada e agraciou-nos com todos os bens que temos. Além disso, Deus nos destinou para o amor de todos os bens que temos com ele mesmo, uma vida que não podemos desfrutar se não amarmos o bem, porque Deus é o puro bem. Se um relacionamento com uma boa pessoa, que é boa para nós, nos impele para o bem, então sem dúvida, uma relação com aquele que é o puro bem – ou pura bondade – e a fonte de todos os bens fará a mesma coisa. Esse relacionamento dá a todas as pessoas, e não só aquela com a sorte de estar perto de outros seres humanos bons, uma causa e um motivo para serem boas, e para aqueles que compreendem o que ganharam, essa relação deve motivar o tipo de gratidão e imitação de modelo subjacente a genuína bondade moral.¹²⁸

Essa é a condição primordial apontada por Platão em resposta a Glauco, como também é uma via sugerida por Aristóteles, corroborada categoricamente por Kierkegaard nas obras de amor. Desta forma, no final das contas, o homem alcançará a felicidade que tanto almeja se atender ao condicionamento do amor ao próximo. Porque Cristo é o exemplo maior do supremo amor.

3.3 Jesus Cristo, o humano em Nietzsche e o super-herói dos quadrinhos

Apesar das controvérsias existentes e as intermináveis discussões nas esferas acadêmicas, no que tange o conceito Nietzscheano do Übermensch e Jesus Cristo ícone da religião cristã no ocidente, sendo que o astro da cultura pop americana super-homem, foi inspirado em Jesus Cristo figura emblemática do mundo ocidental cristão. De todo modo já nos é possível fazer algumas ponderações, depois de alguns passos já dados até aqui na pesquisa, que podem levar a constatação de que de fato não haja as supostas relações aproximativas entre a ideia do Übermensch de Nietzsche e o Superman da cultura pop, mesmo que tenha se buscado pontos convergentes e divergentes que envolvem esses personagens, altamente pertinentes e importantes para o mundo dos quadrinhos.

As tentativas de aproximações foram feitas ao longo da história do pensamento ocidental, muitas destas tentativas foram desastrosas para a

¹²⁷ EVANS.2009, p. 168.

¹²⁸ EVANS .2009. p. 169.

humanidade. Sendo agora possível estabelecer alguns paralelos e contrastes entre os dois personagens. Começando com Arno Bogaerts ao afirmar essa incontestável tentativa de ligação que de certa forma acabou gerando certos monstros antimorais, enquanto o Superman defende abertamente os valores oferecidos pelo cristianismo. Sendo esse um dos motivos que levaram a criação do personagem pela dupla americana Jerry Siegel e Joe Shuster, os autores foram completamente inspirados em Jesus Cristo, pilar da religião cristã, alvo das recorrentes críticas de Nietzsche ao modo a marteladas. Isso sem sombras de dúvidas foi um prato cheio para atrair os autores das HQs que já haviam esboçado seu grande interesse por Nietzsche, inclusive levando para os quadrinhos a concepção de Nietzscheana do Übermensch mesmo que de forma deturpada. O termo original do alemão, foi traduzido para o inglês, exatamente como o nome de “super-homem”, apesar de não haver consenso universalmente aceito pelos tradutores, como já mencionado, sobre o real sentido do Übermensch de Nietzsche, o autor também prefere ficar com o termo original do alemão “Übermensch”.¹²⁹

O conceito sobre o Übermensch de Nietzsche sempre permanecerá em aberto para outras possíveis interpretações no que tange o universo heroico do personagem em discussão. Para Nietzsche o último homem deve ser ultrapassado como no exemplo apresentado por ele, o homem é uma corda estendida sobre um abismo, o Übermensch com afirma Nietzsche encontra-se no outro extremo, ao atravessar o abismo , terá que superar todas as formas de idealizações da moral de rebanho , e quem pretender se aventurar nessa travessia não deverá sob nenhuma hipótese, temer e nem olhar para trás nem tão pouco recear o medo do abismo provocado pelo niilismo da vontade de nada.¹³⁰

Isso pode ser retratado na saga do quarto mundo de Jack Kirby, a fórmula encontrada por Darkseid, inimigo mortal do super-homem. Darkseid consegue descobrir a fórmula misteriosa chamada de antívida, que por sua vez tem o poder de controlar a mente humana, essa fórmula faz alusão ao cristianismo que segundo Nietzsche bloqueia a mente humana e a controla, impedindo a eclosão da vontade de poder.

¹²⁹ BOGAERTS, 2014, p. 95-96.

¹³⁰ BOGAERTS, 2014. p. 98.

De acordo com Arno Bogaerts existem consideráveis discrepâncias entre os personagens em questão, na medida em que se tenta aproximar o *Übermensch* de Nietzsche e o super-homem dos quadrinhos, outro motivo apontado por ele, seria o fato de que o super-herói azul não possui o caráter de um humano comum, embora encarnando uma figura humana, a priori Nietzsche condiciona o alcance rumo ao *Übermensch* apenas ao ser humano propriamente dito, sendo indispensável para isso a superação da moralidade.¹³¹

É a partir da concepção de moralidade e da dimensão de humanidade fornecida por essa mesma moral, que se pode compreender a impossibilidade do Superman de se aproximar do *Übermensch* nietzschiano sob vários aspectos.

De qualquer modo podemos dizer que, em vez de seus poderes é principalmente o lado humano do super-homem, forjado e fortalecido por sua moral e por sua criação no meio oeste dos Estados Unidos em uma fazenda de Smallville por Jonathan e Martha Kent que faz dele um herói. “Como afirmado por Gary Engle; os poderes do super-homem que fazem dele o herói capaz de salvar a humanidade; a completa imersão dos Kent no coração da América faz com que ele queira assim fazê-lo” Em uma recente versão de sua origem de duas páginas entre o impressionante arsenal de poderes e habilidades do super-homem, sua maior arma é definida como seu coração honesto e determinado (e por isso muito humano!) “. Se como alegado por Nietzsche, as sementes do *Übermensch* estão no potencial da humanidade de criatividade, de superação tanto do vazio moral quanto do seu próprio vazio, e a criação de novos valores morais em seu lugar, o super-homem é um bom candidato para tal conceito.¹³²

O Superman apresenta alguns traços de humanidade que de certa forma poderiam ser associado mesmo que vagamente, embora mesmo assim não podendo se enquadrar no perfil do *Übermensch* de Nietzsche, como por exemplo, sua criatividade ao ter que lidar com duas identidades, Clark Kent e o super-homem. Outra característica marcante do homem de aço é sua habilidade demonstrada por ele ao superar dificuldades, ele teve que encarar a triste perda pelo extermínio de milhares de seus compatriotas na destruição do planeta Cípton. Superman é um super-herói que sem sombra de dúvidas enfrentou provas de fogo como nenhum outro na superaventura, isso aparentemente o qualificaria para ser um *Übermensch* nietzschiano no que tange sua força de vontade para vencer as dificuldades, não mais do que isso.

¹³¹ BOGAERTS, 2014, p. 101.

¹³² BOGAERTS, 2014, p. 102.

Mas infelizmente ele esbarra em algumas atitudes que do ponto de vista Nietzscheano, jamais seriam aceitáveis. A forma como o super-homem age para proteger os seres humanos, oferecendo seus poderes para socorrer os fracos e oprimidos, seria uma espécie de muleta para promover certa psicologia da fraqueza, aquilo que Nietzsche se referia ao vitimismo. O Superman sempre está por perto, quando alguém precisar dele, ele é o salvador dos habitantes das grandes metrópoles, bate de frente contra os chamados fortes e opressores que detêm o poder e que fazem uso do mesmo para massacrar os indefesos. Esse comportamento jamais teria a aprovação de Nietzsche, outro agravante é o fato de que o Superman não estaria no caminho para se tornar o *Übermensch*, porque justamente nada cria, mas contenta-se em conservar os valores vigentes da moral dos fracos.¹³³

Na verdade, o Superman, na era de prata, torna-se praticamente um personagem que incorpora de alguma forma os ideais da hegemonia estadunidense tendo como pano de fundo uma concepção religiosa que pudesse ser corroborado pelo mito religioso:

Falando em santos, as entrelinhas religiosas do mito do super-homem nunca estiveram longe da superfície. Como frequentemente notado, ambos o criador do super-homem tem origens judaicas, EL, é uma forma reduzida da palavra hebraica para Deus, e sua história de origem certamente possui paralelos com a de Moisés. Nos dois primeiros filmes do super-homem, o tema messiânico é tornado explícito quando Jor-El, um “pai celeste” do além das estrelas, manda seu único filho para a terra, onde ele poderá servir como luz para mostrar o caminho da grandeza para a humanidade. A interpretação do super-homem como anjo redentor e compassivo usando uma capa, ou, como Grant Morrison o chamou, o “Cristo Americano”, [...].¹³⁴

Toda essa atmosfera em que o Superman repousa, baseada no amor, na fé e na esperança, de um messias que veio do céu, que se abnega e sofre em larga medida pelos fracos é uma coisa que Nietzsche como já foi mencionado repudia veementemente. De todo modo hipoteticamente ainda é possível manter o fiel da balança na medida em que sua origem alienígena compartilhada com seus compatriotas de Cípton, eles também se apresentam como seres fortes num nível de evolução e superioridade acima da média dos humanos e com isso o Superman pode ainda apenas como vislumbre muito distante continuar pleiteando e pensando em ser uma referência comparado ao *Übermensch* nietzscheano.

¹³³ BOGAERTS, 2014, p. 104.

¹³⁴ BOGAERTS, 2014, p. 105.

Um dos entraves para a humanidade sob tutela do Superman chegar ao outro lado da corda sobre o abismo do nada rumo ao *Übermensch*, reside segundo Nietzsche, na incapacidade que os seres humanos têm para encarar a vida e seus desafios de frente saindo de seu estado de subserviência impetrado pelo último homem do niilismo passivo. A proteção exagerada do Superman aos seres humanos, os impede de desenvolverem suas habilidades de sobrevivência num mundo hostil. Isso pode ser exemplificado na trama do filme *The Man of Steel*, Superman na condição de Clark Kent, intervém numa partida de futebol dando suporte aos seus colegas garantindo sua vitória, sem que eles fizessem nenhum esforço para tal proeza. Em outro episódio o helicóptero de Lois Lane é salva mais uma vez pelo Superman, ele estava lá mais uma vez, para garantir a segurança de sua amada. Todas essas circunstâncias, distancia o Superman dos quadrinhos, do *Übermensch* de Nietzsche, pois o mesmo defende a ideia de que somente pelos próprios méritos e forças o homem chegará a superar-se.

No final das contas à humanidade se assemelha a uma criança em seu primeiro estágio de desenvolvimento, ela precisa cair quantas vezes for possível e levantar com as próprias pernas, assim será a humanidade, terá que ser forte e capaz de suportar a existência que se mostra dura e cruel a qualquer ser vivente. O ser humano nessa condição não precisará de um herói paladino ou coisa do gênero, porque ele mesmo é forte o suficiente, e isso segundo Nietzsche é o que nos torna únicos e não iguais como preconizam as leis humanas, ou os povos nos quais se baseiam em uma lei divina e maior para os subsidiar nos momentos de apuros.¹³⁵

Na verdade, o que Nietzsche pensou como sendo o *Übermensch*, juntamente com a versão nazista e as primeiras aventuras do Superman dos quadrinhos, como afirma Arno, são verdadeiros anticristos. O conceito nietzschiano do *Übermensch* como já foi mencionado, sofreu graves e consideráveis distorções em virtude de interpretações desastrosas por parte de sua irmã Elizabeth, como também a versão dos autores americanos Siegel e Shuster, nada tem a ver com o verdadeiro *Übermensch* de Nietzsche considerando a tradução original ainda em aberto para outras interpretações.

Os conceitos deturpados a respeito da ideia de Hitler sobre o *Übermensch* de Nietzsche, quanto também dos autores americanos, estavam a serviço primeiro

¹³⁵ BOGAERTS, 2014, p. 115-117.

aos interesses nazistas de conquista do mundo por meio da doutrinação do pangermanismo, e no caso dos americanos queriam na verdade expandir o seu domínio pelo mundo fazendo uso como já foi supracitado das ideias distorcidas do filósofo alemão.

Entretanto, esse entendimento é apenas parcialmente correto sobre Nietzsche. Mesmo que o super-homem de Nietzsche tenha necessidade de poder e esteja disposto a sacrificar o que quer que seja para alcançá-lo, ele deseja o poder mais pelo seu auto realização e pelo livre-arbítrio pleno do que pela dominação mundial (mesmo se a dominação mundial possa ser considerada uma expressão ou consequência de suas verdadeiras metas). O super-homem de Nietzsche, em outras palavras, possui mais nuances do que a versão de Hitler ou dos primórdios do Super-homem de Siegel e Shuster; ainda assim, todos os três possuem o mesmo ódio à moralidade judaico-cristã, especialmente em sua promoção da pena, da misericórdia e do amor da abnegação.¹³⁶

Jerry Siegel e Joe Shuster fizeram uma reinterpretação equivocada da ideia do *Übermensch* de Nietzsche por meio de uma pequena história para Science Fiction nº 3 “O reino do Super-homem”, e o uso da palavra super-homem se reportava claramente ao *Übermensch* de Nietzsche, apresentando-o como um tipo megalomaniaco, visando apenas a dominação global, tal personagem criado pelos autores traziam mesmo que embrionariamente traços da personalidade de Lex Luthor, taxado de impiedoso. Luthor de fato é alguém com uma vontade cega de dominar o mundo e destruir o Superman. Neste aspecto talvez Luthor possa vagamente se aproximar, mas não pode atender aos pré-requisitos para se tornar um *Übermensch*. Algumas características do *Übermensch* de Nietzsche podem ser percebidas no comportamento de Luthor no sentido de que Luthor pensa apenas em si próprio não se importando com as dores e as necessidades do próximo, sendo essas características de amor ao próximo alusivo aos ideais cristãos. Mas na visão de um grande estudioso de Nietzsche como Walter Kaufman “Os verdadeiros poderosos não estão preocupados com os outros, pois na verdade agem apenas com base em sua saturação e pujança.”¹³⁷

As histórias em quadrinhos trazem um Superman envolvido em aventuras em que ele sempre precisará defender os valores da moral, da justiça e da verdade que na visão de Barkman, nisso o super-homem traz consigo muitas semelhanças com Jesus Cristo. E tais semelhanças com o mais venerado personagem do

¹³⁶ BARKMAN, Adan. **Super-Homem: de Anticristo a Arquétipo de Cristo**. s/l, s/e, 2014, p.127.

¹³⁷ BARKMAN, 2014, p. 126.

cristianismo, faz com que Nietzsche talvez não aprovasse o super-homem dos quadrinhos, por ter sua gênese baseada nos ideais cristãos.¹³⁸

Com isso, chega-se à conclusão de que possivelmente não há ligações entre o Superman da cultura pop com o Übermensch de Nietzsche uma vez que o próprio Nietzsche limita o raio de ação valorativa na superação da ideia de moral cristã e na esfera transcendente de vida que não esteja na imanência, enquanto os valores defendidos pelo Superman são reafirmados constantemente por ele, esses mesmos valores da moral de rebanho encontram-se diluídos na cultura cristã ocidental.

¹³⁸ BARKMAN, 2014. p. 131.

4 FILOSOFIA E SUPER-HERÓIS EM SALA DE AULA

Já foi a época em que os super-heróis dos quadrinhos só ocupavam as páginas das revistas ou das salas de cinema de todo o mundo, hoje os super-heróis dos quadrinhos estão também presentes nos currículos escolares como forma bastante eficaz e didática para ensinar qualquer área do conhecimento humano. A filosofia e os quadrinhos por meio dos super-heróis sempre causaram nos alunos uma paixão inexplicável devido os super-heróis assim como a filosofia, entre os estudantes manterem um diálogo permanente de interrogações sobre assuntos em comum entre esses espaços culturas e de conhecimento. Temas como a vida após a morte, o destino, enfim a própria razão da existência são temas bastante presentes na filosofia e nas tramas da superaventura.

A expressão histórias em quadrinhos só passou a ser utilizada a partir do início do século XX, quando então foram inseridos seus principais elementos; balão, requadro, onomatopeias, linhas cinéticas, metáfora visual e cores¹³⁹ Os temas com as HQs são bastante fáceis de serem reconhecidos no cotidiano de qualquer pessoa mais ou menos a par dos principais traços da cultura ocidental. O trabalho com histórias em quadrinhos é bastante significativo no âmbito escolar, por possibilitar aos alunos uma forma dinâmica de ler e escrever sobre a vida, na sua forma processual e dramática.¹⁴⁰

4.1 A utilidade das HQs dos super-heróis como recurso pedagógico nas aulas de filosofia.

É preciso também destacar, que embora a cultura na qual os alunos do ensino médio estejam inseridos seja permeada pela dimensão imagética, as histórias em quadrinhos possuem essa característica de contar histórias por meio de imagens sem fazer uso as vezes da linguagem verbal, como também pode

¹³⁹ CHAVES, Simone da Silva Chaves; SANTOS, Susana Barbosa. **Problema de Aprendizagem: Fracasso Escolar. De quem aprende, ou de quem ensina?** Belém-Pa. 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bidigital/monografias/problemas_de_aprendizagem_fracasso_escolar.pdf>. Acessado em 19 de dezembro 2017.

¹⁴⁰ INÁCIO, Cleoni Fanelli. **Na escola com as histórias em quadrinhos.** v. 9, n. 26, 2003. Disponível em: <[Http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/view/4551/4274](http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/view/4551/4274)>. Acesso 19 dez. 2017.

perfeitamente coadjuvar as duas modalidades. Necessitando apenas que os leitores para isso esbocem a capacidade de decodificar os códigos apresentados pelas HQs.

Outra grande vantagem das HQs é reforçar o hábito de leitura em sala de aula, contribuindo para a formação de leitores, já há várias experiências bem-sucedidas em instituições de ensino com o gênero das HQs, numa perspectiva de letramento, que se traduz na capacidade exigida dos alunos, em ler e escrever bem. A necessidade de compreensão e análise textos, e principalmente de poder alcançar o público jovem que vem demonstrando grande dificuldade com os textos filosóficos, que geralmente oferecem uma leitura o tanto quanto hermética para o jovem leitor, segundo Silvio Galo¹⁴¹, a leitura filosófica não é uma leitura comum, pois ela é uma técnica apurada de dissecar o texto, a imagem, o mundo, é uma série de operações que antecede a decifração do discurso.

A necessidade de formar leitores, num país com fraca aptidão para leitura, a introdução do gênero com HQs, vem tentar diminuir esse déficit de leitura nas diversas etapas de formação do cidadão leitor que possa torna-lo crítico, como um dos objetivos do ensino de filosofia no sistema educacional brasileiro. A preocupação cada vez maior pela busca de meios que possam despertar nos alunos o interesse pelos textos dos grandes filósofos tem levado pesquisadores e profissionais do ensino a buscar nas histórias em quadrinhos aquilo que se enquadra perfeitamente nessa necessidade esboçada pelos educadores, que precisam aperfeiçoar e potencializar a capacidade criativa de seus alunos por meio dos mais variados recursos. Para isso é necessário que o docente tenha todo um preparo e conhecimento desse recurso para que possa direcionar e aplicar adequadamente as HQs. Seja qual for sua disciplina, poderá desenvolver um material adequado ao nível de aprendizado de seus alunos.¹⁴²

Aplicar e trabalhar as histórias em quadrinhos na sala de aula como recurso de ensino nas aulas de filosofia não é tarefa fácil tendo em vista que ainda ajam algumas resistências que se tem feito sobre essa nova metodologia de ensino, que

¹⁴¹ ASPIS, Renata Lima, Galo Sílvio. **Ensinar Filosofia; um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

¹⁴² ARAÚJO, Gustavo Cunha; COSTA, Maurício Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. **Revista eletrônica de ciências humanas, letras e artes**. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf>>. Acesso em 19 dez. 2017.

nem sempre no meio educativo teve boa recepção, por parte de alguns. Mas todas as pesquisas tem comprovado a eficácia do uso das HQs, no trabalho pedagógico escolar.

Os próprios (PCs) recomendam e garantem que as histórias em quadrinhos devem ser trabalhadas no conteúdo dos temas transversais como (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). As HQs, no mundo do trabalho, vêm sendo largamente utilizada, nas empresas na venda de produtos por meio da publicidade, nas áreas da saúde, em campanhas preventivas, na mídia, em fim sua aplicabilidade segue uma lista interminável de opções onde as HQs, se encaixam perfeitamente.

Segundo Vergueiro¹⁴³, as histórias em quadrinhos há muitos anos já vêm fazendo parte do universo imaginário dos leitores entre o público jovem, entendendo dessa forma que esse recurso motivará de maneira satisfatória o interesse dos alunos, levando-os a se engajarem no processo de ensino da filosofia, permitindo assim, despertar o senso crítico e a curiosidade do alunado. Para isso cabe também ressaltar, o cuidado e a maneira como essa metodologia será aplicada, respeitando o ritmo de assimilação de cada um, o ciclo de aprendizagem e a faixa etária do alunado desde a pré-escola do nível fundamental ao nível médio.

Essas e outras experiências com as HQs mostram a amplitude e os bons resultados com esse gênero, que se for bem utilizado pelo professor, produzirá efeitos satisfatórios, tanto nos lócus educativos, como também em todos os segmentos da vida secular do profissional de ensino,

Na visão de Vergueiro¹⁴⁴, para que o professor esteja apto a utilizar o recurso com as histórias em quadrinhos, é necessário o domínio de todo o processo histórico e metodológico da linguagem das HQs, e seus principais representantes, conhecendo também seu processo de produção e distribuição disponíveis como produto de entretenimento lúdico e leitura formativa e informativa. A escola tem também como um de seus objetivos trabalhar os conteúdos numa perspectiva

¹⁴³ VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma— alfabetização necessária. In: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo:Contexto,2007.Disponivelem;<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>> Acesso em 13 dez. 2017.

¹⁴⁴ VERGUEIRO, 2010.

multidisciplinar, já que a filosofia tem uma característica de pensar os fenômenos do mundo numa perspectiva de conjunto relacionando todos os outros saberes entre si.

As histórias em quadrinhos abrem um leque de possibilidades nesse sentido, como aponta Vergueiro¹⁴⁵, nos estudos por exemplo de geografia, que visa também à leitura de mapas, a utilização das HQs, no ensino de língua portuguesa, possibilitando trabalhar a gramática, levando o aluno a analisar e a dialogar não simplesmente de forma memorística, mas levando-o em conta também os aspectos do contexto da leitura, focando a adequação ou a inadequação da escrita naquele contexto.

Essa experiência com o recurso das histórias em quadrinhos tem se demonstrado bastante enriquecedor nos múltiplos espaços oferecidos pela escola tanto no ensino de filosofia, como nos demais campos de conhecimentos.

Até agora foi apresentado um quadro positivo e promissor do uso das histórias em quadrinhos por meio da superaventura com o intuito de aprimorar o ensino de filosofia na sala de aula, porém não se pode negar os contratempos e as dificuldades de se trabalhar com esse novo gênero, pois, entre os problemas com HQs, estão às imagens muito chamativas que de certa forma desviam a atenção do aluno, quando há excesso de texto nos balões, dificultando a leitura e conseqüentemente, a assimilação do conteúdo.¹⁴⁶

Por isso é necessário todo um preparo substancial dos professores, por meio de domínio amplo com a metodologia das HQs, sem isso não haverá os resultados esperados no sentido pedagógico do termo. As aulas de filosofia poderão se dispersar em um mero entretenimento sem que haja a atividade da leitura e do contato com os textos filosóficos.

As pesquisas feitas por Bari e Vergueiro¹⁴⁷ afirmam que quase todos os alunos já haviam dito a experiência com a leitura de gibis na infância, e depois prosseguiram com o mesmo hábito na adolescência até a vida adulta.

Cabe também ressaltar que houve o apoio dos pais no incentivo à leitura, para que não ficasse apenas restrita ao ambiente escolar, sendo assim a escola também deve dispor de uma biblioteca com um amplo acervo, disponível para que

¹⁴⁵ VERGUEIRO, 2010.

¹⁴⁶ LUYTEN, 2011, p. 25.

¹⁴⁷ VERGUEIRO, 2007, p. 18.

os alunos possam realizar suas atividades de leitura e manter contato com outras áreas de conhecimento.

4.2 O lúdico dos super-heróis e o papel formativo dos quadrinhos em sala de aula

O lúdico está presente no ser humano desde a sua infância e o vem acompanhado pelo resto da vida, afinal sempre o homem terá uma criança dentro de si.

A função primordial do jogo é representar e a base etimológica do termo lúdico vem de ludus, palavra latim, de ludere, de onde deriva diretamente lusus. Ludere pode ser usado para designar o salto dos peixes e outros movimentos rápidos, mas sua etimologia vem da não-seriedade, ilusão, simulação. Ludus abrange os jogos infantis, recreações, competições.¹⁴⁸

O lúdico sempre esteve envolvido com o jogo e o jogo proporciona divertimento e prazer ao jogador levando-o para o interior da brincadeira e como já se sabe é possível aprender brincando. Mas o que teria haver o lúdico com as histórias em quadrinhos? Segundo os estudiosos os quadrinhos possuem também características que as ligam ao lúdico e ao jogo de linguagens com os personagens, propiciando ao leitor momentos em que ele experimenta formas de identificação com as histórias dos personagens nas narrativas.

O lúdico tem um importante papel na promoção da convivência social uma vez que o lúdico pode se manifestar em qualquer fase da vida humana, o homem é conhecido como o “homo ludens”, o homem que joga. Humberto Eco outro importante pensador contemporâneo compartilha dessa mesma ideia ao falar sobre o caráter da ludicidade nas HQs, porque simulam situações em que os adolescentes poderão se identificar com os adultos, sendo a ficção a forma dos adultos lhe dar com as experiências passadas e também futuras.¹⁴⁹

A série Star Wars também agora na versão em quadrinhos pode ser perfeitamente utilizada para mediar o processo de aprendizagem dos alunos ela

¹⁴⁸ CARVALHO. Santos, Leticia. **As histórias em quadrinhos como estratégia lúdica Alternativa para o ensino de ciências:** dando sabor ao saber. 2012. Disponível em: <http://afirse.com/archives/cd11/GT%2007%20-%20POL%C3%8DTICAS%20E%20PR%C3%81TICAS%20CURRICULARES/715_HIST%C3%93RIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>. Acesso em 23 dez. 2017. p. 2.

¹⁴⁹ ECO apud CARVALHO, 2012, p. 5.

oferece um grande potencial a ser explorado em matéria tanto de entretenimento como também no exercício do lúdico por meio de jogos, trabalhando as narrativas transmídia. Com o advento das novas tecnologias que se expandem para todos os segmentos da sociedade, a escola é um importante espaço onde essas novas tecnologias poderão ser exploradas já que elas estão cada vez mais presentes na chamada geração “Z”. Os nativos digitais adeptos do novo paradigma tecnológico que vieram sem sombra de dúvidas para ficar, abrindo assim novas possibilidades de exploração das narrativas transmídia nas aulas de filosofia e demais disciplinas.

A prática com a transmídia é algo novo nas escolas do Brasil, assim como o estudo e as pesquisas sobre o assunto. Essas novas medidas possuem potencialidade no fato de que no formato transmídia, a narrativa original pode ser expandida e pode convergir entre diversas mídias, plataformas e interfaces. Sendo cada fragmento independente, mas havendo uma relação entre eles, seu produto final é genuíno e sua linguagem fundamenta-se na multimídia e hipertextualidade.¹⁵⁰

É uma ótima oportunidade que os educadores têm de relacionar os conteúdos pedagógicos aos temas já muito presentes no universo estudantil dos alunos, a exemplo disso tem-se o trabalho colaborativo e a troca de informações por meio das interações, que de acordo com o filósofo Pierre Levy¹⁵¹ Habitamos todos os meios com os quais interagimos. Os jovens estudantes atualmente compartilham desse novo paradigma da chamada inteligência coletiva.

A série Star Wars é uma narrativa que está presente e circula por diferentes públicos desde sua primeira versão em 1977 e tem uma enorme potencial e grande aceitação não só entre os jovens, mas também em outros públicos de várias gerações que se sucederam.

Já que o presente estudo tem como um dos objetivos estudar os conceitos de bem e mal já bastante presentes nas narrativas discursivas dos mitos na superaventura e também nos filmes. A série das franquias Star Wars no episódio I “A ameaça fantasma, onde aparece o personagem Skywalker e sua mãe habitando um planeta chamado Tatooine ele e sua mãe permanecem ali numa condição de escravos, ele é uma criança e sua infância representa na saga a pureza e a inocência, sua condição angelical de figura celeste faz uma clara alusão ao cristianismo.

¹⁵⁰ CARVALHO, 2012, p. 2.

¹⁵¹ LÉVY, Pierre. **Ciber cultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p.186;196.

Há uma estrutura em toda a trama da saga que remete basicamente aos valores cristãos quando exalta a oposição entre bem e mal na constituição da vida da criança do personagem Anakin Skywalker/ Darth Vader, valores esses que são reproduzidos pela sociedade que se configuram numa espécie de véu de Maya, apontado por Nietzsche.¹⁵² (Literalmente uma espécie de disfarce).

Outro importante assunto que interessa bastante ao público infanto-juvenil é a inteligência artificial tendo em vista ser uma temática bastante recorrente na saga. No momento em que Skywalker começa a desenvolver habilidades extraordinárias ao ser capaz de pilotar naves espaciais e construir andróides, com isso Skywalker ganha prestígio dentro do conselho Jedi, no entanto os membros do conselho, começam a perceber sua simpatia e inclinação pelo lado negro da força. Isso começa a ficar claro na segunda trilogia em que forças do bem e do mal lutam entre si.

Anakin Skywalker meneia e fica confuso entre dilemas de cunho moral, onde ele precisa decidir entre, seguir rigorosamente os dispositivos da ordem ou fugir deles Jedi e sith, luz e trevas, representam o controle impetrado pelas instituições humanas como lembra Foucault, é a ordem e o caos, Nietzsche já diria, “É preciso ter um caos dentro de si para dar luz a uma estrela brilhante.” É um verdadeiro rizoma¹⁵³ de poder em fluxo. O conflito constante entre forças do bem e do mal, forças que de agora em diante farão parte da construção da personalidade tanto de Anakin Skywalker enquanto luta pela ordem Jedi, como também de Darth Vader do lado negro da força.

A ordem e o caos são prefigurados nas palavras do mestre Yoda, representante do conselho de Jedi, ainda no episódio I, ao se referir ao medo como sentimento pertencente a aqueles que militam do lado negro da força, os dispositivos de controle moral são necessários segundo ele para equilibrar as

¹⁵² DOURADO, Zilda. **O controle Moral na saga de Star Wars**: Diálogos entre Michel Foucault e Gilbert Durand. **Revista Percursos linguísticos**, v. 7, n. 14, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15637>>. Acesso em 12 dez. 2017. p. 522.

¹⁵³ O conceito desenvolvido por D&G amplia muito esta definição, justamente pelo fato de que o conceito na botânica não comporta a multiplicidade, se limitando a definir um tipo específico de caule. Para D&G, este tipo de caule em conjunto com a terra, o ar, animais, a ideia humana de solo a árvore, e etc. formariam o rizoma, não se limitando apenas à pura materialidade, mas também à imaterialidade de uma máquina abstrata que o arrasta, sendo, portanto, um conceito ao mesmo tempo ontológico e pragmático de análise. BORGES, Cléber; CABRAL, Diogo. Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari. **Revista Critério**, Disponível em <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/rizoma>> Acesso em 16 jan. 2018.

emoções como a raiva, ódio e o sofrimento, sensações múltiplas que atravessam os indivíduos. Tensão entre discurso da ordem e a contraposição a ordem vigente. Pensando em Nietzsche e em sua teoria das forças oposição, entre fracos e fortes, corpo e alma, mal e bem, verdade e mentira, todas essas zonas de logocentrismo que dão sentido a bacia semântica do ser humano em suas dimensões biológica, social e psíquica presentes desde as narrativas míticas no imaginário do homem.¹⁵⁴

Todo esse turbilhão de pulsões está presente no jovem Skywalker/Darth Vader como elemento provocador da desordem no universo de Star Wars, lembra Foucault e sua concepção sobre o biopoder¹⁵⁵ imiscuído no tecido social por meio da disciplina e da docilização dos corpos, a vida, a saúde, a doença e o sexo. Tudo deve ser disciplinado pelo dispositivo regulador, Foucault como um grande estudioso de Nietzsche talvez iria endossar suas palavras.

A vida como afirma Nietzsche não pode ser domada ou controlada, ela resiste, porque possui uma dimensão dionisíaca, ela rompe, quebra e transgride a ordem vigente como Darth Vader, quando resolve aderir ao lado negro da força é Apolo versus Dionisio. Valores como a verdade, bondade tão caros aos cavaleiros de Jedi foram ojerizados por Nietzsche em sua filosofia do martelo, o filósofo destruiu dos pés à cabeça esse ídolo erigido pelo mundo ocidental cristão. A verdade para Foucault, grande estudioso de Nietzsche forma a teia das práticas e dos discursos da ordem mantidas pelo dispositivo de controle. Vida é e sempre será para Nietzsche vontade de potência, até mesmo no mundo dos cavaleiros de Jedi da ficção. Que segundo Durand representam o repositório do imaginário do trajeto antropológico do homem por meio dos mitos de origem nas diferentes sociedades.¹⁵⁶

No episódio II Anakin Skywalker teve parte do braço direito decepado em uma luta contra um dos dissidentes Jedi aliado dos Sith, expressando assim a concepção dionisíaca da vida como símbolo da dor demonstrando uma condição humana em que ele nada pode fazer para evitar o sofrimento, algo muito bem expresso por Nietzsche, “Não se pode amputar as dores do mundo” Skywalker teve que suportar a dor lancinante do membro amputado e a perda da própria mãe.

¹⁵⁴ DOURADO, 2017, p. 526.

¹⁵⁵ DOURADO, 2017, p. 525.

¹⁵⁶ DOURADO, 2017, p. 528.

Mas também aprendeu uma grande lição, aprendeu a lidar com a disparidade de seus membros, porque quando possuía os dois membros o fazia lembrar-se do equilíbrio da paridade da ordem do corpo na tentativa do controle social, remetendo a Foucault e a Durand, sendo também com isso uma forma de eufemismo, uma vez que o indivíduo é capaz de tolerar o mal de forma disfarçada, a moral como dispositivo de controle, mais uma vez se manifesta tentando manter a ordem da estrutura social, que não deixa de escapar a esses mecanismo por meio da marginalidade.

Anakin Skywalker por fim se rende e resolve seguir o lado negro da força depois de uma série de desatinos dentre eles o envolvimento amoroso com a senadora Padmé, dessa forma incorpora Nietzsche ao romper com a ordem e assumir o seu lado negro ou a má consciência, seu combustível agora é a vontade esboçada pela emoção distanciando-se da filosofia de vida dos cavaleiros de Jedi seguidores da ordem e do equilíbrio. Ele passa agora a viver as mais fortes emoções passou pelo medo de perder Padmé seu grande amor, teve coragem e grande ousadia, experimentou a força avassaladora das paixões humanas, sentimentos que tem seus contrastes com a transitoriedade da vida pelo enfrentamento da morte. Na saga, o lorde Sith ofereceu a Skywalker o poder para vencer a morte usando técnicas do treinamento Sith, mas o detalhe é que ele criou uma poderosa inteligência artificial e a chance de conquistar a tão sonhada imortalidade.

A saga de Star Wars procura por meio do mito responder às inquietantes perguntas que sempre assombraram o homem ao modo também filosófico: quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? De certa forma, perguntas que ajudam também a compreender o eterno dualismo que Nietzsche tanto combateu bem e mal, um sujeito do bem e alguém que luta a favor do mal, sendo retratado pelo lado negro da força e da luz.

Nietzsche já asseverava que o ser humano é constituído na verdade por um emaranhado de forças múltiplas que o compele constantemente, cujas forças vitais de acordo com Foucault precisam ser contidas e controladas pela disciplina e pelo princípio da governamental idade.¹⁵⁷

¹⁵⁷ DOURADO, 2017, p. 535.

A trama da saga em Star Wars também propõe uma discussão paradoxal que permeia a sociedade contemporânea. A questão que envolve o eu e o outro, subjetividade versus objetividade, construídos pelos discursos e seus mitos algo que constitui a personalidade de Skywalker/Darth Vader, que em muitos momentos da trama nunca deixou de esboçar seu lado humano, isso é evidente pelas constantes lembranças de seu filho. A questão pertinente colocada pelo universo de Star Wars e os pensadores contemporâneos Foucault, Durand e Nietzsche por meio da confluência de seus pensamentos.

Nietzsche descarta tudo isso e insiste que não existe dicotomias, se alguém quiser entender o mundo, nunca poderá entendê-lo pelos dualismos da linguagem e da dialética que opõe bem e mal, não se trata de aventuras de mocinhos e bandidos, todos carregam dentro de si uma multiplicidade de sentimentos em constante tensão.¹⁵⁸

A saga como afirma Durand brinca com esses valores e essa lógica é que mantém a estrutura dos mitos dos grandes super-heróis dos quadrinhos e vão além das câmaras secretas de Darth Vader onde se esconde o microcosmo de cada ser humano. Foi partindo da necessidade de unir a ludicidade dos super-heróis dos quadrinhos e a necessidade de contextualização desta pesquisa sobre alguns poucos recortes da filosofia Nietzscheana e o gênero da superaventura dos quadrinhos, que se pensou na possibilidade e uso das histórias em quadrinhos nas aulas de filosofia. Fez-se um convite e ao mesmo tempo um desafio para os alunos do ensino técnico e tecnológico do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) Campus Barra do Corda, interrogando-os se na verdade gostariam de participar de um curso abordando alguns conceitos da filosofia de Nietzsche e os super-heróis dos quadrinhos juntamente com a série das franquias de Star Wars com seu potencial lúdico das transmídias em sala de aula, com duração de 20 horas aulas, aproveitando o ensejo do público juvenil que é bastante afeito aos super-heróis e as séries agora adaptadas aos quadrinhos .

Diante do exposto, pode-se refletir acerca da filosofia a partir de HQs. Nesse sentido, propõe-se a elaboração de planos de aula para o ensino médio no que tange à filosofia.

4.3 Plano de Ensino

São cinco planos de aula para o ensino médio que abrangem um total de vinte horas aula.

¹⁵⁸ DOURADO, 2017, p. 538.

Mestrado Profissional em Teologia

Linha de Pesquisa: Educação Comunitária com Infância e Juventude

PLANO DE AULA DO ENSINO MÉDIO

1. Identificação

Curso: Informática

Disciplina: Filosofia e os super-heróis em sala de aula

Carga horária: 20 horas

Série: 3º ano do ensino médio

Ano: 2018

Professor (a): Kerson Almeida Silva

2. Objetivos

- Apresentar alguns recortes da filosofia de Nietzsche
- Estabelecer os contrastes entre a filosofia de Nietzsche no que tange a moral e a superaventura explorando o personagem Superman da cultura pop.
- Compreender moral e moralidade na superaventura
- Buscar possíveis imbricações entre os conceitos do Übermensch de Nietzsche e os super-heróis dos quadrinhos,
- Trabalhar e problematizar a filosofia moral e os super-heróis em sala de aula utilizando a serie das franquias de Star Wars.
- Estabelecer relações entre os conceitos de proximidade e afastamento entre o Superman dos quadrinhos e o Übermensch de Nietzsche como ideal de superação humana.

3. Metodologia

- Serão ministradas aulas semanais nas turmas. Os formatos das aulas variam de

Modo a proporcionar a diversidade de recursos facilitadores da aprendizagem e geradores de situações de aprendizagem.

- Motivação. Dentre os procedimentos utilizados em sala de aula, destacam-se:
- Aulas expositivas e dialogadas
- Realização e desenvolvimento de projetos em grupo e individuais;
- Realização de oficinas para criação de HQs abordando a filosofia de Nietzsche e o Superman da cultura pop.
- Peças teatrais, encenando algumas cenas do filme homem de aço,
- Psicodrama representando o tema do eterno retorno e o surgimento do Übermensch de Nietzsche.
- Oficina de grafite utilizando os murais da escola que serão desenvolvidos pelos alunos com os principais super-heróis dos quadrinhos.
- Debates com colecionadores de gibis e sua paixão pelos quadrinhos
- Rodas de conversa sobre a moral em Nietzsche e os super-heróis.
- Concurso de painéis mais criativos sobre os principais heróis dos quadrinhos.
- Produção de texto para o roteiro das HQs.
- Juri simulado entre Nietzsche e o Übermensch

4. Conteúdo programático

- O Übermensch de Nietzsche e as controvérsias do nazismo
- Humano demasiadamente humano
- A questão da moral em Nietzsche
- Incorporação dos temas transversais
- Ética
- Problematização de moral e moralidade na superaventura por meio de filmes que retratem as temáticas em questão.
- A integração do conceito do ideal de heroico na sala de aula
- As conceituações de bem e mal na saga de Star Wars correlacionando com a filosofia de Nietzsche.
- Trabalhar as concepções de bem e mal presentes na ordem da força e no lado negro da força, presentes em Stars Wars.
- O que é o bem e o mal
- O que é a justiça

- Os contrastes entre o Übermensch de Nietzsche e o Superman da cultura pop americana.
- Estudo de narrativas de heróis bíblicos
- Jesus Cristo, o Humano em Nietzsche e o Super-herói dos quadrinhos
- O super-homem como ideal da moralidade judaico cristã.
- Filosofia e super-heróis em sala de aula
- Apresentação das HQ e seu subgênero “Super-heróis”
- A origem dos quadrinhos
- Pinturas em cavernas
- Literaturas com gravuras até o aparecimento das impressões em massa
- Cine filosofia em torno do filme “Homem de aço”

5. Avaliação

- Os alunos serão avaliados a cada cinco horas de duração do curso de acordo com a produção e envolvimento com as temáticas.
- Assiduidade
- Pontualidade
- Avaliações escritas, textos, cartazes, entrevistas
- Provas objetivas e subjetivas

6. Referencias

SIMÕES, Mauro. **Nietzsche, a escrita e a moral**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003.

GIACOIA, Jr. Osvaldo. **Nietzsche –col**. Folha explica. São Paulo: Publi-folha, 2000.

STAR WARS – **EPISÓDIO I: a ameaça fantasma**. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 1999. (136 min.). Son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – **EPISÓDIO II: ataque dos clones**. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 2002. (142 min.). Son., color. Legendado. Português.

STAR WARS – **EPISÓDIO III: a vingança dos sith**. Roteiro de George Lucas. Lucasfilm: 20th Century Fox, 2005. (140 min.). son., color. Legendado. Português

REBLIN, Iuri Andreas, **para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis**. Porto Alegre, RS; Asterisco, 2008.

Mestrado Profissional em Teologia

Linha de Pesquisa: Educação Comunitária com Infância e Juventude

PLANO DE AULA DO ENSINO MÉDIO

1. Identificação

Curso: Edificações

Disciplina: Filosofia

Carga horária: 5 horas

Série: 3º ano do ensino médio

Ano: 2018

Professor (a): Kerson Almeida Silva

2. Objetivos

- Compreender quem é o Übermensch de Nietzsche e sua filosofia sobre a genealogia da moral e o caminho para a superação dos valores construídos pelo mundo judaico cristão por meio da moral.
- Compreender alguns conceitos da moral em Nietzsche.
- Compreender as ideias sobre o niilismo na filosofia nietzschiana.
- Compreender os principais contrastes entre o Übermensch de Nietzsche e os Superman da cultura pop.

4. Conteúdo programático

- O Übermensch de Nietzsche e as controvérsias sobre o nazismo
- A ideia de humano em Nietzsche
- A questão moral em Nietzsche
- Os contrastes entre o Übermensch de Nietzsche e o Superman da cultura pop americana.

5. Metodologia

- Rodas de conversas sobre a problematização do conceito do Übermensch de Nietzsche.

- Aulas expositivas e dialogadas
- Oficinas com HQs.

6. Avaliação

- Dissertações
- Entrevistas sobre as temáticas abordadas
- Seminários

7. Referências

SIMÕES, Mauro. **Nietzsche, a escrita e a moral. Campinas.** São Paulo: Editora Alínea, 2003.

GIACOIA, Jr. Osvaldo. **Nietzsche.** São Paulo: Publi-folha, 2000.

Mestrado Profissional em Teologia

Linha de Pesquisa: Educação Comunitária com Infância e Juventude

PLANO DE AULA DO ENSINO MÉDIO

1. Identificação

Curso: Ensino Médio

Disciplina: Filosofia

Carga horária: 5 horas

Série: 3º ano do ensino médio

Ano: 2018

Professor (a): Kerson Almeida Silva

2. Objetivos

- Compreender o conceito de moral e moralidade na superaventura.
- Estabelecer contrastes e relações entre a filosofia de Nietzsche no que tange a moral e os super-heróis dos quadrinhos.
- Entender os temas transversais e sua contextualização em sala de aula.
- Compreender as principais diferenciações entre bem e mal e seu lugar na superaventura.

4. Conteúdo programático

- Moral e moralidade na superaventura
- Ética e moral
- As conceituações de bem e mal na superaventura
- Bem e mal não são facilmente distinguíveis

5. Metodologia

- Rodas de conversas.
- Aulas expositivas e dialogadas
- Oficina com HQs.

6. Avaliação

- Dissertações
- Entrevistas sobre as temáticas abordadas
- Participação

7. Referências

IRWIN, Willian (Org.) **Super-Heróis e a filosofia, Verdade e justiça e o caminho socrático**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.

MARTON, Scarlet. "O homem que foi um campo de batalha". In: NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: São Paulo: Martin Claret, 2003.

Mestrado Profissional em Teologia

Linha de Pesquisa: Educação Comunitária com Infância e Juventude

PLANO DE AULA DO ENSINO MÉDIO

1. Identificação

Curso: Ensino Médio

Disciplina: Filosofia

Carga horária: 5 horas

Série: 1º ano do ensino médio

Ano: 2018

Professor (a): Kerson Almeida Silva

2. Objetivos

- Aprofundar os discursões filosóficas sobre a moral no interior da superaventura
- Estabelecer relações entre os heróis bíblicos e os super-heróis dos quadrinhos.
- Compreender o conceito de ideal heroico para os dias de hoje.

4. Conteúdo programático

- Filosofia e super-heróis em sala de aula
- Estudo das narrativas de heróis bíblicos
- O estudo do conceito de ideal heroico nos super-heróis dos quadrinhos.

5. Metodologia

- Rodas de conversas.
- Aulas expositivas e dialogadas
- Oficina com HQs.

6. Avaliação

- Dissertações
- Entrevistas sobre as temáticas abordadas
- Atividades em grupo

7. Referências

IRWIN, Willian (Org.) **Super-Heróis e a filosofia, Verdade e justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2005.

REBLIN, Iuri Andreas. **O alienígena e o menino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

Mestrado Profissional em Teologia

Linha de Pesquisa: Educação Comunitária com Infância e Juventude

PLANO DE AULA DO ENSINO MÉDIO

1. IDENTIFICAÇÃO

Curso: Ensino Médio

Disciplina: Filosofia

Carga horária: 5 horas

Série: 1º e 3º ano do ensino médio

Ano: 2018

Professor (a): Kerson Almeida Silva

2. Objetivos

- Compreender as controvérsias e as possíveis relações entre o Übermensch de Nietzsche e o Superman da cultura pop.
- Problematizar e compreender o Übermensch de Nietzsche, como ideal de superação humana.
- discutir o filme homem de aço numa atmosfera filosófica, buscando possíveis interfaces com o conceito de Übermensch de Nietzsche.
- Estabelecer interfaces entre a moral em Nietzsche e a saga de Star Wars.

4. Conteúdo programático

- Jesus Cristo, o Humano em Nietzsche e o Super-herói dos quadrinhos
- O Übermensch de Nietzsche como ideal de superação humana.
- Cine filosofia em torno do filme “Homem de aço”
- Filme os últimos dias de Nietzsche em Turim
- Trecho da série Star Wars

5. Metodologia

- Rodas de conversas sobre alguns recortes da filosofia de Nietzsche e os heróis dos quadrinhos.
- Aulas expositivas e dialogadas
- Oficinas com HQs.

6. Avaliação

- Dissertações
- Entrevistas sobre as temáticas abordadas

7. Referências

IRWIN, Willian (Org.) **Super-Heróis e a filosofia, Verdade e justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2005.

MARTON, Scarlet. O homem que foi um campo de batalha. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

5 CONCLUSÃO

A grande aventura ao longo desta pesquisa percorreu três capítulos em que foram abordados algumas ideias e recortes da filosofia de Nietzsche, aspectos tais como a moralidade e as contraposições entre bem e mal. É importante destacar e retomar novamente a inquietante pergunta que fomentou todo o trabalho até aqui, e que agora depois de todo esse percurso podemos seguramente apresentar uma resposta plausível. Conclui-se que, de fato, o *Übermensch* de Nietzsche não se enquadra nas exigências para ser e se aproximar do Superman da cultura pop americana, apesar das especulações em torno desta questão.

O *Übermensch* de Nietzsche não compartilha e nem defende os valores da moral cristã, pelo contrário repudia e propõe a transvaloração e a demolição desses mesmos valores, e em seu lugar propõe a imposição de outros valores que sejam afirmativos em consonância com a vida, com a terra sendo fiel a ela. Superman é Kall-El e seu reino não é deste mundo, sua fonte de poderes se liga a suas origens extraterrestres.

O Superman ao contrário reitera e defende fielmente os seres humanos em suas fraquezas sempre defendendo a moral dos fracos, nem mesmo é possível estabelecer tais ligações no sentido da superação física que seria uma alternativa no sentido de aproximar os dois lados da questão em pauta. O Superman, por sua vez, possui uma identidade alienígena seu corpo não é humano, uma vez que Nietzsche condiciona o seu *Übermensch* à esfera humana impreterivelmente, e os super-heróis procuram a todo custo fugir das limitações físicas inerentes aos humanos.

De todo modo, valeu a pena todo o esforço empreendido rumo a essas respostas que podem, a partir deste trabalho e também de outros que virão, abrir inúmeras possibilidades teóricas em futuras pesquisas, sobre a filosofia de um filósofo altamente complexo e de difícil compreensão. Por isso, muitas vezes, Nietzsche afirmou que seus escritos eram direcionados para os espíritos livres de todo o dogmatismo quer seja das religiões, ou de quaisquer sistemas filosóficos, sua filosofia continuará fascinando as mentes mais brilhantes que desejam novas aventuras pelos densos labirintos da filosofia Nietzscheana.

Ligar e trazer Nietzsche para o universo da superaventura é uma experiência impar no pensamento filosófico, sendo a filosofia a aventura do pensamento sobre o pensamento e pensar Nietzsche e os super-heróis é algo instigante. Ambas as concepções representam inúmeras possibilidades teóricas advindas de temas que abarcaram, por exemplo, a moral cristã altamente influenciada pela religião na figura de Jesus Cristo, fundador de uma das maiores religiões do mundo ocidental. Nietzsche foi defensor dos valores cristão aos quatorze anos e escreveu um poema intitulado “ao Deus desconhecido”, e depois engenhosamente se embrenhou pela genealogia através da histórica e constatou que os homens haviam matado Deus por depositar suas crenças em novos valores que também entraram em decadência.

Nietzsche ganhou muitos concursos de poesia na escola, foi até considerado por muitos como poeta e pejorativamente poeta do nazismo. Mal sabia ele ou talvez pressentia que um dia sua filosofia iria causar um impacto jamais visto na história do ocidente, Nietzsche abalou o mundo seja pelo bem que sua filosofia causou, seja pelo mal a despeito de uma desastrosa interpretação pelas ideias nazistas. Vale também destacar o *merchandiser* das vendas de gibis e livros de autoajuda. E, quem sabe lá, tenha servido aos mais sórdidos interesses. Mas a sua filosofia está para muito além do bem e do mal. Nessas últimas considerações iremos deixar que o próprio Nietzsche fale por si mesmo, não precisando de nenhuma capa, S no peito ou identidade secreta de um super-herói para isso.

Uma das dificuldades encontradas no percurso desta pesquisa foi exatamente a problemática que gira em torno da veracidade do objeto de pesquisa no âmbito acadêmico. Apesar de que está mesma veracidade também venha sendo construída por outros pesquisadores por meio de outros enfoques em diferentes áreas da esfera acadêmica. A verdade é que as possibilidades de se explorar o universo da superaventura ainda não foram esgotadas e há muito que fazer como atesta Iuri Reblin:

Enquanto produto artístico-cultural, as histórias em quadrinhos e o gênero da superaventura são riquíssimos em termos de possibilidades expressiva e analítica, quer seja pelas estruturas narrativas das quais se apropriam, quer seja pela junção harmoniosa entre texto e imagem e as possibilidades infinitamente ricas que as imagens promovem enquanto representação e apresentação da realidade e de sonhos de uma coletividade.¹⁵⁹

¹⁵⁹ REBLIN, 2015, p. 237.

Algumas perguntas possam talvez ficar sem respostas e é exatamente isso que faz da vida uma grande aventura, ter em mente a obrigação que às vezes chega a ser um prazer, conceber a ideia de que sempre se deverá buscar nos horizontes humanos e limitados respostas que satisfaçam a nossa incessante curiosidade. A superaventura por meio dos super-heróis dos quadrinhos foi uma tentativa válida nessa longa jornada de sempre avançar.

Mas pode-se seguramente afirmar que alguns passos foram dados e modestamente se caminhou e se avançou nesta pesquisa, Nietzsche sem sombra de dúvidas é um filósofo para poucos e as vezes para ninguém, pela estranha e difícil tarefa de compreendê-lo, chega a ser de fato uma grande aventura e quem se aventura tem que ser um verdadeiro herói ou um *Übermensch* para tal missão. Essa empreitada nunca terminará nem com esta pesquisa e nem com outras que venham a se enveredar pelos aposentos dos castelos que Nietzsche construiu e muitas vezes teve que demolir, entendendo a vida como ela é, em movimento. Como ele mesmo diz, sua função sempre foi de dismantelar e destruir os belos castelos idealizados pela filosofia com o seu trio de construtores Sócrates, Platão e Aristóteles, o nascimento da tragédia foi esquecido no período homérico e deu lugar ao crepúsculo dos ídolos que parece nunca fenecer, seus raios ainda refletem nos horizontes humanos, mas será o viajante e apenas sua sombra? Haverá outras auroras ou....

Seu trabalho de desconstrução lhe custou muito caro. Nietzsche teve que enfrentar séculos de ódio e de incompreensão por parte daqueles que preferiam viver acomodados em seus castelos de areia com seus frágeis artifícios teóricos, na esperança de que pudessem protegê-los e ajudá-los a enfrentar a dura realidade da existência, onde Nietzsche preconizou que deveria ser festejada com alegria e celebração em meio a própria tragédia.

Pelo fato de Nietzsche ser um severo crítico da moral cristã e o Superman ser um personagem que guarda consigo um dever incondicional de defender até a morte os valores concernentes ao bem e a justiça em prol dos que necessitam dele, durante todo este trabalho a discussão girou em torno dos ideais e dos valores humanos e por essa razão Nietzsche anda na contra mão em relação ao homem de aço dos comics americanos. Mesmo que haja algumas nuances com o personagem Lex Luthor, no que toca algumas características de sua personalidade a exemplo de

seu egoísmo e de sua força e também pela vontade de potência, pelo desejo obcecado de conquistar o mundo e dominar os fracos, nisso talvez Nietzsche concordasse com Luthor.

Os valores cristãos e a moralidade que é uma das pedras de toque da superaventura serão sempre oportunos para confrontar Nietzsche com os super-heróis da superaventura e as tentativas já foram muitas no decorrer dos séculos por muitos roteiristas de histórias em quadrinhos que se prestaram a isso, mesmo que essas tentativas tenham sido movidas por interesses escusos, o filósofo alemão serviu de trampolim para muitas vantagens e conveniências de toda ordem por meio da política e das ideologias totalitárias que levaram a humanidade ao genocídio quase que numa tentativa desesperada de instrumentalização de sua filosofia.

O mundo da superaventura não será mais o mesmo depois que Nietzsche entrou em cena para partilhar dela, não como um herói que a semelhança do Superman que promete salvar o mundo. Nietzsche nunca promete um mundo melhor, mas falou em aceita-lo e afirma-lo como ele é, com a ressalva de que a vida deve ser vivida como obra de arte, algo que ele mesmo experimentou na prática, porque cada um tem o dever de salvar-se a si mesmo. Alguém que tem na vida terrena a única forma de modificação da realidade sem subterfúgios ou aparatos metafísicos, ou poderes sobre humanos tais como os super-heróis que sempre procuram dar uma escapadinha, escapam da própria realidade por meio das fugas. Nietzsche apenas propõe que o humano tente chegar até a outra extremidade da corda. Essa atitude exige uma tomada de decisão rumo ao *Übermensch*, para que isso aconteça o ser humano precisa vencer o medo do abismo, esquecer os fantasmas do passado gerado pelo ressentimento. Como, por exemplo, Peter Parker não sendo um ressentido e nem se fazendo de vítima, mas prosseguir afirmando a vida como se ele fosse uma grande aventura que começa agora na vida presente e vai até ao infinito, o avante dá a ideia de uma aventura interminável pela vida e Nietzsche sempre foi e sempre será reconhecido como o filósofo da vida e fez da filosofia uma arte.

As últimas considerações ficarão a cargo do próprio Nietzsche quando afirma “sei da minha sina”. Um dia meu nome será lembrança de algo terrível. De uma crise como jamais houve sobre a Terra. Da mais profunda colisão de consciências. De uma decisão conjurada contra tudo que até então foi acreditado,

santificado, requerido. Não sou um ser humano, sou uma dinamite, na transvaloração de todos os valores. Eis a minha fórmula para um ato de suprema octognose da humanidade que em mim se fez gene e carne...

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. **As andanças do homem superior em Nietzsche. Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 28, p. 263-295, 2011. Disponível em:

<http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN_28_263_295_artigo_10.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2016.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; COSTA, Maurício Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático-Pedagógico. **Revista eletrônica de ciências humanas, letras e artes**. Uberlândia, n. 2, p. 26-27. Julho/dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf>>. Acesso em 19 dez. 2017.

ARAÚJO, Pablo. **O além do homem; Jovens para sempre. Filosofia, ciência e vida**, n.74, p. 61-62, 2012.

ASPIS, Renata Lima, Galo Sílvio. **Ensinar Filosofia; um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BARCKMAN, Adan. **Super-Homem: de Anticristo a Arquétipo de Cristo**. s/l, s/e, 2014.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e o Super-homem como paradigma da superação pessoal. **Revista Húmus**, v. 6, n. 17, p. 52-65. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/5394/3322>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

BOGAERTS, Arno. A descoberta do Übermensch de Nietzsche no Super-Homem como ideal Heroico. In: WHITE, Mark (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2014.

BORGES, Cléber; CABRAL, Diogo. Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari. **Revista Critério**, Disponível em <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/rizoma>> Acesso em 16 jan. 2018.

BRENZEL, Jeff. Por que os Super-heróis são bons? Os quadrinhos e o anel de Gígas. In: IRWIN, William (org.). **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2009.

CABRERA, Julio. **Para uma defesa nietzschiana da ética de Kant (à procura do super-homem moral) Uma reflexão semântica. Cadernos Nietzsche**, v.6, p. 31-69, 1999. Disponível em: <http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_06_03%20Cabrera.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CARLOS. "Deus está morto": o anúncio Nietzscheano, como crítica a modernidade. **Pensamento Extemporâneo**, 17 mar. 2009; disponível em: <[Http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=41](http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=41)>. Acesso em 11 de set. 2016.

CARVALHO. Santos, Leticia. **As histórias em quadrinhos como estratégia lúdica Alternativa para o ensino de ciências**: dando sabor ao saber. 2012. Disponível em: <http://afirse.com/archives/cd11/GT%2007%20-%20POL%20C3%8DTICAS%20E%20PR%20C3%81TICAS%20CURRICULARES/715_HIST%20C3%93RIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>. Acesso em 23 dez. 2017. p. 2.

CHAVES, Simone da Silva Chaves; SANTOS, Susana Barbosa. **Problema de Aprendizagem: Fracasso Escolar. De quem aprende, ou de quem ensina?** Belém. 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bidigital/monografias/problemas_de_aprendizagem_fracasso_escolar.pdf>. Acessado em 19 de dezembro 2017.

COSTA, Victor, Sócrates; **o problema para Nietzsche. Filosofia, ciência e vida**, n. 47, 2010.

DAVID, Gadon. A descoberta do Übermensch de Nietzsche no Super-Homem como ideal heroico. In: WHITE, Mark. **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras 2014.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DOURADO, Zilda. **O controle Moral na saga de Star Wars**: Diálogos entre Michel Foucault e Gilbert Durand. **Revista Percursos linguísticos**, v. 7, n. 14, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15637>>. Acesso em 12 dez. 2017.

FEILER, Edilson Felício. **Nietzsche; sujeito moral e cultura cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/nietzsche.pdf> >. Acesso em 05 mar. 2018.

FERREIRA, Amauri. Culpa ressentimento e a inversão dos valores em Nietzsche. **Filosofia ciência e vida**, São Paulo, n, 36, 2009.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

INÁCIO, Cleoni Fanelli. **Na escola com as histórias em quadrinhos**. v. 9, n. 26, 2003. Disponível em:<[Http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/view/4551/4274](http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/view/4551/4274)>.Acesso 19 dez. 2017.

LAYMAN, Stephan. **Por que ser um super-herói? Por que ser moral?** In: IRWIN, William (org.). **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2009..

LÉVY, Pierre. **Ciber cultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARTON, Scarlet. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.

MATILDE. Sanches, Brain. O martelo transvalorador. **Revista Trágica**: estudos sobre Nietzsche, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v6n2/matilde.pdf>> Acesso em: 10 nov.2017.

MORRIS, Matt; MORRIS, Tom (Orgs.). **Super-heróis e a Filosofia**: verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2009.

MUNIZ, Heitor. **O Super-Homem de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.36 n.2, p. 149-156, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n2/2316-8242-cniet-36-02-00149.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2002. Prólogo de Para Além do bem e do mal, (1886).

_____. **Assim falou Zaratustra**. Martin Claret, 2002.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Fragmentos 125, p.147-148).

_____. **Nietzsche contra Wagner**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

_____. **O Anticristo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **Sobre verdade mentira no sentido extramoral**. 3 ed. São Paulo: abril Cultural, 1993.

PAIVA, Fábio da Silva. Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores: os exemplos de batman e superman. **Congresso de Leitura do Brasil**, Campinas, 2009. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf> Acesso em: 04 mar. 2018.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. O procedimento genealógico de Nietzsche. **Revista diálogo educacional**, v.1, n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1891/189118252010.pdf>>. Acesso em: 16 nov.2016.

PENZO, Giorgio. Friedrich Nietzsche. O divino como problematidade. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). **Deus na Filosofia do Século XX**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

PETRONIO, Rodrigo. O último homem. **Filosofia, ciência e vida**, São Paulo, ano 6, n. 66, 2011.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

REBLIN, Iuri Andréas. **O alienígena e o menino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

_____. **Para o alto e avante**: uma análise do universo criativo dos super-heróis. Porto Alegre; Asterisco, 2008.

RICHARDSON, Nicolas. DONAVAN, K, Saran. O Super-Homem Deve ser Destruído! Lex Luthor como Anti-Herói Existencialista. In: IRWIN, Willian. **Superman e a filosofia**: São Paulo: Madras, 2014.

VATTIMO, Gianni. **Diálogos com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma— alfabetização necessária. In: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em; <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>> Acesso em 13 dez. 2017.

WESCHENFELDER Vanderlei Wescheider, Kronhauer Gilberto Luiz. As HQs e formação moral das crianças. **Congresso Internacional de filosofia e educação**, UCS, 2010. Disponível em; http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As%20HQs%20e%20a%20formacao%20da%20consciencia%20moral%20das%20criancas.pdf>. Acesso em 20 mar. 2017.